

**AFYA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPEP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E SAÚDE - PPGECS
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS E SAÚDE**

**ENTRE O SABER E O CUIDAR: FORMAÇÃO DOCENTE PARA O
ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES DE MEDICINA COM POSSÍVEIS
TRANSTORNOS MENTAIS**

DANIA LEMOS DIONÍZIO



Duque de Caxias
Outubro/2025

ENTRE O SABER E O CUIDAR: FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES DE MEDICINA COM POSSÍVEIS TRANSTORNOS MENTAIS

DANIA LEMOS DIONÍZIO

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado Profissional do
Programa de Pós-Graduação em
Ensino de Ciências e Saúde da
Afya Universidade Unigranrio,
como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau
de mestre.

Área de Concentração: Ensino das Ciências e Saúde
Linha de Pesquisa: Abordagens Conceituais

Orientadora
Dra. Eline das Flores Victor

Prof^ª. Titular
Programa de Pós-Graduação em
Ensino de Ciências e Saúde
Universidade do Grande Rio

Duque de Caxias
Outubro/2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE

AFYA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO – BIBLIOTECA EUCLIDES DA CUNHA

D592e Dionízio, Dania Lemos.

Entre o saber e o cuidar : formação docente para o acolhimento de estudantes de medicina com possíveis transtornos mentais / Dania Lemos Dionízio. – Duque de Caxias, 2025.

104 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Saúde) – Afya Universidade Unigranrio, Escola de Ciências da Saúde, Duque de Caxias, 2025.

“Orientadora: Dra. Eline das Flores Victer”.

Referências: f. 90-94.

1. Ciência - Estudo e ensino. 2. Professores universitários. 3. Saúde mental. 4. Doenças mentais. 5. Estudantes de medicina. I. Victer, Eline das Flores. II. Afya Universidade Unigranrio. III. Título.


CDD – 610.71

Dania Lemos Dionízio


**ENTRE O SABER E O CUIDAR: FORMAÇÃO DOCENTE PARA O
ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES DE MEDICINA COM POSSÍVEIS
TRANSTORNOS MENTAIS**

Dissertação submetida à Banca Examinadora como parte dos requisitos necessários
à obtenção do grau de mestre


Aprovada em 16 de outubro de 2025, por:

Documento assinado digitalmente
 **ELINE DAS FLORES VICTER**
Data: 21/10/2025 18:49:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dra. Eline das Flores Victer (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde - PPGECS
Afyá Universidade Unigranrio (UNIGRANRIO)

Documento assinado digitalmente
 **DENISE ANA AUGUSTA DOS SANTOS OLIVEIRA**
Data: 21/10/2025 16:32:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Denise Ana Augusta dos Santos Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde - PPGECS
Afyá Universidade Unigranrio (UNIGRANRIO)

Documento assinado digitalmente
 **EUSILEA PIMENTA ROQUETE SEVERIANO**
Data: 16/10/2025 17:47:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Eusiléa Pimenta Roquete Severiano
Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNICEPLAC)

Documento assinado digitalmente
 **IVANA PICONE BORGES DE ARAGAO**
Data: 16/10/2025 17:28:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ivana Picone Borges de Aragão
Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas a Saúde - PPGCAS
Universidade de Vassouras (UNIVASSOURAS)

Duque de Caxias
Outubro/ano

Dedico esse trabalho a todos os meus colegas professores, que além de se mostrarem sempre dispostos a contribuir para esta pesquisa, enfrentam grandes e silenciosas batalhas com sua própria saúde mental também. Ainda assim, trabalham com a desafiadora arte de ensinar medicina a adultos no contexto atual, onde o sofrimento psíquico está em franca ascensão.

Saúde mental é uma prioridade, e não um luxo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pela honra de poder colaborar com o bem-estar de outras pessoas por meio da Medicina.

Ao meu grande amor, Rodolfo, por sempre me apoiar e acreditar em mim - mesmo quando nem eu mesma acredito.

Aos meus filhos: Eduardo, pelas inúmeras vezes em que, com paciência, me ajudou com detalhes técnicos; Alexya, que leu meus escritos com seu olhar jornalístico e contribuiu para a clareza e compreensão do texto; e Vinícius, por sempre me impulsionar a superar desafios com palavras de carinho e incentivo.

Aos meus colegas professores, que gentilmente contribuíram com esta pesquisa - em especial, Dantas, Renato e Daniela, companheiros de tantas horas de trabalho e troca.

À minha orientadora, Eline, por seu conhecimento, paciência e alegria compartilhados ao longo dessa jornada.

Aos meus alunos, predominantemente da geração Z, que são fonte constante de minhas preocupações com o bem-estar psíquico da humanidade e que, em breve, serão os médicos do futuro.

Aos pacientes atendidos, que me inspiram diariamente a buscar aprimoramento e me tornaram quem sou.

À psicopedagoga do NApA, Stella, pelo apoio generoso, carinho e prontidão em colaborar com a pesquisa.

À instituição UNICEPLAC, pelo apoio ao programa de pós-graduação e pelo incentivo contínuo à pesquisa.

A todos vocês, meu profundo e sincero agradecimento.

APRESENTAÇÃO

Inicialmente, pensei que seria fácil falar de como cheguei até aqui. Todavia, ao repensar na minha trajetória, vários fatos e momentos me vieram à mente. Sou Dania Lemos Dionízio, graduada em Medicina pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Uberaba, Minas Gerais. De lá, parti para a capital federal, onde, além de conhecer pessoas maravilhosas que me acolheram tão bem, me especializei em Pediatria e, posteriormente, em Reumatologia e Alergia / Imunologia. Desde então, após muitos convites, tive prazerosas experiências como professora em vários cursos de medicina em Brasília, como a Universidade Católica de Brasília (UCB), a Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS) do Distrito Federal e o UNICEPLAC - União Educacional do Planalto Central, onde trabalho no momento atual. Além disso, sou preceptora da Residência Médica em Pediatria no Hospital Regional de Taguatinga, pela Secretaria Saúde do Distrito Federal. Atuo ainda, como supervisora do Programa de Residência Médica em Pediatria do Hospital Regional de Taguatinga - SES / DF, desde 2018.

Atualmente, integro o corpo docente do curso de Medicina do UNICEPLAC, onde leciono no eixo Cognitivo e atuo no eixo de Habilidades, prestando assistência às crianças no ambulatório da universidade, junto aos estudantes, como também na Simulação Realística do internato em Pediatria. Trabalho no ambulatório e na enfermaria de Pediatra na SES/DF, com ênfase em Alergia, Reumatologia e Nefrologia pediátrica no Hospital Regional do Taguatinga, conjuntamente aos estudantes do internato e residentes de Pediatria.

Como professora inserida no contexto atual de crescente prevalência de transtornos mentais entre estudantes universitários, tenho vivenciado, no cotidiano acadêmico, situações nas quais o sofrimento psíquico se manifesta de forma sutil, porém impactante — seja nas discussões em grupo, nas apresentações orais ou mesmo durante a realização de avaliações. Esses episódios têm despertado em mim inquietações e preocupações constantes.

Ao longo de toda a minha trajetória profissional, atuei no ensino da graduação e da pós-graduação (na Residência Médica), e o desejo de aprimorar minha abordagem, comunicação e didática sempre esteve presente. Assim, espero que minha caminhada pelo mestrado seja marcada pelo desenvolvimento de competências que fortaleçam minha atuação no processo de ensino-aprendizagem,

incluindo um manejo mais sensível e ético diante de situações em que o estudante esteja, possivelmente, enfrentando um sofrimento emocional.

*"Ainda que eu falasse
A língua dos homens,
E falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria..."*

*É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade,
O amor é bom, não quer o mal,
Não sente inveja ou se envaldece!*

Renato Russo

RESUMO

A saúde mental dos estudantes universitários, especialmente nos cursos de Medicina, tem se tornado uma preocupação crescente diante da alta prevalência de transtornos mentais e da limitada preparação dos docentes para lidar com essas situações. Este estudo apresenta o percurso metodológico e os resultados de uma pesquisa qualitativa aplicada, que investigou o conhecimento e as práticas de professores diante do sofrimento psíquico discente, culminando na elaboração do Produto Educacional “Presenças que Cuidam: Caminhos para o Acolhimento de Estudantes de Medicina com Possíveis Transtornos Mentais”. O trabalho baseou-se em levantamento diagnóstico com docentes e em análise documental institucional, subsidiando a construção de um guia de orientações destinado a ampliar a percepção e a atuação pedagógica diante de estudantes em sofrimento. Os temas abordados no Guia foram definidos de acordo com os transtornos mentais mais prevalentes entre os estudantes da instituição, como Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno Depressivo Maior, Estresse Crônico (Burnout) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), garantindo aderência à realidade observada. O processo de validação — realizado por meio da leitura do material, aplicação de questionário avaliativo e reunião virtual — possibilitou identificar percepções, lacunas formativas e sugestões de aprimoramento. Os resultados demonstraram que o Guia é compreensível, relevante e aplicável, sendo reconhecido pelos docentes como um recurso útil para a prática pedagógica e para o fortalecimento de estratégias institucionais de acolhimento. Além de confirmar sua pertinência como instrumento formativo, a pesquisa evidencia o potencial do material para inspirar políticas de educação continuada e promover uma cultura acadêmica mais empática, sensível e comprometida com a saúde mental no ensino superior.

Palavras-chave: Professores universitários. Saúde mental. Transtornos mentais. Estudantes de Medicina. Produto educacional.

ABSTRACT

The mental health of university students, especially those enrolled in medical programs, has become an increasing concern due to the high prevalence of mental disorders and the limited preparation of professors to deal with such situations. This study presents the methodological process and results of an applied qualitative research that investigated teachers' knowledge and practices when faced with students experiencing psychological distress, culminating in the development of the Educational Product "*Presenças que Cuidam: Caminhos para o Acolhimento de Estudantes de Medicina com Possíveis Transtornos Mentais*" (*Presences that Care: Pathways for Supporting Medical Students with Possible Mental Disorders*). The research was based on a diagnostic survey conducted with professors and institutional document analysis, supporting the creation of a guidance manual designed to expand teachers' awareness and pedagogical approaches when dealing with students in emotional suffering. The topics addressed in the Guide were defined according to the most prevalent mental disorders among students at the institution, such as Generalized Anxiety Disorder, Major Depressive Disorder, Chronic Stress (Burnout), and Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), ensuring adherence to the actual context observed. The validation process—carried out through the reading of the material, an evaluative questionnaire, and a virtual meeting—allowed the identification of perceptions, training gaps, and suggestions for improvement. The results demonstrated that the Guide is clear, relevant, and applicable, and was recognized by professors as a useful resource for pedagogical practice and for strengthening institutional strategies of student support. Beyond confirming its pertinence as a formative tool, the research highlights the Guide's potential to inspire continuing education policies and promote a more empathetic, sensitive, and mentally healthy academic culture in higher education.

Keywords: University professors. Mental health. Mental disorders. Medical students. Educational product.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Fluxograma de atendimento pelo NApA, 2024	33
Figura 2: Fluxograma de atendimento pelo NApA, 2025	34
Figura 3: Fase exploratória da pesquisa	36
Figura 4: Distribuição por gênero dos estudantes atendidos pelo NApA	40
Figura 5: Estudantes atendidos no NApA com queixas relacionadas à saúde mental - por gênero	41
Figura 6: Estudantes com queixas relacionadas à saúde mental e estudantes encaminhados	41
Figura 7: Estudantes encaminhados ao neurologista ou psiquiatra – por gênero	42
Figura 8: Prevalência dos transtornos mentais em estudantes de medicina	43
Figura 9: Demonstração gráfica dos picos de transtornos mentais sobre estudantes de medicina do UNICEPLAC (2022- 2024)	44
Figura 10: Nuvem de palavras	64
Figura 11: Fase de execução da pesquisa	67
Figura 12: Capa do produto educacional	68
Figura 13: Sumário do Guia de Orientações	69
Figura 14: Fase de validação da pesquisa	70
Quadro 1: Fases de organização da pesquisa	29
Quadro 2: Procedimentos metodológicos (FASE I)	35
Quadro 3: Etapas da análise das respostas dos professores ao questionário 1	51
Quadro 4: Categorias das situações vivenciadas pelos professores com relação ao sofrimento psíquico de seus estudantes	75
Quadro 5: Categorias dos comentários dos professores com relação ao Guia	83

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

NApA: Núcleo de Apoio Discente e Acessibilidade

OSCE: *Objective Structured Clinical Examination* (Exame Clínico Objetivo Estruturado)

TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TM: Transtornos Mentais

TMC: Transtornos Mentais Comuns

UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNICEPLAC: Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	15
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1- O aumento da prevalência dos transtornos mentais na Academia	19
2.2- A formação docente e saúde mental no ensino superior	21
2.2.1 – Formação inicial e continuada de professores	21
2.2.2 – Políticas institucionais e responsabilidade compartilhada	24
2.3- Levantamento bibliográfico sobre a formação docente em Saúde Mental	28
3- METODOLOGIA DA PESQUISA	30
3.1- Fases da Pesquisa	30
3.2- Participantes e Cenário	31
3.2.1- Sobre o UNICEPLAC e seu curso de Medicina	31
3.2.2 - Professores do curso de Medicina do UNICEPLAC	32
3.2.3 – Os núcleos de Atenção Psicopedagógica no Brasil e o NApA do UNICEPLAC	33
3.3- Coleta de dados e os procedimentos de análise em cada fase	35
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	40
4.1- Os transtornos mentais mais prevalentes nos estudantes de medicina do UNICEPLAC e o papel do NApA	40
4.2- Considerações sobre o acolhimento e suporte psicológico oferecidos pelo NApA	47
4.3- Percepções dos professores sobre saúde mental e educação médica	48
4.4- Considerações sobre as percepções dos professores	51
4.5- Reflexões qualitativas sobre os desafios docentes e propostas de intervenção	52
4.5.1 - Organização das respostas e definição das categorias temáticas	52
4.5.2 - Análises das respostas – categorização e interpretação	56
4.6- Discussão dos resultados com reflexão crítica	61
4.7 - Representação de dados qualitativos em nuvem de palavras	65
5- O PRODUTO EDUCACIONAL	67
5.1 - Metodologia para confecção do Guia	67
5.2 - Estrutura e conteúdo do material	68
6- APLICAÇÃO E VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	71
6.1- Processo de validação e participação docente	71
6.2- Resultados e Discussão da validação - análise qualitativa	72
6.2.1 - Análise detalhada das respostas ao questionário	72
6.3- Considerações finais da aplicação do Guia	85
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
8- REFERÊNCIAS	90
9- ANEXOS E APÊNDICES	95
9.1- ANEXOS	95
9.2- APÊNDICES	100

1. INTRODUÇÃO

A preocupação com a saúde mental no ensino superior tem ganhado destaque nos últimos anos, refletindo a crescente incidência de transtornos psíquicos entre estudantes e docentes. Apesar dessa realidade, a formação inicial dos professores universitários ainda prioriza competências técnicas e conteúdos disciplinares, depreciando a preparação para lidar com o sofrimento emocional dos alunos (Constantino, 2022). Essa lacuna compromete a capacidade do docente de perceber sinais de vulnerabilidade e de adotar práticas acolhedoras no contexto acadêmico.

A ausência de espaços sistemáticos para o debate sobre saúde mental durante a formação docente contribui para a manutenção de uma cultura institucional que invisibiliza o sofrimento psíquico dos estudantes. Muitos docentes relatam insegurança diante dessas situações, por desconhecerem orientações claras sobre os limites ético-pedagógicos da sua atuação (Resende, 2025), o que reforça a necessidade de uma formação mais sensível e ética, alinhada às demandas contemporâneas da docência.

Paralelamente, observa-se o adoecimento mental entre os próprios docentes, provocado por fatores como excesso de carga horária, precarização das condições de trabalho, baixa valorização e cobranças crescentes por produtividade. Esse contexto tem provocado estresse, ansiedade e *Burnout* entre professores do ensino superior (Alves *et al.*, 2025), o que afeta diretamente sua saúde emocional e sua disponibilidade para acolher os estudantes.

Diante desse cenário, a formação continuada configura-se como uma estratégia indispensável para fortalecer a atuação dos professores frente às demandas relacionadas à saúde mental. Programas formativos que abordem temas como escuta qualificada, recepção sensível e encaminhamento institucional adequado podem contribuir para práticas pedagógicas mais humanizadas e comprometidas com o bem-estar discente (Aguiar *et al.*, 2024).

A literatura também destaca a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais no exercício da docência universitária. Habilidades como empatia, escuta ativa, manejo emocional e comunicação assertiva ampliam os vínculos de confiança e permitem que os professores se sintam mais preparados para intervir com ética e responsabilidade diante de situações de crise emocional (Alves *et al.*, 2025), atuando de forma articulada com os setores institucionais de suporte.

Entre as estratégias recomendadas, destaca-se a criação de materiais instrucionais que auxiliem os professores na identificação de sinais de sofrimento mental e nos procedimentos adequados de encaminhamento. Constantino (2022) ressalta que o desenvolvimento de políticas efetivas de prevenção ao sofrimento psíquico requer a inserção de conteúdos relacionados à saúde mental nos cursos de licenciatura, de modo a promover uma formação docente mais sensível às questões emocionais dos estudantes. Essa abordagem contribui para a articulação entre teoria e prática, respeitando a autonomia do professor e fortalecendo sua atuação no cotidiano acadêmico.

No entanto, apesar do aumento da prevalência de transtornos mentais comuns (TMC) entre estudantes universitários, especialmente em cursos da área da saúde, muitos professores ainda relatam dificuldades para lidar com essas situações em sala de aula. Dados do questionário aplicado nesta pesquisa revelaram que a maioria dos docentes do curso de medicina do UNICEPLAC não se sente preparada para reconhecer ou abordar possíveis sinais de adoecimento psíquico entre os estudantes, nem sabe como proceder com o encaminhamento institucional adequado.

A análise documental realizada junto ao NApA da instituição revelou um número expressivo de estudantes cadastrados com transtornos como Ansiedade Generalizada, Transtorno Depressivo Maior, Estresse, Transtornos mistos e TDAH. No entanto, esse número pode ser ainda maior, considerando que muitos alunos realizam acompanhamento fora da universidade e não constam nos registros do núcleo. Esses dados evidenciam uma demanda crescente e, muitas vezes, silenciosa.

Como agentes fundamentais do processo de ensino-aprendizagem, os professores universitários precisam contar com orientações claras e recursos pedagógicos que os ajudem também em situações que exigem escuta sensível e encaminhamento. Nesse contexto, a proposta de um Guia de Orientações aos Professores Universitários representa uma ação concreta e necessária de apoio formativo, no âmbito de um mestrado profissional.

O material reúne conhecimentos teóricos e práticos, com linguagem acessível, e visa fortalecer o papel docente na promoção de um ambiente acadêmico mais inclusivo, ético e atento às dimensões humanas do processo educativo. Ao oferecer suporte para o reconhecimento de sinais de sofrimento mental e para a definição de estratégias de acolhimento e encaminhamento, o Guia se propõe a ser um instrumento de transformação pedagógica e institucional.

Diante dessa realidade, a pesquisa orienta-se pela seguinte pergunta de partida: **De que maneira um material didático-instrucional poderia contribuir na abordagem dos professores do curso de medicina em relação aos estudantes com possíveis transtornos mentais e nas estratégias de acolhimento e encaminhamento?**

A criação de um material didático-instrucional para professores pode colaborar com suas práticas pedagógicas ao oferecer orientações claras sobre como identificar sinais de sofrimento mental nos estudantes, além de propor estratégias de abordagem e encaminhamento que promovam um ambiente universitário mais acolhedor.

O Objetivo Geral da pesquisa é: **Contribuir para a formação de professores universitários sobre os sinais de sofrimento psíquico de estudantes para o acolhimento e encaminhamento.** E quanto aos Objetivos Específicos: Analisar registros do NApA para identificar os TM mais prevalentes; Compreender, por meio da análise qualitativa das respostas docentes, como os professores percebem e significam os transtornos mentais entre os estudantes ; - Elaborar um Guia de Orientações aos Professores.

Esta dissertação está organizada em seis seções principais: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados e Discussão, O Produto Educacional e as Considerações Parciais.

A Introdução contextualiza a pesquisa e justifica sua relevância diante do crescente adoecimento mental entre estudantes universitários, especialmente no curso de medicina, e da ausência de preparo específico dos docentes para lidar com essas situações. Também são apresentados os objetivos do estudo, com ênfase na proposta de criação de um produto educacional voltado ao apoio formativo dos professores.

A segunda seção é dedicada à Fundamentação Teórica, onde revisitamos o arcabouço conceitual que sustenta este estudo. Inicialmente, examinamos o crescente cenário de prevalência dos transtornos mentais (TM) em contextos universitários, destacando fatores que contribuem para seu avanço nas últimas décadas. Em seguida, abordamos o papel do professor universitário na identificação e acolhimento de estudantes com transtornos mentais comuns (TMC), evidenciando as lacunas ainda presentes na formação pedagógica tradicional. Por fim, refletimos sobre a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais, das estratégias educacionais e institucionais, bem como das políticas públicas e da

responsabilidade compartilhada, buscando estratégias que promovam um ambiente universitário de real apoio e bem-estar.

A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, desenvolvida com professores do curso de medicina do UNICEPLAC (DF). A metodologia foi organizada em três fases: exploratória, de execução e de validação, envolvendo análise documental dos registros do NApA, aplicação de questionários e construção de um material didático-instrucional a partir das evidências coletadas.

A quarta seção apresenta os Resultados e Discussão da pesquisa, com destaque para as informações obtidas junto ao NAPA sobre os transtornos mentais mais prevalentes entre estudantes de medicina, bem como as percepções dos professores sobre o acolhimento discente.

A quinta seção é dedicada à apresentação do Produto Educacional: **“Presenças que cuidam: Caminhos para o Acolhimento de Estudantes de Medicina com Possíveis Transtornos Mentais - Guia de Orientações aos Professores.”** Esse material foi estruturado a partir dos dados coletados junto ao NApA e da análise das principais demandas formativas apresentadas nas respostas dos docentes. Elaborado com linguagem acessível e conteúdo prático, o Guia visa apoiar os professores na identificação de sinais de sofrimento psíquico, na abordagem ética e empática aos estudantes e no encaminhamento adequado aos serviços de apoio institucional.

Por fim, a sexta seção apresenta as Considerações Finais, que sintetizam as contribuições deste estudo após a finalização de todas as etapas metodológicas, incluindo a validação do Produto Educacional. O material desenvolvido — *Presenças que Cuidam: Caminhos para o Acolhimento de Estudantes de Medicina com Possíveis Transtornos Mentais* — foi submetido à apreciação dos docentes, cujas respostas indicaram que o conteúdo é pertinente, compreensível e aplicável à prática cotidiana.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Falar sobre saúde mental no ensino superior é, antes de tudo, reconhecer que professores e estudantes compartilham fragilidades, pressões e desafios cotidianos. Neste cenário, torna-se essencial ponderar sobre a formação docente e refletir e o quanto ela prepara - ou não - o professor para lidar com manifestações de sofrimento psíquico dos estudantes que se manifestam em sala de aula. A seguir, destaca-se o aumento da prevalência dos TM em ambientes universitários e discutem-se as principais lacunas, desafios e possibilidades de apoio formativo aos docentes, com base em contribuições teóricas que abordam o papel da universidade, da formação continuada e das competências socioemocionais no enfrentamento dessa realidade.

2.1 – O aumento da prevalência dos transtornos mentais na Academia

A Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou uma grande revisão sobre saúde em 2022. Segundo este relatório, cerca de 1 bilhão de pessoas no mundo possuem algum tipo de transtorno mental. A desigualdade social, a guerra, a crise climática e a pandemia de Covid-19 são grandes ameaças à saúde global. De acordo com o estudo da OMS e o Ministério da Saúde - Brasil, a depressão e a ansiedade aumentaram mais de 25% apenas no primeiro ano da pandemia.

A saúde mental de estudantes universitários, particularmente daqueles matriculados em cursos de medicina, tem despertado crescente preocupação acadêmica e social. Segundo Carlesso *et al.* (2020), estudantes da área da saúde, especialmente acadêmicos de medicina, são muito suscetíveis ao desenvolvimento de quadros depressivos, e a fase de admissão acadêmica é o momento de maior predisposição para os TMC.

Em um estudo qualitativo conduzido com estudantes universitários em situação de vulnerabilidade socioeconômica durante a pandemia de Covid-19, Carvalho e Silveira (2021) identificaram importantes repercussões psicoemocionais associadas ao ensino remoto, ao isolamento e à insegurança alimentar. A pesquisa revelou que o agravamento de quadros ansiosos e depressivos foi frequente, especialmente entre os estudantes que já apresentavam histórico de adoecimento psíquico anteriormente. Estratégias de enfrentamento foram mobilizadas, mas, ainda assim, os efeitos emocionais foram profundos, reforçando a urgência de ações institucionais voltadas à promoção da saúde mental no ensino superior.

Estudos conduzidos por Grether *et al.* (2019) e Artal *et al.* (2022), entre outros, oferecem uma visão da prevalência e dos fatores determinantes do sofrimento psíquico nesse contexto educacional, evidenciando a complexidade do problema. A prevalência de TMC entre estudantes de medicina varia significativamente, cujos índices chegam a 56,5% (Artal *et al.*, 2022) em algumas amostras, um número substancialmente mais alto do que o observado na população geral. Fatores como a extensa carga horária, o pouco tempo dedicado ao lazer, a pressão por desempenho, e a falta de apoio emocional figuram entre os principais determinantes deste quadro. O estudo de Grether *et al.* (2019) destaca ainda, a associação entre o uso de substâncias psicoativas e a ocorrência de TMC, bem como a influência negativa de uma história médica pregressa de doenças psiquiátricas.

Paralelamente, Artal *et al.* (2022) reforçam a relevância das causas socioeconômicas e psicológicas, incluindo a baixa autoeficácia e o uso excessivo de drogas, como contribuintes significativos para o sofrimento mental dos universitários. A transição para a vida universitária representa um período crítico para o desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade, depressão e estresse, exacerbados ou desencadeados por mudanças significativas e desafios específicos dessa fase da vida.

Fragelli e Fragelli (2021) realizaram uma revisão rigorosa de estudos longitudinais e identificaram os principais fatores associados ao surgimento destes transtornos entre estudantes universitários, categorizando-os em dois grupos principais: fatores ambientais/sociais e pessoais. Os fatores ambientais e/ou sociais incluem experiências adversas na infância, como abuso e negligência, que estabelecem uma base de vulnerabilidade emocional e psicológica. A fragilidade das relações sociais e o tempo excessivo de exposição às mídias eletrônicas também são destacados, apontando para o papel crucial do suporte social e do uso equilibrado de tecnologia no bem-estar mental dos jovens adultos. No âmbito pessoal, crenças limitantes sobre si mesmo, a incapacidade percebida de modificar auto atributos negativos, traços de personalidade como o neuroticismo e cognições disfuncionais em resposta a eventos estressores, configuram-se como elementos centrais que predispõem os estudantes ao desenvolvimento de transtornos mentais. Dentre esses elementos, destaca-se a importância de intervir no nível da psicologia clínica para promover uma maior resiliência e capacidade de enfrentamento.

Rocha *et al.* (2021) destacam o aumento significativo na prevalência de transtornos mentais entre estudantes de medicina no Brasil, sugerindo uma relação direta entre as exigências acadêmicas, a pressão por desempenho e o desenvolvimento de transtornos como ansiedade e depressão.

Tourinho *et al.* (2022) salientam que os estudantes de medicina são particularmente vulneráveis à manifestação de transtornos mentais, atribuídos tanto a fatores individuais quanto institucionais. Fatores como distanciamento familiar, aumento de responsabilidades, elevada carga horária acadêmica, e a exposição direta ao sofrimento e à morte durante o treinamento clínico são apontados como determinantes fundamentais nesse processo. Essas experiências, muitas vezes novas e desafiadoras, podem desencadear ou agravar quadros de ansiedade e depressão entre os estudantes, especialmente aqueles que possuem predisposição ou falta de redes de apoio adequadas.

2.2 - A formação docente e saúde mental no ensino superior

Diante do crescimento dos casos de sofrimento psíquico entre estudantes universitários, especialmente em cursos exigentes como medicina, torna-se urgente refletir sobre o papel do professor nesse contexto. O docente, enquanto figura central do processo educativo, muitas vezes é o primeiro a perceber sinais de fragilidade emocional nos discentes. No entanto, nem sempre possui preparo técnico, respaldo institucional ou segurança pessoal para atuar de forma ética, empática e eficaz. A formação docente – tanto inicial quanto continuada – revela lacunas significativas no que diz respeito à saúde mental estudantil, deixando o professor desassistido frente a demandas complexas que extrapolam os conteúdos disciplinares. Compreender essas fragilidades e discutir alternativas viáveis para superá-las é essencial para construir um ambiente acadêmico mais acolhedor, inclusivo e corresponsável no cuidado com a saúde mental discente.

2.2.1 – Formação inicial e continuada de professores

Falar em saúde mental no ensino superior exige também repensar a formação do professor universitário. O aumento expressivo de casos de sofrimento psíquico entre estudantes demanda dos docentes não apenas domínio de conteúdo, mas também sensibilidade para perceber sinais de vulnerabilidade e agir com ética e empatia. No entanto, essa dimensão humana do ensino ainda ocupa espaço marginal

na trajetória formativa da docência, tanto na formação inicial quanto nas políticas de capacitação continuada.

Apesar da relevância crescente da temática da saúde mental no cotidiano acadêmico, os currículos dos cursos de licenciatura e programas de formação pedagógica pouco avançaram no sentido de incorporar esse debate de forma sistemática. A dissertação de Constantino (2022), ao analisar a formação inicial no curso de Pedagogia da UFRJ, revelou que não há diretrizes curriculares que incluam de forma clara e estruturada o tema da saúde mental na matriz do curso, o que gera falhas na preparação dos futuros docentes para lidar com questões emocionais dos estudantes. Segundo a autora, quando esse tema aparece, ocorre de forma irregular, em ações pontuais e pouco articuladas com o projeto pedagógico do curso.

A formação inicial dos docentes universitários, especialmente daqueles que atuam em cursos da área da saúde, como medicina, historicamente tem se concentrado na especialização do conteúdo e na experiência profissional, deixando em segundo plano aspectos pedagógicos e psicossociais da docência. Em geral, não há disciplinas obrigatórias ou momentos formativos que preparem o professor para lidar com o sofrimento mental dos estudantes. Como destaca Constantino (2022), mesmo em cursos voltados especificamente à docência, como o de Pedagogia, não há componentes curriculares que tratem da saúde mental discente, o que suscita um questionamento: se nem os futuros pedagogos recebem essa formação, como esperar que professores universitários - em sua maioria especialistas em suas áreas, mas sem formação educacional formal - estejam preparados para acolher estudantes em sofrimento?

No caso específico dos cursos de medicina, muitos docentes são médicos que, embora tenham estudado saúde mental no contexto clínico, não receberam qualquer preparo pedagógico para atuar como educadores. Isso significa que podem até reconhecer sintomas clínicos em seus alunos, mas não necessariamente saberão como abordá-los, escutá-los ou encaminhá-los de maneira ética e educativa. Essa lacuna acaba por gerar sentimentos de insegurança, omissão ou inadequação no trato com questões psíquicas em sala de aula.

A ausência de espaços formais e sistemáticos para o debate sobre saúde mental na formação dos docentes reforça um ciclo de invisibilidade institucional diante do sofrimento psíquico dos estudantes. Muitos professores relatam insegurança ao lidar com essas situações, seja por não se sentirem preparados, seja por recearem

ultrapassar os limites ético-pedagógicos que regem sua atuação. Como destacam Soares e Rossetto (2022), essa dificuldade não se restringe à falta de informação, mas está diretamente relacionada à ausência de uma cultura organizacional que valorize a escuta, o acolhimento e a construção de protocolos claros de atuação. Sem esse respaldo institucional, práticas pedagógicas que poderiam contribuir para o bem-estar discente acabam sendo silenciadas ou negligenciadas.

Nesse contexto, a formação continuada surge como uma estratégia indispensável para qualificar a prática docente frente às exigências contemporâneas do ensino superior. Autores como Aguiar *et al.* (2024) defendem programas formativos voltados à escuta ativa, à recepção sensível e ao encaminhamento institucional adequado, a fim de ampliar o repertório dos professores diante de situações de sofrimento psíquico estudantil. A inserção sistemática desses temas nos processos formativos permite fortalecer a atuação docente diante de situações complexas que envolvem o bem-estar psíquico discente, oferecendo suporte para práticas pedagógicas mais éticas, humanas e contextualizadas, promovendo ambientes mais seguros para estudantes e professores.

Além da formação técnica, a literatura reforça a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais na prática docente. De acordo com Justo e Andretta (2020), professores que cultivam habilidades como empatia, manejo emocional e comunicação assertiva, estabelecem vínculos mais fortes com seus estudantes e demonstram maior capacidade de identificar e agir diante de sinais de sofrimento psíquico. Esse conjunto de competências é fundamental para que o professor atue não como terapeuta, mas como agente de encaminhamento e apoio dentro da instituição, colaborando para a construção de um ambiente acadêmico mais acolhedor e responsável. Essa formação emocional não substitui o papel dos profissionais de saúde, mas torna o docente um ponto de articulação entre o aluno e os serviços especializados, reforçando a rede de apoio institucional.

Soares e Rossetto, (2022) destacam a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais na prática docente como estratégia para fomentar práticas pedagógicas mais sensíveis, éticas e inclusivas. Outro aspecto enfatizado na literatura é a necessidade de materiais orientadores que articulem teoria e prática, respeitando a autonomia docente e oferecendo subsídios claros para a tomada de decisão em situações de vulnerabilidade emocional dos estudantes (Soares e Rossetto, 2022). A elaboração de materiais didáticos de orientação é uma estratégia

que tem sido apontada por diversos estudos e que se alinha à proposta deste trabalho, fundamentada nas demandas levantadas pelos próprios professores e nos lapsos identificados na formação pedagógica voltada à saúde mental (Constantino, 2022) .

Não se trata de atribuir ao docente o papel de terapeuta, mas de reconhecê-lo como um agente estratégico na rede de apoio institucional, capaz de acolher, orientar e encaminhar adequadamente os estudantes em sofrimento. Para isso, é imprescindível que os processos de formação - tanto inicial quanto continuada - incluam a saúde mental como dimensão estruturante da prática docente no ensino superior.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que o próprio adoecimento dos docentes se configura como uma realidade. Pesquisas recentes demonstram que fatores como sobrecarga de trabalho, precarização das condições de ensino, cobrança por produtividade e falta de reconhecimento institucional estão diretamente relacionados a índices elevados de estresse, ansiedade e esgotamento emocional entre professores do ensino superior (Soares e Rossetto, 2022). Esse quadro afeta não apenas a saúde dos educadores, mas repercute também na qualidade do ambiente de aprendizagem e limita a atuação dos docentes em um papel formativo que vá além da simples transmissão de conteúdos (Alves *et al.*, 2025).

2.2.2 – Políticas institucionais e responsabilidade compartilhada

A saúde mental dos estudantes universitários tem emergido como uma questão prioritária também no campo da Saúde Coletiva, especialmente diante do aumento expressivo de casos de sofrimento psíquico entre jovens matriculados no ensino superior. Essa preocupação é refletida em estudos que apontam uma relação direta entre os processos de adoecimento mental e fatores estruturais e institucionais, como a alta competitividade acadêmica, a precarização das políticas de assistência estudantil e a ausência de espaços institucionalizados de acolhimento (Leão, 2025).

A ausência de preparo docente para lidar com a saúde mental dos estudantes não pode ser compreendida apenas como uma falha individual, mas deve ser inserida em um debate mais amplo sobre a responsabilidade institucional. O cuidado com o bem-estar psíquico discente não deve ser delegado apenas ao professor em sala de aula; trata-se de um compromisso coletivo que envolve gestores, coordenadores, núcleos de apoio psicopedagógico e políticas públicas.

No âmbito das políticas públicas, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) se configura como uma importante estratégia para garantir a permanência dos estudantes no ensino superior público, oferecendo suporte em áreas como alimentação, moradia, transporte e saúde. Entretanto, apesar dos avanços promovidos pelo PNAES, ainda há fragilidades em sua implementação, especialmente no que se refere ao suporte psicossocial sistematizado, o que limita sua efetividade frente ao agravamento dos quadros de sofrimento emocional (Leão, 2025).

A literatura também evidencia que, mesmo quando existem iniciativas institucionais de apoio à saúde mental, como os Núcleos de Apoio Psicopedagógico das instituições bem como os serviços de Psicologia universitária oferecidos, muitas vezes esses mecanismos são pouco articulados com a prática pedagógica docente, deixando o professor sem diretrizes claras para lidar com estudantes em sofrimento (Cunha, 2022). Além disso, o aumento da demanda por serviços de saúde mental nas universidades tem sido maior do que a capacidade de resposta institucional, o que reforça a importância de ações preventivas e de formação docente voltadas para o acolhimento e encaminhamento adequado dos discentes.

Iniciativas recentes, como o Projeto de Lei nº 6071/2023 e as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Medicina (Brasil MEC, 2014), reforçam a necessidade de políticas institucionais mais efetivas para promoção, prevenção, tratamento e suporte psicossocial aos estudantes no ensino superior (Brasil, 2023). As propostas do Projeto de Lei (PL) nº 6.071/2023, buscam instituir a Política de Saúde Mental nas Instituições de Ensino Superior. Esse PL apresenta um conjunto de diretrizes abrangentes, que incluem: 1- Promoção da saúde mental como eixo integrante do processo educacional; 2- Ações educativas e de conscientização envolvendo estudantes e comunidade acadêmica; 3- Serviços de atendimento psicológico e psiquiátrico acessíveis aos estudantes; 4- Estímulo à criação de núcleos de apoio psicopedagógico nas instituições; 5- Identificação precoce de vulnerabilidade psíquica entre estudantes; 6- Promoção de ambientes inclusivos e acolhedores, com prevenção de discriminação e *bullying*; 7- Campanhas de destigmatização sobre transtornos mentais; 8- Parcerias com órgãos públicos de saúde e alocação de recursos necessários.

Tais diretrizes propõem uma abordagem ampla, combinando prevenção, suporte técnico especializado, estruturação de serviços e articulação intersetorial. Estabelecem fundamentos orientadores que legitimam sua abordagem no contexto

formativo, ao destacarem a integralidade do cuidado, os determinantes biopsicossociais do processo saúde-doença e a valorização de práticas pedagógicas humanizadas e éticas para com os estudantes. Dessa forma, a preparação do professor universitário para atuar diante de situações de sofrimento psíquico discente torna-se coerente com os preceitos normativos que regem a formação médica, exigindo, portanto, investimentos em ações formativas específicas e alinhadas a essa perspectiva ampliada de cuidado.

No entanto, é importante destacar que o PL ainda se encontra em tramitação no Congresso Nacional e, portanto, ainda não possui caráter obrigatório para instituições públicas ou privadas. Caso aprovado e implementado, esse PL poderá contribuir para transformações significativas no cotidiano universitário. A expectativa é que ações de promoção da saúde mental, combinadas com estratégias de acolhimento e prevenção, favoreçam um ambiente mais saudável, colaborativo e sensível às vulnerabilidades dos estudantes. Com maior preparo institucional e envolvimento da comunidade acadêmica, é possível reduzir o estigma em torno dos TM e fortalecer a cultura do cuidado, impactando positivamente a convivência no campus e a qualidade da formação oferecida.

Estudos recentes têm evidenciado a necessidade de intervenções pedagógicas que contemplem estratégias de suporte psicológico e adaptação curricular para reduzir os efeitos do sofrimento mental dos estudantes universitários. Marinho *et al.* (2023) reforçam a importância da formação de competências socioemocionais nos professores como fator-chave para a construção de ambientes acadêmicos que promovam o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes. No campo das políticas públicas, Amarante (2022) ressalta que, apesar de avanços em programas de saúde mental, ainda persistem desafios para consolidar ações integradas e inclusivas no ambiente acadêmico.

Nesse sentido, entende-se que as universidades devem assumir a corresponsabilidade pelo cuidado em saúde mental, não apenas por meio de políticas assistenciais, mas também investindo na formação contínua dos docentes, capacitando-os a reconhecer sinais de sofrimento emocional e a agir com sensibilidade e ética diante dessas situações. Fortalecer a intersecção entre a Saúde Coletiva, a educação superior e a formação docente é, portanto, um passo fundamental para promover ambientes acadêmicos mais saudáveis, inclusivos e atentos às múltiplas dimensões do bem-estar discente (Santos *et al.*, 2023).

Nessa perspectiva, Custódio *et al.*, (2025) argumentam que o sofrimento psíquico no ambiente universitário não deve ser reduzido à dimensão individual do estudante, mas compreendido a partir das estruturas institucionais que condicionam a vivência acadêmica. Os autores destacam a necessidade de políticas públicas e práticas institucionais que promovam uma cultura de cuidado, incorporando ações intersetoriais que articulem a assistência estudantil, a formação docente e o compromisso ético com a saúde mental no espaço educacional.

Outros estudos encontrados, embora não tratem exclusivamente da formação sobre saúde mental, apontam falhas significativas quanto ao preparo dos professores universitários para abordar estudantes em sofrimento psíquico. As pesquisas de Soares e Rossetto (2022) e de Lima *et al.* (2024) evidenciam a insegurança dos docentes diante dessas situações e a carência de suporte institucional e de diretrizes formativas claras.

Cabe destacar ainda, que o cuidado com a saúde mental no ambiente universitário deve ser entendido como uma responsabilidade compartilhada entre todos os atores institucionais. Resende (2025) chamam atenção para a necessidade de integrar práticas de acolhimento e escuta ativa ao cotidiano pedagógico, fortalecendo a cultura institucional de cuidado. O professor, por estar em contato direto com os estudantes, ocupa uma posição estratégica nesse processo, podendo funcionar como uma ponte que conecta o estudante aos serviços de apoio especializados (Santos Gondim, 2021).

Diante desse cenário, a expectativa é de que o desenvolvimento de um material didático-pedagógico – **“Presenças que cuidam: Caminhos para o Acolhimento de Estudantes de Medicina com Possíveis Transtornos Mentais - Guia de Orientações aos Professores”**, configure-se como uma ação pedagógica estratégica, alinhada à perspectiva institucional. Esse tipo de produto educacional busca oferecer subsídios claros, humanizados e éticos para o enfrentamento dessas situações, fortalecendo o papel do professor como agente de acolhimento e encaminhamento, sem sobrecarregá-lo com funções que extrapolam sua atribuição, mas oferecendo-lhe suporte para uma atuação sensível e integrada às políticas de cuidado da instituição.

2.3 - Levantamento bibliográfico sobre a formação docente em Saúde Mental

A busca bibliográfica foi conduzida com o objetivo de identificar publicações recentes (dos últimos cinco anos) relacionadas à formação de professores universitários para o manejo de questões de saúde mental entre estudantes, especialmente nos cursos da área da saúde. Para garantir amplitude e confiabilidade na seleção, a pesquisa foi realizada nas bases PubMed, SciELO, LILACS, ScienceDirect e Google Acadêmico, utilizando combinações de descritores controlados e termos livres, conforme os vocabulários DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e MeSH (*Medical Subject Headings*).

Os principais descritores utilizados foram: *“formação de professores universitários”*, *“saúde mental”*, *“transtornos mentais comuns”*, *“ensino superior”*, *“educação médica”* e *“acolhimento discente”*, além das variações em inglês: *“higher education teaching”*, *“mental health”*, *“faculty development”*, *“medical education”* e *“student support”*.

A triagem dos resultados revelou uma produção científica ainda escassa e fragmentada sobre o tema, principalmente quando se trata da formação docente voltada à saúde mental discente em cursos da área da saúde, como medicina. A maioria dos estudos encontrados concentra-se em revisões narrativas ou relatos de experiência, destacando a urgência de investigações empíricas e de desenvolvimento de materiais instrucionais e produtos educacionais que promovam a sensibilização e capacitação dos professores para o acolhimento dos estudantes em sofrimento psíquico.

A única referência que abordou diretamente a temática da formação docente para o acolhimento de estudantes com problemas relacionados à saúde mental foi a dissertação de mestrado de Constantino (2022), defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O trabalho analisa o currículo do curso de Pedagogia e evidencia a ausência de componentes específicos sobre saúde mental na formação inicial, além de ressaltar a necessidade de políticas institucionais mais efetivas que contemplem essa dimensão na formação dos docentes.

Constantino (2022) investigou a presença da saúde mental na formação de professores (estudo de caso no curso de Pedagogia da UFRJ), e um dos achados centrais foi a ausência do tema “saúde mental” na matriz curricular dos cursos de licenciatura. Apesar da reconhecida importância de abordar fatores emocionais dos alunos, o eixo de saúde mental não conta com diretrizes ou normativas institucionais

para sua implementação no currículo da graduação, o que gera lacunas e iniciativas irregulares nas ações de apoio oferecidas pelas universidades. Em outras palavras, a saúde mental não está prevista de forma consistente como componente formativo dos futuros professores, dependendo mais de esforços isolados do que de uma política educacional integrada. Constantino evidencia que essa discussão permanece marginal nos projetos pedagógicos atuais, indicando um espaço negligenciado na formação inicial docente. Tal fragilidade significa que futuros professores não vêm recebendo, em sua formação, embasamento teórico-prático adequado para compreender e lidar com questões de saúde mental - tanto as próprias quanto as de seus alunos -, deixando uma demanda formativa em aberto.

Outro ponto de destaque em Constantino (2022) é a dificuldade dos professores e gestores em abordar e encaminhar estudantes que apresentam sofrimento psíquico. As entrevistas realizadas com coordenadores e representantes do curso revelaram diversas dificuldades na prática cotidiana, a começar pela falta de um espaço apropriado dentro do curso para que o aluno possa tratar de questões pessoais como o adoecimento mental. Além disso, constatou-se a falta de instruções normativas claras sobre *onde* e *como* direcionar esses estudantes para ajuda especializada. Essa ausência de orientação formal contribui para a insegurança do professor universitário em intervir: muitos não se sentem preparados nem respaldados institucionalmente para abordar alunos em sofrimento psicológico. Em consequência, problemas de saúde mental discente podem ficar sem o devido acolhimento no ambiente acadêmico.

Constantino enfatiza, portanto, a necessidade de a instituição de ensino assumir a questão da saúde mental de forma sistêmica, tanto incorporando o tema nos currículos de formação docente quanto estabelecendo protocolos e redes de apoio claras. Somente com formação adequada - incluindo o desenvolvimento de competências socioemocionais dos docentes - e suporte institucional é que o professor terá condições de agir com mais segurança, sensibilidade e ética diante de alunos em vulnerabilidade psíquica, promovendo práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas e humanizadas.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa segue uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, exploratória e descritiva (quadro 1). A opção por esse delineamento metodológico justifica-se pela natureza do problema investigado, que exige a compreensão aprofundada das percepções e experiências subjetivas dos professores quanto ao manejo de estudantes com transtornos mentais. Segundo Gil (2019), a pesquisa qualitativa é indicada quando o objetivo é interpretar significados, relações e fenômenos em contextos específicos, o que a torna adequada para o desenvolvimento de produtos educacionais com base em evidências empíricas e contextuais.

Quadro 1: Fases de organização da pesquisa

Quanto à natureza	Pesquisa aplicada
Quanto à abordagem	Pesquisa qualitativa
Quanto aos objetivos	Pesquisa aplicada exploratória e descritiva
Quanto aos procedimentos	Pesquisa participante

Fonte: elaboração própria.

3.1 - FASES DA PESQUISA

A pesquisa foi organizada em 3 fases principais que chamamos de: Exploratória (Fase I), de Execução (Fase II) e de Apresentação/Validação (Fase III). É importante ressaltar que a fase exploratória é pré-confecção do produto, e as fases de execução e validação são relacionadas ao produto e sua construção.

I- FASE EXPLORATÓRIA: Esta fase teve como objetivo compreender o contexto institucional e levantar dados que subsidiassem a construção do produto educacional. Para isso, foram analisados os registros dos estudantes de medicina cadastrados no NApA, com foco na identificação dos transtornos mentais mais prevalentes, e aplicou-se um questionário junto aos professores do curso, a fim de conhecer suas percepções, dificuldades e demandas relacionadas ao acolhimento de estudantes em sofrimento psíquico.

II- FASE DE EXECUÇÃO: A fase de execução consistiu na elaboração do produto educacional - o Guia de Orientações aos Professores Universitários. A partir dos dados coletados na etapa anterior, foram selecionados os temas prioritários e o conteúdo foi estruturado de forma didática, acessível e alinhada às reais necessidades dos docentes no contexto acadêmico, com foco na identificação, abordagem e encaminhamento de estudantes com sinais de sofrimento mental.

III- FASE DE APRESENTAÇÃO E VALIDAÇÃO: Esta fase teve como objetivo apresentar o Guia produzido aos professores participantes, com o intuito de obter sugestões e avaliações críticas sobre a pertinência, clareza e aplicabilidade do material. As contribuições recebidas serviram para ajustes finais e consolidação do produto como ferramenta de apoio formativo para o corpo docente da instituição.

3.2 - PARTICIPANTES E CENÁRIO

A pesquisa foi conduzida no contexto do curso de medicina do UNICEPLAC, envolvendo os professores do curso.

Os participantes foram convidados a participar da pesquisa através de comunicação direta, com a explicação clara dos objetivos do estudo, metodologia, benefícios esperados, garantia de anonimato e confidencialidade. A participação foi voluntária, requerendo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo 1). Os participantes foram enumerados para o controle dos pesquisadores. Não houve nenhuma forma de ressarcimento.

O único critério de inclusão adotado na pesquisa foi ser professor do curso de Medicina do UNICEPLAC. Dos 123 docentes convidados a participar, 43 responderam ao questionário. Da mesma forma, estabeleceu-se apenas um critério de exclusão: o preenchimento incompleto do questionário na fase exploratória. Após a exclusão de um docente que não respondeu integralmente, a amostra final foi composta por 42 professores, sendo 21 mulheres e 21 homens.

3.2.1 - Sobre o UNICEPLAC e seu curso de Medicina

O Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNICEPLAC), localizado no Gama - Distrito Federal, possui 38 anos de idade. Fundado em 1987 pelo Dr. Aparecido dos Santos, a instituição nasceu com o curso de Odontologia e, desde então, ampliou significativamente sua atuação, tornando-se

referência em educação superior na região Centro-Oeste (UNICEPLAC, 2025). Em 2019, o UNICEPLAC recebeu o credenciamento como Centro Universitário e passou a oferecer dezenas de cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas. A instituição destaca-se também pelo compromisso com a inclusão, pela infraestrutura moderna e pela integração entre ensino, pesquisa e extensão (UNICEPLAC, 2025).

Entre os cursos ofertados, o de medicina ocupa posição de destaque. Com 22 anos de tradição, é reconhecido como um dos mais estruturados do Distrito Federal e do Centro-Oeste. Seu projeto pedagógico é baseado em metodologias ativas de aprendizagem, que colocam o estudante no centro do processo educativo e o incentiva a desenvolver competências clínicas, éticas e comunicacionais desde os primeiros semestres. O curso promove a articulação entre teoria e prática por meio de cenários reais e simulados, garantindo uma formação sólida, humana e alinhada às necessidades da população (UNICEPLAC, 2025).

A excelência da infraestrutura também é um diferencial marcante. O UNICEPLAC abriga o maior Centro de Realidade Simulada do Centro-Oeste, com mais de 300 simulações disponíveis para o treinamento dos estudantes. O campus conta ainda com 35 ambulatórios próprios e o maior Centro Anatômico do Distrito Federal, oferecendo vivência prática em múltiplos cenários clínicos (GPS Brasília, 2025). O curso de Medicina recebeu nota máxima na avaliação do Ministério da Educação (MEC / Brasil), reflexo do compromisso institucional com uma formação médica de qualidade, pautada na ciência, na ética, na sensibilidade humana e na responsabilidade social.

3.2.2 - Professores do curso de Medicina do UNICEPLAC

Os docentes do curso de medicina do UNICEPLAC constituem o grupo primário de participantes. São profissionais vinculados ao curso de medicina da universidade, convidados para participar, tanto da fase de coleta de dados inicial, quanto da fase subsequente para apresentação e validação do Guia de Orientações. Este grupo é fundamental para o estudo, pois são os principais beneficiários do material didático-instrucional proposto.

3.2.3 - Os Núcleos de Atenção Psicopedagógica no Brasil e o NApA do UNICEPLAC

Segundo a PublicaCiar (Centro Integrado de Aprendizagem em Rede, da Universidade Federal de Goiás, 2024), os Núcleos de Atenção Psicopedagógica, Inclusão e Acessibilidade são estruturas institucionais presentes em diversas universidades brasileiras, voltadas ao apoio educacional, emocional e social dos estudantes. Embora não haja uma legislação federal específica que regule esses núcleos, sua atuação é respaldada por diretrizes do Ministério da Educação do Brasil (2008, 2011, 2015) e por políticas públicas voltadas à saúde mental e à permanência estudantil. Tais núcleos têm se tornado espaços estratégicos na promoção do bem-estar acadêmico, especialmente diante do aumento dos casos de transtornos mentais comuns entre universitários.

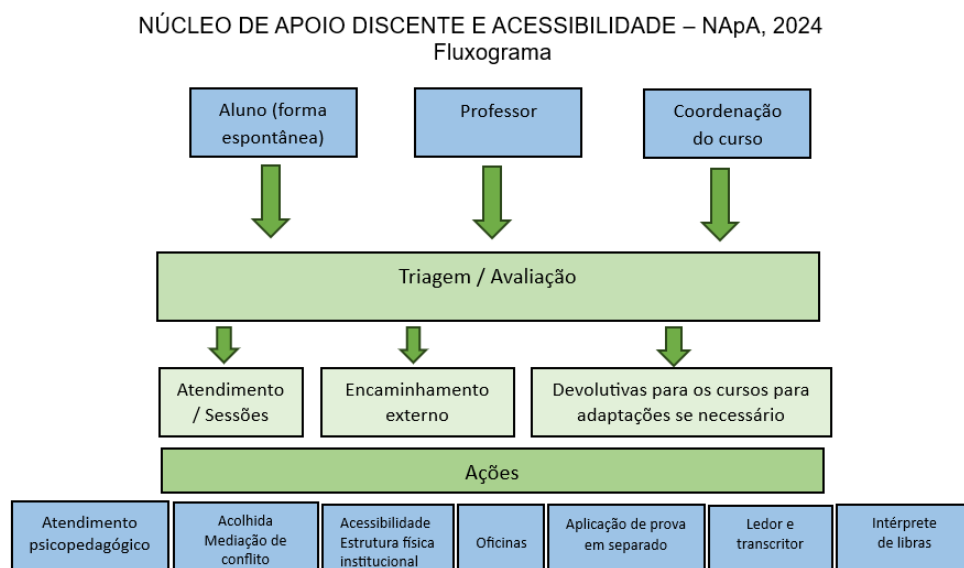
Esses núcleos, geralmente compostos por equipes multidisciplinares, atuam no acolhimento de estudantes que enfrentam dificuldades emocionais, cognitivas ou de adaptação ao contexto universitário (Aridesa, 2024). Entre suas funções, destacam-se o atendimento psicopedagógico individualizado, ações de prevenção ao adoecimento psíquico, orientações pedagógicas adaptadas, encaminhamentos para serviços especializados e promoção de atividades voltadas ao fortalecimento da saúde mental e da inclusão.

No UNICEPLAC, o Núcleo de Apoio Discente foi instituído em 2015 como parte da política institucional de promoção à saúde mental e educação inclusiva (NApA UNICEPLAC, 2024). O núcleo oferece atendimentos individuais, oficinas, rodas de conversa e orientações metodológicas, além de realizar o acompanhamento de estudantes com sinais ou diagnósticos de transtornos como ansiedade, depressão, transtornos mistos, estresse e TDAH.

Até o final de 2024, o fluxograma da Figura 1 descrevia o processo pelo qual um aluno podia acessar e receber apoio do NApA. O estudante podia procurar o NApA de forma espontânea, reconhecendo suas necessidades e buscando suporte. O aluno podia ser encaminhado ao núcleo pelo CRA (Central de Relacionamento com o Aluno) da instituição, que identificava dificuldades ou necessidades especiais a partir de laudo apresentado no momento da matrícula. O Coordenador ou o docente do curso também podia encaminhar estudantes ao NApA, ao observar desafios específicos que impactavam o desempenho acadêmico.

No NapA, o estudante passa por uma triagem inicial realizada pelos psicopedagogos do serviço. Durante essa triagem, são identificadas as principais necessidades e desafios enfrentados pelo aluno, bem como suas expectativas em relação ao suporte do núcleo. Com base nos resultados da triagem, é desenvolvido um plano de apoio personalizado para o aluno. Esse plano pode incluir sessões de acompanhamento individual ou em grupo, focadas em estratégias de aprendizagem, gestão do tempo, desenvolvimento de habilidades socioemocionais, entre outros aspectos relevantes. Quando necessário, o NApA realiza encaminhamentos externos para profissionais especializados, como psicólogos, para atendimento mais específico.

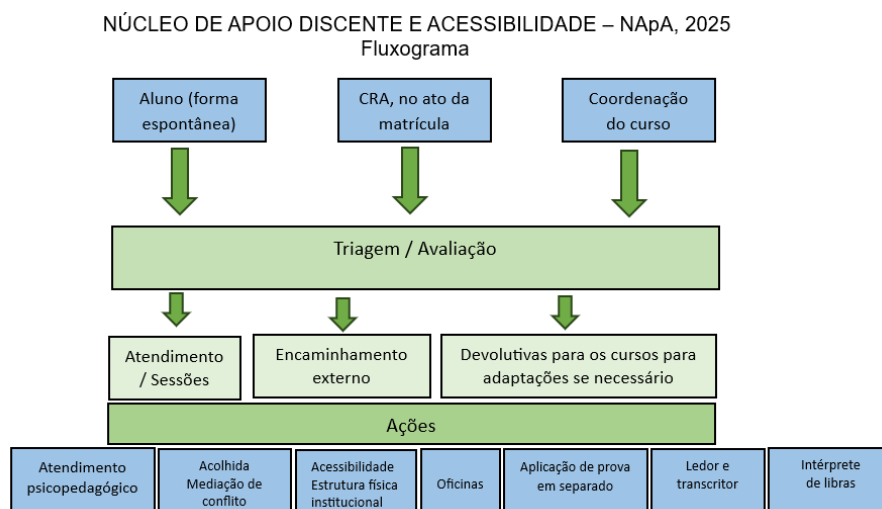
Figura 1 – Fluxograma de atendimento do estudante pelo NApA, até 2024



CRA: Central de Relacionamento com o Aluno Fonte: UNICEPLAC, NApA, 2024.

A partir do primeiro semestre de 2025, o serviço prestado pelo NApA passou por uma reformulação institucional e novo fluxo de atendimento.

Figura 2 – Fluxograma de atendimento do estudante pelo NApA, em 2025



CRA: Central de Relacionamento com o Aluno Fonte: UNICEPLAC, NApA, 2025.

Esse modelo passou a se basear nos princípios da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), acompanhando inclusive, os estudantes que se enquadram no Estatuto da Pessoa com Deficiência. O atendimento pode ser iniciado por demanda espontânea do aluno ou por encaminhamento via CRA (Central de Relacionamento com o Aluno), com base em laudo entregue no momento da matrícula. Ademais, o fluxograma atualizado (Figura 2) normatiza que os encaminhamentos realizados por professores sejam feitos por meio do Coordenador de curso, garantindo a participação da Coordenação nas decisões relacionadas ao suporte oferecido aos discentes e nas deliberações pedagógicas subsequentes. O novo Funcionograma do NApA está disponível no anexo 3.

3.3 - COLETA DE DADOS E OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE EM CADA FASE

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNIPLAC), obedecendo às normas do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12. Foi aprovado pela Plataforma Brasil, sob o número CAAE: 80085624.1.0000.5058 (Anexo 8.2).

Cada fase teve sua forma de coleta de dados.

Na **Fase I**, para a coleta de dados junto ao NApA, foi requerido e assinado o Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD), garantindo a legalidade, o sigilo e o uso ético das informações institucionais. O documento formalizou a autorização para o acesso aos registros de atendimento psicológico realizados entre

os anos de 2022 e 2024, resguardando a identidade dos estudantes envolvidos e respeitando as diretrizes da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Foram examinados registros que detalham sintomas somáticos e/ou diagnósticos, bem como tratamentos prévios para transtornos como Ansiedade, Depressão, Estresse e TDAH, entre outros. A análise desses dados contribuiu para a compreensão da prevalência e dos tipos de transtornos mentais mais frequentemente observados entre os alunos do curso de medicina, fundamentando o desenvolvimento do Produto Educacional.

Os dados sociodemográficos e contextuais dos estudantes de medicina cadastrados no NApA foram coletados, pois são essenciais para o desenho e o foco da ferramenta. Os registros dos estudantes foram catalogados no NApA da seguinte forma: - Estudantes portadores de transtornos mentais: inclui tanto estudantes portadores de sinais e sintomas recorrentes de sofrimento psíquico, denominados TMC, quanto os já diagnosticados com transtornos específicos como Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno Depressivo Maior, Estresse, Transtorno Misto Ansioso-Depressivo, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); - Contexto acadêmico e social do estudante: as informações demográficas, acadêmicas e diagnósticas ajudaram a traçar o perfil dos estudantes que enfrentam desafios de saúde mental, fornecendo *insights* sobre as necessidades específicas que o Guia deve abordar (quadro 2).

Quadro 2: Procedimentos metodológicos (FASE I)

Cenário	Campus do UNICEPLAC - DF
Participantes	Professores do curso de medicina do UNICEPLAC
Coleta de dados	<p>Dos estudantes: os dados sociodemográficos dos estudantes portadores de TMC cadastrados no NApA foram coletados através dos arquivos do núcleo</p> <p>Dos docentes: foram coletados dados sociodemográficos de 42 professores e seu conhecimento sobre TMC, através das respostas e observações aos questionários disponibilizados na plataforma <i>Google forms</i></p>
Análise de dados	Análise qualitativa das respostas dos professores ao questionário, segundo Bardin

Fonte: elaboração própria.

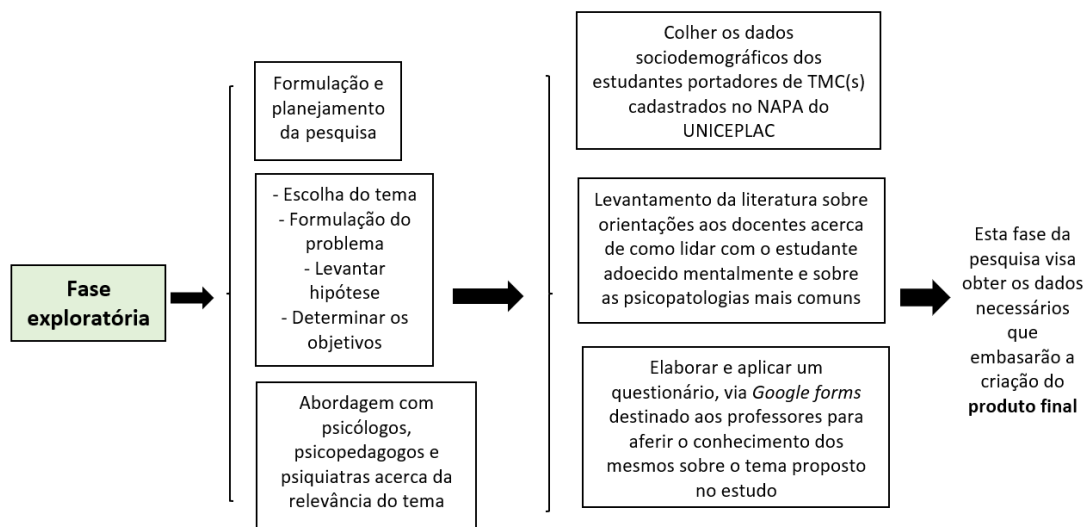
Simultaneamente, foi desenvolvido e aplicado um questionário direcionado aos professores do curso de medicina (Figura 2). Este instrumento, foi disponibilizado através da plataforma do *Google forms* e incluiu perguntas de múltipla escolha e uma

discursiva (Apêndice A). A privacidade das respostas dos participantes foi garantida. O questionário consistiu em perguntas sobre a idade, gênero, tempo de experiência docente e familiaridade com transtornos mentais. A análise desses dados proporcionou um perfil detalhado dos participantes, permitindo correlacionar variáveis demográficas com níveis de conhecimento e preparação para lidar com questões de saúde mental.

Para o embasamento teórico dessa dissertação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados SciELO, Periódicos CAPES e *Google Acadêmico*, priorizando publicações dos últimos cinco anos. A seleção contemplou diversos artigos científicos, documentos institucionais e legislações que abordam temas como saúde mental no ensino superior, formação docente, acolhimento psicopedagógico e inclusão acadêmica. Esses materiais forneceram subsídios relevantes para a fundamentação do problema investigado e para a análise crítica dos dados coletados.

Para a análise dos dados sociodemográficos dos estudantes do curso de medicina coletados por meio dos registros do NApA e do questionário respondido pelos professores, foi utilizado o *Microsoft Excel*, uma ferramenta versátil que dispõe de funcionalidades robustas para esta análise, especialmente para a prevalência. O *Excel* foi empregado para organizar, tabular e analisar os dados, permitindo uma compreensão clara das características e tendências dos participantes.

Figura 2: Fase exploratória da pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

Na **FASE II**, as respostas discursivas dos professores ao questionário, utilizado na FASE I, foram analisadas utilizando a metodologia de análise de conteúdo de Laurence Bardin (Bardin, 2016). As respostas foram organizadas em categorias

temáticas, para permitir a identificação de padrões e temas recorrentes sobre o conhecimento e preocupações dos docentes em relação ao manejo de estudantes com TMC. Essas percepções orientaram a criação do Guia, garantindo sua relevância, de acordo com as necessidades reais dos professores. Para melhor examinar e compreender as respostas discursivas dos professores, a análise de conteúdo foi estruturada conforme o referencial de Bardin (2016), seguindo as 3 etapas clássicas: pré-análise, exploração do material (com a identificação de categorias temáticas) e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Inicialmente, realizou-se a leitura flutuante das respostas (pré-análise), seguida da categorização temática com base em regularidades encontradas nos conteúdos. Por fim, os dados foram organizados, interpretados e discutidos à luz dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico adotado. Essa abordagem possibilitou a extração de significados relevantes e a sistematização dos achados qualitativos em 7 categorias principais, que serão apresentadas e analisadas na seção de Resultados e Discussão.

A **FASE III** – Validação do Produto Educacional : procedimentos e etapas. A terceira fase da pesquisa consistiu no processo de Validação do Produto Educacional, o “Guia de Orientação aos Professores para a Abordagem de Estudantes com Possíveis Transtornos Mentais no Ensino Superior”. Para isso, todos os professores do curso de medicina do UNICEPLAC foram convidados a participar, com ênfase especial naqueles que responderam ao questionário anterior aplicado durante a FASE II. O convite foi enviado por e-mail institucional, acompanhado do Guia completo em formato PDF, para leitura prévia. A etapa de validação se desdobrou em dois momentos principais:

Primeiro momento – Questionário digital (*Google Forms* – Apêndice B): Após a leitura do material, os professores responderam a um questionário *online* composto por perguntas objetivas e duas questões abertas. O objetivo foi obter um panorama inicial sobre suas impressões, clareza e compreensão do conteúdo, aplicabilidade prática e sugestões de aprimoramento. As respostas serviram como subsídio para a etapa seguinte.

Segundo momento – Encontro síncrono (virtual): Cerca de uma semana após o envio do questionário, foi realizada uma reunião coletiva com os docentes para aprofundamento das reflexões. O encontro foi gravado com o consentimento dos participantes e seguiu um Roteiro Semiestruturado previamente elaborado, com foco

na escuta qualificada, validação crítica do conteúdo e sugestões práticas (Apêndice C).

As contribuições dos professores, coletadas por meio do questionário e dos relatos verbais registrados na reunião, formaram o acervo de *feedbacks* que subsidiou a análise qualitativa. Nesse processo, foram identificadas sugestões de refinamento no conteúdo e na apresentação do Guia, assegurando que o produto final refletisse as necessidades reais do corpo docente e reforçasse a importância do cuidado com a saúde mental no ambiente universitário.

Na própria reunião, os docentes também opinaram sobre os formatos de distribuição (PDF, impresso ou plataforma virtual), de modo a ampliar a aplicação do Guia nas rotinas pedagógicas. Essa fase de validação - descrita em detalhes na seção 5.3 -, assegurou que o material se tornasse adequado às expectativas, favorecendo a conscientização sobre o apoio à saúde mental no contexto acadêmico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

A presente seção tem por objetivo apresentar e discutir os principais resultados obtidos com base na análise dos dados coletados ao longo da pesquisa. Os achados foram organizados nas seguintes categorias: os transtornos mentais mais prevalentes entre os estudantes de medicina do UNICEPLAC, as percepções dos professores sobre saúde mental no ensino superior e as reflexões qualitativas sobre os desafios enfrentados pelos docentes diante do sofrimento psíquico discente. As respostas discursivas dos docentes foram submetidas a uma análise qualitativa de conteúdo e agrupadas em sete categorias temáticas, permitindo uma compreensão aprofundada dos principais desafios enfrentados pelos professores no trato com a saúde mental dos estudantes.

Os resultados obtidos não apenas evidenciam a expressiva ocorrência de transtornos mentais entre os estudantes de medicina, como também revelam fragilidades institucionais e lacunas na formação docente para o reconhecimento e o acolhimento adequado dessas situações. Nesse sentido, os dados analisados oferecem suporte concreto para a proposição do Guia de Orientação aos Professores, contribuindo para o aprimoramento das práticas pedagógicas no que se refere ao acolhimento e encaminhamento ético de estudantes em sofrimento psíquico. A seguir, os resultados são apresentados por temática, acompanhados de reflexões baseadas na literatura especializada.

4.1 - Os transtornos mentais mais prevalentes nos estudantes de medicina do UNICEPLAC e o papel do NApA

O NApA do UNICEPLAC tem desempenhado um papel importante no acolhimento e suporte psicológico aos estudantes, apesar das limitações estruturais que enfrentam. Embora os psicopedagogos que trabalham no núcleo sejam altamente competentes e dedicados, o núcleo ainda não conta com um sistema informatizado para o cadastro e registro dos discentes que buscam atendimento.

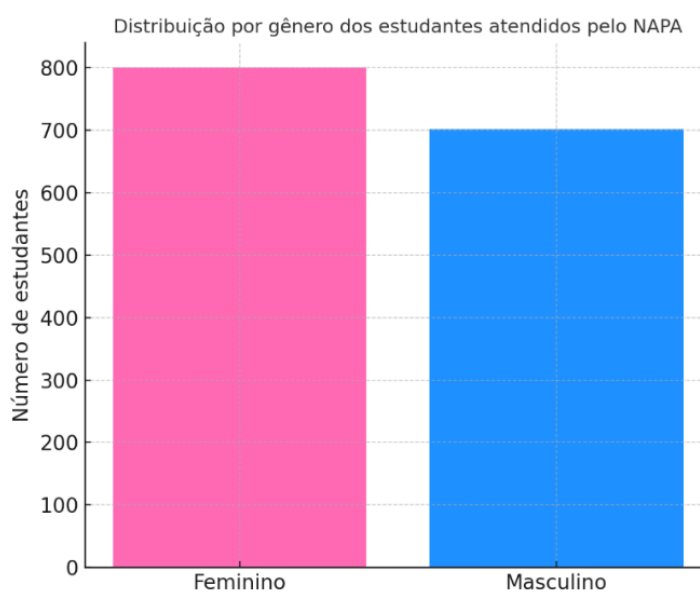
Até o final de 2024, todos os dados eram registrados manualmente em fichas de papel, o que dificultava o armazenamento e uma recuperação eficiente de dados. Este desafio era agravado pelo fato de o atendimento ser oferecido em três turnos – manhã, tarde e noite, o que era interessante para os estudantes, pois garante uma ampla acessibilidade, mas, suscitava por um sistema mais robusto e eficiente. No entanto, desde o início de 2025, o NApA vem passando por um processo de

reestruturação, incluindo a ampliação da equipe, reforma do espaço físico e início da digitalização dos registros, o que indica um movimento institucional em direção à modernização e maior eficiência no atendimento.

Os estudantes podem chegar ao NApA por iniciativa própria, buscando atendimento de forma espontânea, ou serem encaminhados pela Central de Relacionamento com o Aluno (CRA), geralmente no momento da matrícula, ao apresentarem laudos ou declarações de necessidades específicas. Também podem ser encaminhados pela Coordenação do curso, a partir da sinalização feita por professores. Entre os alunos acolhidos, alguns já possuem diagnóstico formal de psicopatias e apresentam relatórios médicos emitidos por neurologistas, psiquiatras ou psicólogos. Outros, no entanto, chegam ao núcleo apenas com sinais e sintomas persistentes de sofrimento psíquico, ainda sem diagnóstico definido, sendo frequentemente enquadrados nos TMC.

Nesse contexto, os dados registrados e analisados dos estudantes de medicina atendidos e cadastrados no NApA referem-se aos anos de 2022, 2023 e 2024 (até o mês de setembro), serão apresentados a seguir. Quanto ao número de estudantes atendidos (de 2022 a 2024) com idades entre 18 e 24 anos, identificados 1.502 atendimentos, sendo: 800 (53,2%) do gênero feminino e 702 (46,8%) do gênero masculino (Figura 4).

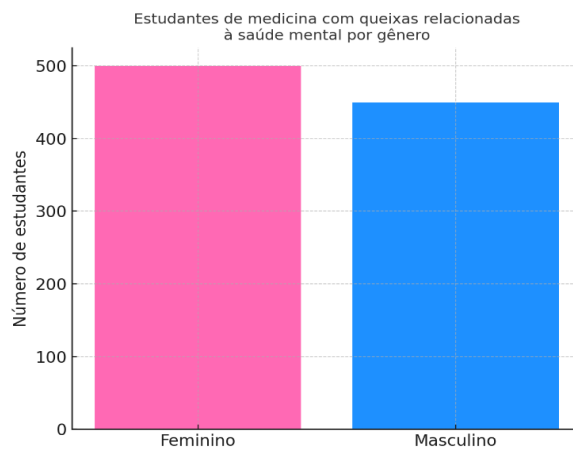
Figura 4: Distribuição por gênero dos estudantes atendidos pelo NApA



Fonte: Elaboração própria.

Do total de 1.502 atendimentos realizados, 950 (63,24%) foram relacionados a queixas de saúde mental, sendo 500 (52,6%) do gênero feminino e 450 (47,4%) do gênero masculino (Figura 5). A leve predominância de atendimentos entre mulheres não representa uma diferença significativa, o que reforça a compreensão de que os transtornos mentais afetam ambos os gêneros de maneira ampla e relativamente equilibrada no contexto universitário, indicando claramente que o sofrimento psíquico não se restringe a um grupo específico e que afeta ambos os gêneros de forma semelhante.

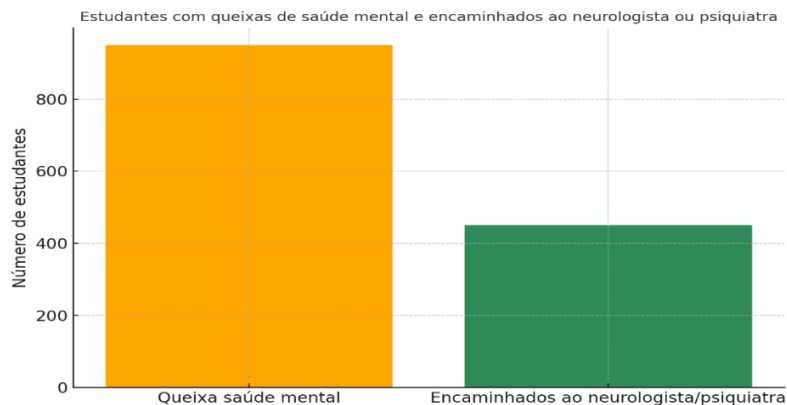
Figura 5: Estudantes atendidos no NApA com queixas relacionadas à saúde mental – por gênero



Fonte: Elaboração própria.

Dos 950 estudantes atendidos com queixas relacionadas à saúde mental, 450 (30%) foram encaminhados para avaliação especializada com neurologistas ou psiquiatras (Figura 6), revelando que uma parcela expressiva de alunos já apresentava sinais ou sintomas que exigiam atenção médica além do acompanhamento psicopedagógico.

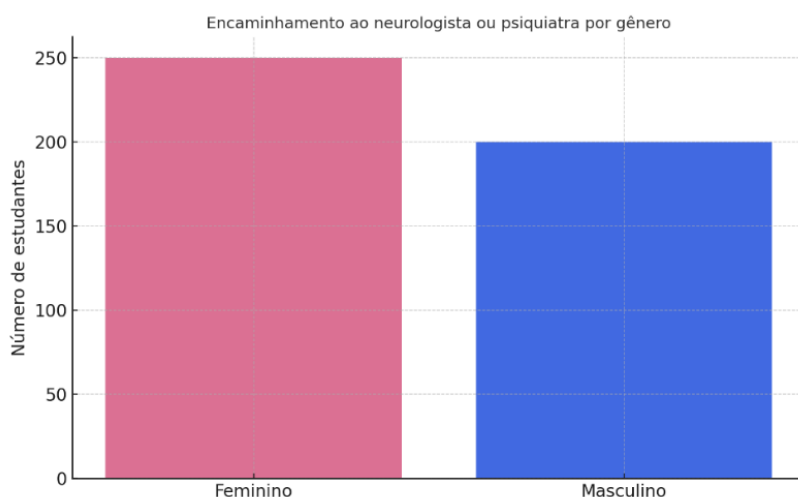
Figura 6: Estudantes com queixas relacionadas à saúde mental e estudantes encaminhados



Fonte: Elaboração própria.

Todos os estudantes foram também encaminhados para psicoterapia dentro da própria instituição, reforçando a estratégia do NApA de oferecer um cuidado multidisciplinar e contínuo. Dentre esses encaminhamentos, 250 (55,5%) foram do gênero feminino e 200 (45,5%) do gênero masculino (Figura 7), mantendo a tendência de leve predominância feminina já observada. Esse dado reforça a relevância do papel institucional no acolhimento e na condução adequada dos casos, e evidencia a importância de capacitar os professores para identificar precocemente os sinais de sofrimento psíquico, contribuindo para que os estudantes sejam direcionados aos serviços de apoio de forma oportuna.

Figura 7: Estudantes encaminhados ao neurologista ou psiquiatra – por gênero



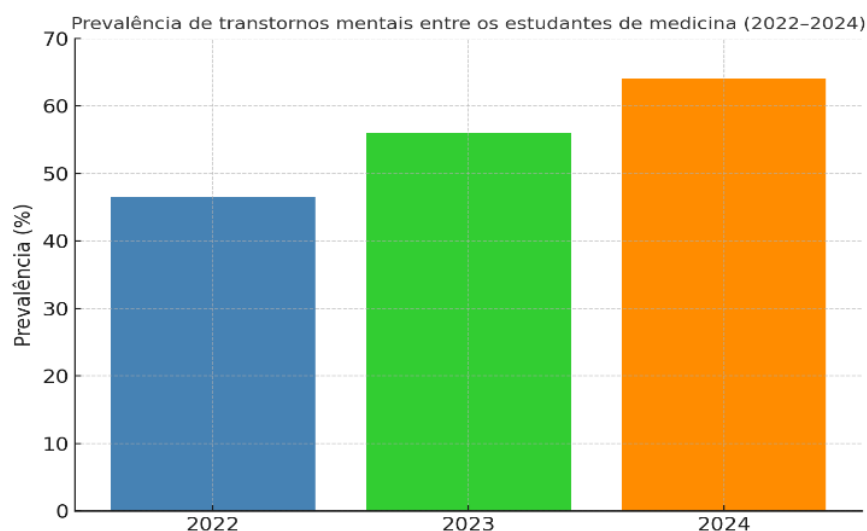
Fonte: Elaboração própria.

Vale ressaltar que os dados obtidos para análise dos estudantes de medicina que possuem cadastro no NApA, não refletem a totalidade dos alunos do curso que podem estar enfrentando transtornos mentais. É fundamental destacar que muitos estudantes optam por realizar tratamento e acompanhamento psicológico e psiquiátrico fora da instituição, e por isso, muitos deles não possuem registro no núcleo.

Os principais transtornos registrados entre os estudantes de medicina foram: o Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno do Pânico, Transtorno Depressivo Maior, Transtorno Misto Ansioso-Depressivo, TMC (Transtornos Mentais Comuns), Estresse crônico (Síndrome de *Burnout*) e TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

Os dados revelam um aumento progressivo na prevalência de estudantes de medicina registrados no NApA com transtornos mentais ao longo dos anos analisados: 46,5% dos estudantes de medicina em 2022, 56% em 2023 e 64% em 2024 (Figura 8).

Figura 8: Prevalência dos transtornos mentais em estudantes de medicina

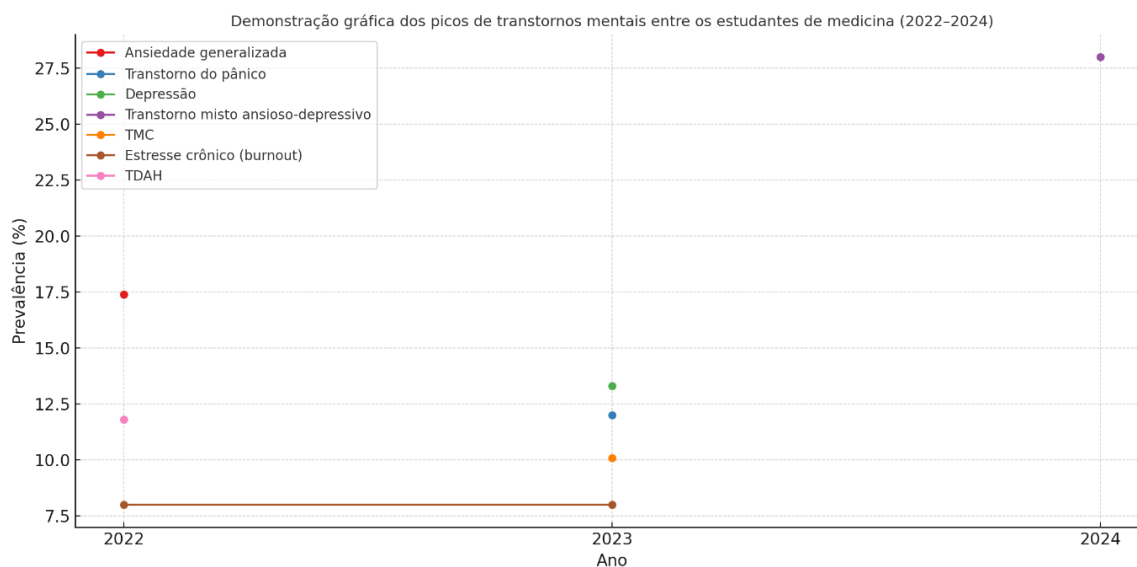


Fonte: Elaboração própria.

Essa tendência ascendente indica uma realidade preocupante de adoecimento psíquico entre os acadêmicos, sugerindo não apenas a intensificação dos fatores estressores vivenciados pelos estudantes no decorrer do curso, mas também a crescente percepção da importância do cuidado em saúde mental. O cenário aponta para uma urgência de ações preventivas e educativas no ambiente universitário, reforçando a necessidade de formação docente para o reconhecimento precoce desses sinais e para o encaminhamento adequado desses discentes.

Com base nos registros do NApA, a Figura 9 a seguir, apresenta de forma consolidada os principais transtornos mentais identificados entre os estudantes de medicina no período de 2022 a 2024.

Figura 9: Demonstração gráfica dos picos de transtornos mentais sobre estudantes de medicina UNICEPLAC (2022- 2024)



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico permite visualizar a evolução e os picos de prevalência ao longo dos anos analisados. Na sequência, cada transtorno é discutido de forma individual, com base na comparação entre os dados obtidos nesta pesquisa e os resultados encontrados na literatura científica recente.

Foram detectados os seguintes transtornos mentais na pesquisa:

Transtorno de Ansiedade Generalizada: Foi o transtorno mais frequentemente registrado entre os estudantes de medicina. A maior prevalência desse transtorno foi observada no ano de 2022, alcançando 17,4%, período ainda considerado crítico e preocupante da pandemia da Covid-19. Esses dados são concordantes com Nwachukwu *et al.* (2021), onde foi constatada uma prevalência de 26,5% de ansiedade entre os estudantes de medicina nigerianos. Nos registros do núcleo, a ansiedade acometeu predominantemente mulheres (65%) entre 18 e 24 anos de idade, demonstrando uma prevalência superior à encontrada por Quek *et al.* (2109), que observou o transtorno de ansiedade em 27,5% dos estudantes de medicina do gênero feminino.

Transtorno do Pânico: O transtorno do pânico foi documentado especialmente no ano de 2023, com uma prevalência de 12% entre os estudantes. Observou-se uma proporção de distribuição aproximadamente equitativa entre os gêneros, com 45,7% de mulheres e 54,3% de homens. Já, Alreybah (2022), encontrou uma maior

prevalência de Transtorno do Pânico entre os estudantes de medicina da Arábia Saudita, (26,8%) e, à semelhança do presente estudo, também não encontrou diferença estatisticamente significativa entre os gêneros.

Transtorno Depressivo Maior: A depressão é outro transtorno mental com incidência relevante entre os acadêmicos de medicina cadastrados no NApA. Sua maior prevalência registrada foi no ano de 2023 e acometeu 13,3% dos estudantes, com a seguinte distribuição: 57% em mulheres e 43% em homens. Os dados registrados são condizentes com os encontrados por Nwachukwu *et al.* (2021), onde foi demonstrado uma prevalência de 10,1% de depressão entre os acadêmicos de medicina da Nigéria.

Transtorno Misto Ansioso-Depressivo: Os registros do NApA evidenciaram a maior proporção de casos no ano de 2024 e sua prevalência foi bastante significativa, com 28% dos discentes acometidos, sendo: 42,8% de mulheres e 57,2% de homens. A prevalência alcançada mostrou-se superior à encontrada em estudo de Nwachukwu *et al.* (2021), que revelou a presença de Transtorno Misto em 6,8% dos estudantes de medicina.

Transtornos Mentais Comuns (TMC): O NApA registrou uma prevalência máxima de 10,1% entre os estudantes em 2023, com distribuição equilibrada entre homens e mulheres ao longo dos anos catalogados de aproximadamente 50% para cada grupo. Esse achado foi superior ao resultado verificado por Cardoso *et al.* (2022), que relatou uma prevalência de 39,7% de TMC entre os estudantes de medicina de Salvador, na Bahia.

Estresse Crônico (*Burnout*): Os maiores dados registrados no NApA acerca de *Burnout* demonstraram uma prevalência de 8% nos anos de 2022 e 2023 entre os estudantes de medicina. Destaca-se que em 2023, a distribuição entre homens e mulheres foi aproximadamente a mesma, com 52% para o gênero feminino e 48% para o masculino. Já em 2022, o *Burnout* foi catalogado apenas em mulheres e, em 2024, somente em homens. Esses registros encontram-se bem abaixo dos 56% de prevalência de *Burnout* entre os estudantes de medicina, publicados na metanálise de Seo *et al.* (2021).

Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): O TDAH foi outro transtorno cuja maior prevalência registrada foi no ano de 2022, com 11,8% dos estudantes acometidos. Ao longo dos anos estudados, observou-se uma predominância entre os homens (64%) com relação às mulheres (36%). Já Shebl (2023), encontrou uma prevalência de 11% de TDAH entre os estudantes de medicina

do Egito, concordante com os dados registrados no núcleo, entretanto, houve predomínio do gênero feminino (56%) sobre o masculino (44%).

É importante destacar que os dados apresentados refletem apenas os registros institucionais realizados no NApA durante os anos analisados. Assim, não traduzem a totalidade dos estudantes de Medicina do UNICEPLAC com TM, uma vez que muitos deles são acompanhados por psicólogos e/ou psiquiatras fora da instituição, sem qualquer registro formal junto ao núcleo. Portanto, os números aqui apresentados representam uma amostra significativa, mas subestimada, do real cenário de saúde mental vivenciado pelos estudantes de medicina, reforçando a necessidade de estratégias institucionais amplas de acolhimento, acompanhamento e prevenção.

4.2 - Considerações sobre o acolhimento e suporte psicológico oferecidos pelo NApA

A análise dos dados para o curso de medicina revela um quadro de adoecimento mental entre os estudantes, com alta prevalência de transtornos como o Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno do Pânico, Transtorno Depressivo Maior, Transtorno Misto Ansioso-Depressivo, TMC e TDAH.

Para que o NApA ofereça o suporte adequado aos alunos, os estudantes devem ser encaminhados pela coordenação do curso (sinalizada pelo professor) ou podem procurar espontaneamente o núcleo. Esse cenário ressalta a importância de que os professores, em contato direto com os alunos, estejam atentos aos sinais de sofrimento psíquico. Reconhecer sintomas recorrentes é essencial para identificar estudantes em dificuldades, e uma abordagem cuidadosa, com diálogo aberto, pode encorajar os alunos a expressarem suas dificuldades e buscar ajuda.

Essa preocupação com o acolhimento e a atuação docente também foi identificada em estudo recente de Gomes *et al.* (2023), que analisaram ações institucionais de promoção da saúde mental em uma universidade pública brasileira. Os autores destacam a importância da articulação entre diferentes setores da universidade, como coordenações, docentes e serviços especializados, para a criação de estratégias de cuidado e intervenção precoce, especialmente voltadas ao público estudantil em situação de vulnerabilidade emocional.

Com o objetivo de apoiar os professores na identificação de sinais e sintomas compatíveis com sofrimento psíquico entre os estudantes, bem como no encaminhamento adequado ao NApA, a elaboração de um material didático-

instrucional pode representar uma ferramenta útil. Esse recurso pretende fornecer orientações práticas e informações específicas que contribuam para a atuação docente diante dessas situações. Uma vez que o estudante portador de algum tipo de transtorno mental adentre ao NApA, o mesmo será acolhido e avaliado, garantindo dessa forma, que seja adequadamente conduzido.

4.3 - Percepções dos professores sobre saúde mental e Educação médica

Dos 43 professores que responderam ao questionário, um (1) foi excluído por não tê-lo feito na íntegra. Portanto, foram analisadas as respostas de 42 docentes.

Com relação ao gênero, 50% se identificaram como pertencentes ao gênero masculino e 50% feminino. A distribuição igualitária de gênero entre os professores participantes destaca uma representatividade balanceada nas respostas, permitindo que as análises sejam construídas com perspectivas diversas. Isso é especialmente relevante em um ambiente educacional, pois professores de diferentes gêneros podem abordar e perceber questões de saúde mental de formas distintas. Essa paridade também reflete uma composição equilibrada no corpo docente da instituição, promovendo um ambiente acadêmico que favorece a pluralidade e a inclusão.

A faixa etária predominante dos docentes foi de 33 a 50 anos (73,8% dos professores). As idades mais representativas dentro desta faixa etária foram de 48 anos (9,5%) e 50 anos (4,8%). A faixa etária total variou entre 33 e 74 anos. A maioria dos professores concentra-se em uma faixa etária intermediária, o que combina maturidade profissional e energia para enfrentar os desafios da docência. Professores entre 33 e 50 anos geralmente estão no auge de suas carreiras, com experiência consolidada e habilidades práticas para lidar com situações complexas, como questões relacionadas à saúde mental de estudantes. Já os professores acima de 50 anos, embora em menor número, trazem consigo a riqueza de uma trajetória longa e consolidada no ensino, que pode contribuir com maior resiliência e estratégias bem fundamentadas para abordar situações difíceis. Por outro lado, a ausência de professores mais jovens (abaixo de 33 anos) pode limitar o acesso às perspectivas inovadoras e contemporâneas, que poderiam incluir abordagens mais próximas à realidade das gerações atuais dos estudantes. A diversidade etária é um ponto de destaque, mas ampliar a inclusão de faixas mais jovens poderia beneficiar o corpo docente.

Quanto à formação superior dos professores, destacou-se a Medicina (47,6%). Já as outras áreas perfizeram menos de 5% cada. O predomínio de professores com formação em Medicina reflete a natureza do curso em questão. No entanto, a presença de profissionais de áreas correlatas, como Biomedicina, Nutrição, Farmácia, Enfermagem, Odontologia e Ciências Biológicas, sugere contribuições multidisciplinares, especialmente importantes no ensino de Saúde Mental.

Dentre os 42 professores respondedores do questionário, 28 (66,6%) ministram aulas para mais de um período do curso de medicina. Partindo do total da amostra, 71,4% dos docentes trabalham com os estudantes do ciclo básico (primeiro, segundo e terceiro períodos). Vinte e um professores (50%) trabalham com os discentes do ciclo final (oitavo período) e Internato (nono ao décimo segundo períodos). O maior envolvimento no ciclo básico indica que esses professores lidam com estudantes em fase inicial de adaptação ao curso, que se constitui em um momento crítico para o surgimento de transtornos como a Ansiedade. Já os professores do ciclo final enfrentam desafios diferentes, mais relacionados à pressão da prática clínica e à transição para o mercado de trabalho. A comparação das percepções desses grupos pode enriquecer as estratégias de suporte aos alunos.

Com relação ao tempo de docência, a seguinte distribuição foi observada: 73,8% dos professores têm mais de 5 anos de trabalho; entre 10 e 15 anos: 26,2% e acima de 20 anos de docência: 23,8%. A significativa experiência docente aponta para uma amostra composta por profissionais com vivência em sala de aula. Esse histórico pode contribuir para uma maior sensibilidade aos sinais de saúde mental, mas, concomitantemente, também sugere a necessidade de reciclagem em métodos atualizados para lidar com essas questões.

Quando questionados sobre o NApA da instituição, 12% dos professores afirmaram não saber da existência do núcleo; 31% sabem apenas que ele existe, mas desconhecem os detalhes; 35,7% dos professores conhecem o núcleo e entendem a sua atuação. O baixo percentual de professores que compreendem plenamente a atuação do NApA revela uma falha na comunicação institucional. Isso compromete o potencial de encaminhamento e suporte aos estudantes com necessidades psicológicas, destacando a urgência de informação sobre o assunto, campanhas de conscientização e treinamento.

A respeito dos sinais e sintomas correlacionados à Ansiedade, Estresse e Depressão, apenas 5% dos professores identificaram todos os sintomas. Os sintomas

clássicos de Ansiedade/Estresse foram reconhecidos por 70%. Já na Depressão, os sintomas foram identificados por 40% dos docentes. Embora os professores demonstrem boa percepção sobre sintomas comuns de Ansiedade e Estresse, há dificuldade em identificar sinais de Depressão, dado o impacto desse transtorno no desempenho acadêmico. Capacitações e orientações específicas são fundamentais para ampliar esse conhecimento.

De forma preocupante, 87,5% dos professores afirmaram que nunca receberam qualquer tipo de orientação sobre como abordar estudantes portadores de sofrimento psíquico. A notória ausência de capacitação institucional para lidar com transtornos mentais reflete um lapso significativo na formação continuada dos professores. Isso compromete a identificação precoce e o manejo adequado desses casos, impactando diretamente no bem-estar dos estudantes.

A minoria dos professores participantes (28,6%) relatou que nunca se deparou com uma situação inusitada e/ou difícil vivida em sala de aula causada por algum problema que parecia ser de saúde mental do estudante. Atingindo os mesmos percentuais (28,6% dos professores), já experienciaram uma vez e 42,9% dos docentes já passaram por esta situação duas vezes ou mais. Ressalta-se que quase metade dos professores já enfrentaram múltiplas situações relacionadas à saúde mental do estudante, o que evidencia a frequência e relevância do tema no ambiente acadêmico.

Quando questionados sobre sua reação imediata na situação descrita anteriormente, 23,8% dos professores afirmaram que interromperam a aula para auxiliar o estudante; outros 23,8% permaneceram indiferentes ao momento e continuaram ministrando a aula; 40,5% dos docentes tomaram outras medidas, como por exemplo, encaminhar o estudante ao NApA, informar à coordenação do curso ou chamar o estudante para uma conversa posteriormente. A variedade de respostas revela diferentes níveis de preparo e sensibilidade dos professores. O percentual significativo de indiferença destaca a necessidade de orientações no sentido de desenvolver habilidades de manejo imediato e empático para com o discente.

Com o intuito de fornecer informações, orientações e dicas sobre os sinais e sintomas dos TMC e como lidar com os estudantes adoecidos mentalmente, 38,1% dos docentes questionados optaram por um material didático-instrucional em formato impresso ou digital. Provavelmente, os professores preferem conteúdos estruturados e disponíveis em formato impresso ou digital, devido à praticidade e à possibilidade

de consulta contínua. Isso reflete uma demanda por materiais que sirvam como guias permanentes, garantindo autonomia no estudo e aplicação prática.

A realização de oficinas foi a escolha de 26,2% dos professores. Esta preferência destaca o interesse em métodos mais interativos e práticos. As oficinas permitem que os docentes experimentem cenários reais ou simulados, ajudando-os a desenvolver habilidades práticas para identificar e manejar casos de saúde mental. Isso sugere uma valorização do aprendizado ativo.

O interesse em rodas de conversa foi observado em 21,4% dos professores, refletindo a necessidade de trocas horizontais de experiências e uma construção coletiva de conhecimento. Essa abordagem reforça o aspecto humano e empático do tema, permitindo que os docentes compartilhem desafios e aprendam uns com os outros.

Embora com menor percentual, a opção por conferências foi verificada em 14,3% dos docentes, e indica que alguns professores valorizam abordagens mais teóricas e expositivas, possivelmente para adquirir conhecimento técnico mais aprofundado antes de aplicá-lo.

A preferência majoritária por materiais instrucionais reflete uma necessidade de recursos permanentes para apoio no manejo de questões de saúde mental. No entanto, a alta demanda por oficinas e rodas de conversa sugere que os professores também desejam métodos dinâmicos e participativos, indicando uma carência de treinamentos práticos e empáticos na instituição. Para atender plenamente às necessidades do corpo docente, seria ideal adotar uma abordagem mista que combine materiais didáticos, oficinas interativas e espaços de diálogo, maximizando o impacto das estratégias educacionais.

4.4 - Considerações sobre as percepções dos professores

Embora a amostra seja composta por professores experientes e com formação majoritariamente médica, a falta de conhecimento sobre o NApA e a baixa taxa de identificação de sintomas de Depressão indicam lacunas significativas na abordagem de saúde mental. Investir em capacitações específicas e conscientização institucional é essencial para construir um ambiente acadêmico mais acolhedor e preparado para atender às necessidades emocionais e psicológicas dos estudantes.

Nesse contexto, foi realizada uma análise qualitativa das respostas dos professores ao questionário, com base no método de Laurence Bardin, o que permitiu

identificar temas e preocupações recorrentes dos docentes sobre os TM dos estudantes. Ressalta-se que os dados quantitativos demonstrados serviram apenas como adendo ilustrativo ao contexto, mantendo a análise principal baseada na interpretação qualitativa.

4. 5 - Reflexões qualitativas sobre os desafios docentes e propostas de intervenção

Pergunta discursiva do questionário: Qual é sua percepção sobre: “A realidade do professor universitário mediante o crescente aumento na prevalência dos transtornos mentais comuns (Ansiedade, Depressão, Estresse, TDAH) nos acadêmicos de medicina e como isso afeta a sua realidade / o seu trabalho?”

4.5.1 - Organização das respostas e definição das categorias temáticas

A seguir, são apresentadas as falas originais dos docentes organizadas por categoria, acompanhadas de breves descrições indicativas do conteúdo predominante em cada eixo temático. Essa estruturação inicial permitiu visualizar a diversidade e a frequência dos sentidos expressos nas respostas, servindo como base para a análise qualitativa mais aprofundada apresentada na próxima seção.

Para melhor examinar e explanar o conteúdo das respostas, a análise foi dividida em etapas específicas, a saber: Pré-análise, Categorias temáticas identificadas, Tratamento dos resultados, Inferência e Interpretação - análise qualitativa e Considerações finais, a saber (Quadro 3):

Quadro 3: Categorização das falas dos professores por eixo temático.
A partir da transcrição integral das respostas agrupadas por categorias temáticas e identificação dos professores participantes

<p>1. Pré-análise</p> <p>Objetivo: Identificar as percepções dos professores sobre a relação entre transtornos mentais e o trabalho docente.</p> <p>Material: 42 respostas discursivas.</p> <p>Unidade de registro: Frases que indicam dificuldades, necessidades e sugestões relacionadas ao tema. As falas dos professores foram integralmente transcritas nas categorias temáticas, compondo o corpo da análise e permitindo o exame direto dos enunciados.</p> <p>Unidade de contexto: A realidade do ensino médico e o impacto dos transtornos mentais nos estudantes e professores. As falas dos professores foram apresentadas ao longo das categorias identificadas, servindo como base para a interpretação contextual.</p>
<p>2. Categorias temáticas identificadas</p>

Os professores participantes foram denominados como Prof 1 a Prof 42

I- Impacto na prática pedagógica

- Professores relatam a necessidade de adaptar as metodologias de ensino para atender alunos com transtornos mentais.

- Exemplos:

“Temos que nos adaptar e tentar ajudar esses estudantes” (Prof 1);

“O professor está cada dia mais refém do estudante adoecido emocionalmente” (Prof 3);

“O clima de ansiedade e pressão, muitas vezes presente nos cursos de Medicina, pode afetar a qualidade do ensino e a interação entre professor e aluno” (Prof 18);

“Vejo o atraso, cada vez mais, em propiciar que o aluno adquira o conhecimento sobre a medicina, visto que precisamos voltar e abordar conceitos básicos sobre a vida, sociedade, entre outros. E mesmo assim patinamos na parte científica, devido a limitação do aluno” (Prof 28);

“Prejuízos tanto para o aprendizado como na formação do acadêmico com repercussões futuras na atividade médica que este profissional irá realizar” (Prof 33);

“Há cada vez mais alunos com dificuldade para aprender por conta de sofrimento mental” (Prof 39)

II- Falta de preparo, orientação e capacitação dos docentes

- Vários docentes apontaram que não receberam treinamento adequado para lidar com essas situações.

- Exemplos:

“Os professores não estão preparados” (Prof 2);

“Há necessidade de formação continuada” (Prof 7) ;

“Não tenho certeza do quanto devemos tratar diferentemente alunos ‘diferentes’ “ (Prof 9);

“Em razão do não preparo para lidar com a situação, há certo desconforto na abordagem do aluno. Alunos com transtornos mentais, acabam por me levar a repensar abordagem afim de melhorar o entendimento/desempenho deste nas atividades propostas.” (Prof 10);

“Devido ao aumento dos diagnósticos, fica evidente a necessidade dos professores conseguirem detectar o transtorno, de oficinas que nos preparem para agir nessas situações” (Prof 12);

“Precisamos ser orientados da melhor forma possível pois estamos recebendo estudantes com esse tipo de diagnóstico mais frequentemente.” (Prof 15);

“Os docentes precisam de capacitação e treinamento” (Prof 22) ;

“Ainda temos poucas informações sobre como agir” (Prof 26) ;

“Preocupante. Ausência de treinamento” (Prof 27) ;

“Acredito que não temos um preparo adequado para lidar com certas situações que envolvem o transtorno mental” (Prof 34) ;

“Observamos cada vez mais alunos acometidos por doenças psiquiátricas e não sabemos como lidar” (Prof 36) ;

“Aproveito a disciplina que ministro para falar sobre nós mesmos, nossas emoções, sentimentos, percepções e autoconhecimento.” (Prof 41)

III- Pressão emocional e estresse docente

• Relatos de que a saúde mental dos próprios professores também está sendo afetada.

Exemplos:

“Os docentes também estão sofrendo com estes problemas” (Prof 12) ;

“Grande desafio da docência nos tempos atuais” (Prof 14) ;

“Infelizmente as turmas cada vez são mais numerosas e as aulas são em tempo limitado, não possibilitando um maior contato com o aluno e não acesso a essas percepções dos transtornos mentais, muitas vezes não detectadas por nos professores” (Prof 31) ;

“Muitos docentes também sofrem com os mesmos transtornos e por vezes não tem orientação institucional ou apoio para lidar com seu próprio problema.” (Prof 32)

IV. Percepção do aumento dos transtornos mentais entre os estudantes

• Muitos professores mencionaram a crescente prevalência de diagnósticos psiquiátricos e suas consequências.

Exemplos:

“Esse aumento de prevalência é notável, e nos leva a ficar atentos às reações e disposição dos alunos” (Prof 6) ;

“Percebo um aumento significativo nos casos” (Prof 16);

“O número crescente de alunos com transtornos mentais nos fará enfrentar mais situações difíceis” (Prof 17);

“Realmente, percebo um aumento significativo nos casos de transtornos mentais” (Prof 21) ;

“Transtornos estão cada vez mais prevalentes haverá necessidade de treinamento dos docentes” (Prof 24);

“A docência envolve muitos aspectos quanto ao discente, a pressão que o curso em si oferece, as características geracionais e a falta de maturidade de vida e acadêmica podem estar relacionadas ao aumento desses transtornos nos acadêmicos de medicina” (Prof 25);

“O maior diagnóstico destas alterações leva a maior prevalência destes casos em nossa turma” (Prof 30);

“A minha percepção é que tem aumentado os casos de transtornos mentais comuns entre os alunos de medicina” (Prof 34); ;

“Estão aumentando estes casos” (Prof 35) ;

“A crescente prevalência de transtornos mentais comuns entre acadêmicos de Medicina apresenta desafios diretos para a docência, exigindo maior sensibilidade e capacitação dos professores” (Prof 36) ;

“Observamos cada vez mais alunos acometidos por doenças psiquiátricas.” (Prof 38)

V. Criticismo quanto à validade dos diagnósticos

• Alguns docentes questionam a legitimidade de diagnósticos e a tendência de superdiagnóstico.

Exemplos:

*“Os diagnósticos ficaram muito permissivos” (Prof 4);
 “Parece que há 'overdiagnose' e 'overtratamento' desses jovens” (Prof 21);
 “Geralmente o professor não dá muita importância ao aluno com transtornos mentais” (Prof 39); “Transtornos estão cada vez mais prevalentes haverá necessidade de treinamento dos docentes.” (Prof 40)*

VI. Necessidade de suporte institucional

• Professores indicam que as instituições de ensino precisam fornecer um suporte mais estruturado.

Exemplos:

“Precisamos de orientações, palestras e capacitação” (Prof 7) ;

“É crucial que as instituições ofereçam suporte adequado” ” (Prof 8) ;

“Não tenho certeza do quanto devemos tratar diferentemente alunos diferentes ou o quanto a exigência deve ser a mesma para todos, principalmente considerando alunos com TDAH” ” (Prof 23) ;

“Devemos discutir sobre esse tema para implementar condutas uniformes” (Prof 29) ;

“É crucial que as instituições de ensino ofereçam suporte adequado, tanto para os alunos quanto para os professores, incluindo programas de bem-estar, capacitação contínua e recursos para a saúde mental” (Prof 37).

VII. Estratégias sugeridas para melhorar a situação

• Propostas de materiais para orientação, capacitações, oficinas e rodas de conversa para melhorar a percepção e o manejo dos casos.

Exemplos:

“É importante e essencial que o professor tenha orientação sobre como lidar com um aluno adoecido mentalmente” (Prof 6);

“Rodas de conversa são formas de reconhecer a existência do problema” (Prof 7);

“É necessário esclarecimentos ao docente na prevenção de situações adversas” (Prof 8);

“Precisamos saber como agir nessas situações com condutas semelhantes” (Prof 10) ;

“Percebo que alunos que têm dificuldades em socializar, que estão mais quietos, preocupados e ansiosos parecem melhorar quando busco alguma forma de conduzir a tutoria que facilite a participação” (Prof 11);

“Tenho receio de não agir da melhor forma se passar por alguma situação assim e acabar prejudicando ou expondo o aluno de alguma forma. Acho que um manual e discussões sobre o tema são fundamentais, tanto para proteção do aluno quanto do professor” (Prof 19);

“Minha percepção que preciso ter mais orientações sobre o assunto para um correto manejo desses alunos” (Prof 20) ;

“É fundamental a adoção de estratégias de suporte e intervenções adequadas para garantir um aprendizado inclusivo e eficaz” (Prof 36);

“A abordagem em sala de aula, portanto, pode ser melhorada com uma melhor orientação dos professores e dos alunos.” (Prof 42)

3. Tratamento dos resultados

Distribuição das respostas por categorias:

- **Impacto na prática pedagógica:** 14 respostas (33%)
- **Falta de preparo, de orientação e de capacitação dos docentes:** 19 respostas (45%)
- **Pressão emocional e estresse docente:** 10 respostas (24%)
- **Percepção do aumento dos transtornos mentais entre alunos:** 20 respostas (48%)
- **Crítica quanto à validade dos diagnósticos:** 6 respostas (14%)
- **Necessidade de suporte institucional:** 15 respostas (36%)
- **Estratégias sugeridas:** 12 respostas (29%)

Fonte: Dados da pesquisa.

4.5.2 - Análises das respostas – categorização e interpretação

As respostas dos professores à questão discursiva do questionário foram examinadas por meio de análise de conteúdo e agrupadas em sete categorias temáticas previamente definidas. Cada categoria representa um eixo de sentido emergente a partir dos depoimentos, revelando percepções, experiências, dilemas e sugestões dos docentes frente à presença de estudantes com transtornos mentais comuns no ensino superior.

Mais do que quantificar recorrências, esta etapa interpretativa busca compreender os significados atribuídos pelos professores às situações vividas no cotidiano acadêmico, as tensões enfrentadas em sala de aula, as lacunas formativas identificadas e os caminhos sugeridos para o enfrentamento institucional do problema.

Nesse sentido, os trechos selecionados das falas ilustram aspectos relevantes que, articulados à análise, permitem identificar os desafios da prática docente diante do sofrimento psíquico discente. Assim, cada categoria será apresentada a seguir com uma breve descrição, seguida de uma análise interpretativa e exemplos de falas acompanhadas de suas respectivas leituras analíticas.

Categoria 1: Impacto na prática pedagógica (14 respostas / 33%)

Esta categoria abrange respostas que indicam como os transtornos mentais dos estudantes influenciam diretamente a atuação docente, seja pelo comprometimento do ritmo da aula, pela necessidade de flexibilizações ou pela insegurança frente às reações emocionais dos discentes.

Análise qualitativa: Os docentes relatam dificuldades em manter a condução da aula quando percebem estudantes visivelmente desestabilizados. Há menções à necessidade de adaptações de conteúdo e ritmo, bem como à insegurança em abordar o aluno sem causar constrangimento ou ultrapassar seus limites éticos. Essa

percepção revela um professor atento ao sofrimento discente, mas carente de ferramentas institucionais para uma intervenção segura.

Exemplos de falas (com interpretação):

O Prof 1 ao dizer: “*Temos que nos adaptar e tentar ajudar esses estudantes*”, demonstra a disposição do professor em readaptar o ritmo de explanação de conteúdo ao estudante em sofrimento. Essa atitude está alinhada com as discussões de Leal (2018), que destaca a importância de estratégias pedagógicas flexíveis para atender às necessidades de estudantes com transtornos mentais.

O Professor 3 ao falar: “*Sinto que preciso reduzir o ritmo da aula para não agravar a ansiedade de alguns estudantes*” nos revela o impacto direto na gestão do tempo pedagógico e demonstra a sensibilidade do professor frente ao adoecimento mental. Essa percepção é corroborada por Oliveira *et al.* (2022), que apontam a necessidade de ajustes no ambiente acadêmico para promover a saúde mental dos estudantes.

Categoria 2: Falta de preparo, de orientação e capacitação dos docentes (19 respostas / 45%)

Descrição da categoria: Esta categoria reúne falas que apontam a ausência de formação específica dos professores para lidar com estudantes em sofrimento mental. Os relatos destacam o despreparo, a insegurança diante dos casos e a necessidade de capacitações permanentes.

Análise qualitativa: Os docentes expressam sentimentos de insegurança, receio e frustração ao lidar com estudantes com transtornos mentais. Há forte percepção de lacuna formativa quanto à saúde mental no contexto docente, o que gera dúvidas sobre como agir eticamente, sem causar prejuízos ou expor o estudante. A ausência de diretrizes institucionais e formações específicas é vista como um fator limitante para uma atuação mais segura e eficaz.

Exemplos de falas (com interpretação):

O Prof 10 ao dizer: “*Devido ao aumento dos diagnósticos, fica evidente a necessidade dos professores conseguirem detectar o transtorno*”, demonstra preocupação com a crescente demanda e a falta de preparo para responder adequadamente. Essa preocupação é abordada por Santos *et al.* (2024), que enfatizam a importância de capacitações específicas para que os docentes possam identificar e lidar adequadamente com questões de saúde mental entre os estudantes.

O Prof 15 ao escrever: “*Os docentes precisam de capacitação e treinamento*”, reforça a necessidade urgente de políticas institucionais voltadas à formação contínua. Essa necessidade é destacada por Santos *et al.* (2024), que propõem programas de capacitação em saúde mental para professores, visando a criação de ambientes educacionais mais acolhedores.

O Prof 7 ao relatar: “*Tenho medo de falar algo que piore o estado emocional do aluno*”, demonstra claramente o receio quanto à abordagem, reforçando a ausência de diretrizes e preparo. Essa situação expressa receio comum apontado por Santos *et al.* (2024), que identificam a insegurança dos docentes quanto aos limites ético-pedagógicos ao lidar com o sofrimento discente.

Categoria 3: Pressão emocional e estresse docente (10 respostas / 24%)

Descrição da categoria: Essa categoria contempla relatos sobre o impacto emocional da docência, especialmente no enfrentamento de casos de sofrimento mental entre os alunos. Alguns professores mencionam que também sofrem de adoecimento psíquico.

Análise qualitativa: A sobrecarga emocional dos docentes é evidenciada, tanto pelo número de alunos com sofrimento mental quanto pela ausência de suporte ao próprio professor. Há relatos de esgotamento, turmas numerosas e sensação de impotência diante das demandas crescentes. A docência é vista como uma atividade emocionalmente exigente, agravada pela falta de acolhimento institucional.

Exemplos de falas (com interpretação):

O Prof 31 ao dizer: “*Os docentes também estão sofrendo com estes problemas*”, demonstra o reconhecimento de que a saúde mental não é apenas um problema estudantil, mas também docente, reforçando o que Santos *et al.* (2024) destacam como um cenário de adoecimento docente marcado por esgotamento, demandas institucionais elevadas e falta de apoio institucional.

O Prof 32 ao relatar: “*Grande desafio da docência nos tempos atuais*”, formulou uma frase que resume o clima de tensão e sobrecarga vivido pelos professores, como destacado por Santos *et al.* (2024), que descrevem a grande crise do trabalho docente da contemporaneidade, acentuada pela ausência de políticas de cuidado para os próprios professores.

Categoria 4: Percepção do aumento dos transtornos mentais entre os estudantes (20 respostas / 48%)

Descrição da categoria: Nesta categoria, os docentes relatam observar um aumento considerável no número de estudantes com transtornos mentais, atribuindo o fenômeno a fatores como pressão acadêmica, características geracionais e ambiente universitário.

Análise qualitativa: A percepção dos professores indica uma realidade preocupante e em expansão. A maioria acredita que há mais estudantes com sofrimento mental atualmente do que em anos anteriores. As causas apontadas incluem fatores acadêmicos, sociais e psicológicos. Esta constatação reforça a urgência de medidas institucionais para acolhimento e prevenção.

Exemplos de falas (com interpretação):

O Prof 21 ao escrever: “*Realmente, percebo um aumento significativo nos casos de transtornos mentais*”, denota uma observação pessoal objetiva e revela um padrão percebido de forma ampla entre os docentes, compartilhando da percepção já documentada por Oliveira *et al.* (2022), que alertam para a crescente prevalência de sofrimento psíquico entre universitários, especialmente após a pandemia.

O Prof 25 ao dizer: “*O número crescente de alunos com transtornos mentais nos fará enfrentar mais situações difíceis*”, demonstra uma antecipação de conflitos e desafios no cotidiano docente, corroborando com Oliveira *et al.* (2022) que anteveram obstáculos futuros e identificaram fatores institucionais e sociais como desencadeadores de sofrimento mental em larga escala entre estudantes.

Categoria 5: Criticismo quanto à validade dos diagnósticos (6 respostas / 14%)

Descrição da categoria: Falas nesta categoria expressam ceticismo dos docentes em relação à autenticidade dos diagnósticos, sugerindo possível excesso de medicalização ou uso indevido de laudos.

Análise qualitativa: Alguns professores questionam a veracidade dos diagnósticos apresentados por estudantes, levantando hipóteses de superdiagnóstico, exagero ou uso estratégico dos laudos. Essa visão pode gerar barreiras ao acolhimento efetivo, criando um ambiente de desconfiança e julgamentos, mesmo que involuntários.

Exemplos de falas (com interpretação):

O Prof 4 ao dizer: “*Os diagnósticos ficaram muito permissivos*”, expressa uma preocupação alinhada às críticas sobre a expansão dos critérios diagnósticos em

saúde mental. Essa visão é corroborada por Soalheiro e Mota (2014), que discutem a crescente medicalização de aspectos da vida cotidiana, onde sentimentos normais são frequentemente classificados como patologias, levando a diagnósticos excessivos e, por vezes, desnecessários.

O Prof 21 ao escrever: “*Parece que há overdiagnose e overtratamento desses jovens*”, levanta uma crítica à possível banalização dos transtornos mentais entre os alunos. Essa visão é corroborada por Amarante (2022), que destaca a necessidade de distinguir entre sofrimento psíquico e transtornos mentais, evitando a patologização de experiências humanas comuns.

Categoria 6: Necessidade de suporte institucional (15 respostas / 36%)

Descrição da categoria: Esta categoria agrupa falas que apontam a carência de políticas institucionais claras e apoio estruturado tanto para estudantes quanto para professores.

Análise qualitativa: Os docentes sentem falta de diretrizes objetivas da instituição para lidar com situações de sofrimento mental. Há pedidos por palestras, oficinas, capacitações e canais de apoio. A ausência de protocolos específicos contribui para insegurança e ações improvisadas. A institucionalização do cuidado é percebida como essencial para lidar com um cenário crescente de adoecimento.

Exemplos de falas (com interpretação):

O Prof 7 ao dizer: “*Precisamos de orientações, palestras e capacitação*”, faz um pedido direto por intervenções institucionais de apoio. Essa necessidade é evidenciada no estudo de Simões *et al.* (2022), que analisou as intervenções em saúde mental na Universidade Federal de Alagoas, identificando a escassez de ações voltadas para o suporte psicológico dos estudantes.

O Prof 29 ao relatar: “*Devemos discutir sobre esse tema para implementar condutas uniformes*”, sugere a padronização de práticas docentes frente a estudantes com TMC. Essa proposta encontra respaldo em Ribeiro, Peixoto e Bastos (2017), que enfatizam a importância de políticas institucionais claras e integradas para promover a saúde mental no ambiente universitário.

Categoria 7: Estratégias sugeridas para melhorar a situação (12 respostas / 29%)

Descrição da categoria: Falas que propõem ações concretas como capacitações, rodas de conversa, manuais ou materiais didáticos sobre saúde mental no contexto universitário.

Análise qualitativa: A categoria reflete a disposição dos professores em colaborar com a construção de soluções. Muitos reconhecem que precisam aprender mais sobre o tema e pedem instrumentos objetivos, como guias e oficinas. Há também propostas de escuta ativa e empatia, reforçando que o vínculo com o aluno pode ser um diferencial no processo educativo.

Exemplos de falas (com interpretação):

O Prof 20 ao falar: “*Acho que um manual e discussões sobre o tema são fundamentais*”, ressalta a necessidade de recursos estruturados para guiar a prática docente. Essa abordagem é apoiada por Sales (2025), que destacam a eficácia de materiais educativos e programas de capacitação na promoção da saúde mental no ensino superior.

O Prof 36 ao dizer: “*Rodas de conversa são formas de reconhecer a existência do problema*”, enfatiza estratégias coletivas para conscientização e acolhimento. Essa prática é corroborada por Farinha *et al.* (2019), que demonstraram que as rodas de conversa com universitários são eficazes na promoção da saúde mental, proporcionando um espaço de escuta e reflexão sobre as dificuldades enfrentadas no ambiente acadêmico.

4.6 - Discussão dos resultados com reflexão crítica

As respostas discursivas dos professores universitários revelaram percepções complexas sobre o crescente número de estudantes com TM e os efeitos desse cenário na prática docente. As falas analisadas evidenciaram não apenas o impacto direto na rotina pedagógica, mas também lapsos formativos, tensões institucionais e uma busca por orientação clara quanto ao papel do professor frente a essas situações.

A percepção de que os transtornos mentais dos estudantes impactam diretamente a prática pedagógica foi recorrente nas falas dos docentes, que relataram a necessidade de adaptar metodologias e flexibilizar exigências para melhor atender aos alunos. Expressões como “*Temos que nos adaptar e tentar ajudar esses estudantes*” e “*O professor está cada dia mais refém do estudante*” revelam sentimentos ambivalentes de cuidado e sobrecarga. Esse tensionamento entre o

compromisso pedagógico e as limitações emocionais dos estudantes exige do docente uma postura de mediação, nem sempre contemplada em sua formação. Como destacam Lima, Vecchi e Paloski (2024), os professores universitários enfrentam o desafio de manter a qualidade do ensino ao mesmo tempo em que respondem à demandas subjetivas e emocionais crescentes em sala de aula. A literatura aponta que a formação docente precisa abranger conteúdos sobre inclusão, saúde mental e práticas pedagógicas sensíveis, sob risco de gerar frustração, esgotamento e sensação de impotência por parte dos professores (Soares e Rossetto, 2022).

A segunda e mais frequente categoria diz respeito à falta de preparo dos docentes para lidar com questões de saúde mental dos estudantes. Relatos como “*Os professores não estão preparados*” e “*Há necessidade de formação continuada*” reforçam a hipótese desta pesquisa: a formação docente não tem contemplado adequadamente temas que envolvem sofrimento psíquico no ambiente acadêmico. Lima, Vecchi e Paloski (2024) afirmam que a ausência de preparo pedagógico para o manejo de questões emocionais é uma das principais barreiras enfrentadas por professores do ensino superior, gerando insegurança, resistência e afastamento diante de situações que exigem escuta e acolhimento.

Esse desconhecimento também é abordado por Constantino (2022), que mostra como os professores sentem-se inseguros ao lidar com estudantes em sofrimento psíquico por não receberem orientações claras durante sua formação. A ausência de preparo específico para enfrentar demandas emocionais do contexto acadêmico contribui para que muitos docentes adotem uma postura de distanciamento, como mecanismo de proteção. Alves *et al.* (2025) reforçam que, sem formação adequada e sem conhecer os limites ético-pedagógicos, o professor tende a se afastar dessas situações por medo de agir de forma equivocada ou por não saber como conduzir o acolhimento, o que reforça a desconexão entre o papel pedagógico e as necessidades emocionais emergentes no ambiente universitário.

A percepção de que não cabe ao professor realizar diagnósticos, mas sim acolher e encaminhar, apareceu de forma implícita em algumas falas, especialmente naquelas que solicitavam orientações claras sobre o que fazer diante de um estudante em sofrimento – “*Precisamos saber como agir nessas situações*”. Como destaca Sales, Oliveira e Coelho (2025), a atuação do professor deve se basear no reconhecimento de sinais e na mediação entre o estudante e os serviços

especializados da instituição. O docente atua como elo entre o conteúdo e o cuidado, e essa função precisa estar prevista em sua formação e reconhecida institucionalmente.

Outro ponto de destaque foi a pressão emocional vivenciada pelos próprios professores, como “*O número crescente de alunos com transtornos mentais nos fará enfrentar mais situações difíceis*”, agravada pela ausência de suporte institucional. A literatura reforça que o esgotamento docente também é alimentado por expectativas contraditórias: espera-se que o professor seja sensível, acessível e acolhedor, mas raramente se oferece a ele ferramentas pedagógicas, emocionais ou estruturais para cumprir esse papel (Aguiar *et al.*, 2024). Dessa forma, o sofrimento do professor se soma ao do estudante, revelando um cenário de adoecimento coletivo.

As respostas também apontam a necessidade de que o professor conheça os fluxos institucionais de atendimento e saiba como encaminhar o estudante adoecido, corroborando com os achados de Constantino (2022), o qual defende que a formação continuada deve incluir informações sobre os dispositivos institucionais de apoio, como núcleos psicopedagógicos, serviços de saúde mental e setores de acessibilidade.

No que se refere às estratégias sugeridas pelos docentes, foram citadas com frequência oficinas, palestras e materiais de apoio sobre saúde mental no ensino superior. Essa sugestão alinha-se à proposta deste estudo: a construção de um material didático-instrucional que contribua para a formação dos professores em saúde mental e para o fortalecimento da prática pedagógica diante de questões emocionais. Segundo Alves *et al.* (2025), ações formativas com foco na escuta ativa, no acolhimento e no encaminhamento adequado são fundamentais para o enfrentamento dos desafios atuais do ensino superior.

Por fim, a tensão entre apoio e criticismo, evidenciada por falas que expressam desconfiança quanto à validade de diagnósticos, exige um debate ético e formativo. Questionamentos sobre “*superdiagnóstico*” e “*exagero nos tratamentos*” não devem ser ignorados, mas discutidos em espaços formativos que ajudem o professor a diferenciar o papel clínico do papel pedagógico. Como destacam Constantino (2022) e Alves *et al.* (2025), é fundamental que os professores universitários sejam capacitados para reconhecer sinais de sofrimento psíquico em seus estudantes e saibam como encaminhá-los adequadamente aos serviços especializados da

instituição, reforçando que seu papel é de acolhimento e mediação, não de diagnóstico.

Portanto, os resultados desta pesquisa reforçam a hipótese de que há uma lacuna na formação dos docentes universitários no que diz respeito ao reconhecimento e manejo das questões de saúde mental dos estudantes. Mais do que reforçar a sensibilidade do professor, é necessário fornecer formação crítica, prática e ética, além de instrumentos pedagógicos que dêem segurança e respaldo para sua atuação. A elaboração do Guia de Orientações aos Professores, proposta central deste trabalho, responde diretamente a essa necessidade formativa, propondo um material acessível, fundamentado e voltado à prática docente.

Ressalta-se que promover um alinhamento entre a experiência docente e estratégias atualizadas de manejo de saúde mental pode não apenas favorecer o bem-estar dos alunos, mas também aprimorar a relação entre professores e estudantes, criando um espaço educativo mais inclusivo e funcional. O Guia contribuirá para a formação de profissionais mais equilibrados emocionalmente e capazes de lidar com os desafios tanto pessoais quanto profissionais, promovendo, assim, um ambiente acadêmico mais saudável, mais humano e mais consciente.

4.7 - Representação de dados qualitativos em nuvem de palavras

A bibliometria clássica está tradicionalmente voltada à análise quantitativa da produção científica - observando autores, citações e palavras-chave. Seus princípios podem inspirar estratégias analíticas e mapear produções científicas em outros contextos (Pinto; Fonseca, 2007). No presente estudo, no entanto, como as respostas dos professores não apresentaram menções explícitas à autores, obras ou artigos científicos, não foi possível aplicar diretamente as métricas bibliométricas convencionais. Diante disso, optou-se por uma abordagem que combina técnicas de análise lexical, para mapear a frequência e associação entre termos, conforme descrito por Camargo e Justo (2013) e análise temática, para abordar os princípios clássicos de categorização e inferência apresentados por Bardin, com inspiração na lógica da bibliometria.

A análise lexical possibilitou mapear a frequência de termos e expressões mais recorrentes nas respostas discursivas, revelando campos semânticos como “transtornos”, “professor”, “suporte” e “capacitação”. Já a análise temática possibilitou a identificação de padrões de sentido, extraíndo as categorias relacionadas aos

desafios enfrentados pelos docentes diante do aumento dos transtornos mentais entre estudantes de medicina.

Essa combinação de técnicas permitiu uma leitura mais profunda das percepções docentes, identificando padrões e tendências nos textos, com o objetivo de gerar *insights* sobre o conteúdo e a estrutura das respostas. Dessa forma, foi possível compreender com mais clareza as demandas, angústias e sugestões dos professores, respeitando a complexidade das especificidades treinadas. Segundo Marques (2020), dentre as técnicas que podem ser utilizadas, a Análise de Co-ocorrência de Palavras consegue identificar aquelas que aparecem juntas com frequência, revelando associações e relações entre conceitos.

A nuvem de palavras representada na Figura 10 foi gerada a partir das 42 respostas discursivas dos professores. Para garantir maior fidelidade ao conteúdo semântico das falas, foram removidos pronomes, conectivos e artigos, de modo que os termos mais significativos ganhassem destaque na visualização. As palavras em maior evidência — como “professor”, “estudante”, “transtornos”, “saúde”, “mental”, “necessidade”, “suporte” e “capacitação” — confirmam os principais eixos temáticos identificados na análise qualitativa: os desafios da docência frente ao adoecimento psíquico discente, a necessidade de preparação docente e as demandas institucionais por um suporte estruturado.

Figura 10: Nuvem de palavras

Nuvem de palavras - percepções docentes sobre transtornos mentais em estudantes de medicina



Fonte: Elaboração própria (através do WordCloud).

A análise revelou que o despreparo e a falta de orientação constituem um ponto crítico nas respostas dos professores, que reconhecem tanto a necessidade de apoio institucional quanto a importância de desenvolver estratégias de enfrentamento.

A pressão sobre os professores e a percepção do aumento de transtornos entre os estudantes indicam que intervenções estruturadas, como orientações, capacitações e programas de bem-estar são essenciais. Além disso, é necessário discutir o equilíbrio entre exigências pedagógicas e suporte emocional para promover saúde mental para ambos os grupos.

5. PRODUTO EDUCACIONAL

5.1 - Metodologia para confecção do Guia:

Nos últimos anos, a atenção à saúde mental dos estudantes universitários tem se intensificado, refletindo uma preocupação crescente com o impacto do sofrimento psíquico na vida acadêmica (Sahão, 2021). A entrada na universidade, especialmente em cursos altamente exigentes como medicina, impõe uma série de desafios que podem intensificar vulnerabilidades já existentes ou desencadear quadros clínicos novos. Nesse contexto, o aumento da prevalência de TMC entre os estudantes, somado à escassez de formação específica dos professores para lidar com essas situações, motivou a criação de um Produto Educacional voltado ao acolhimento discente.

O material desenvolvido — **Presenças que cuidam: Caminhos para o Acolhimento de Estudantes de Medicina com Possíveis Transtornos Mentais - Guia de Orientações aos Professores** — foi construído com base em revisão da literatura científica, análise de documentos institucionais e consultas com profissionais das áreas de psiquiatria, psicologia e psicopedagogia.

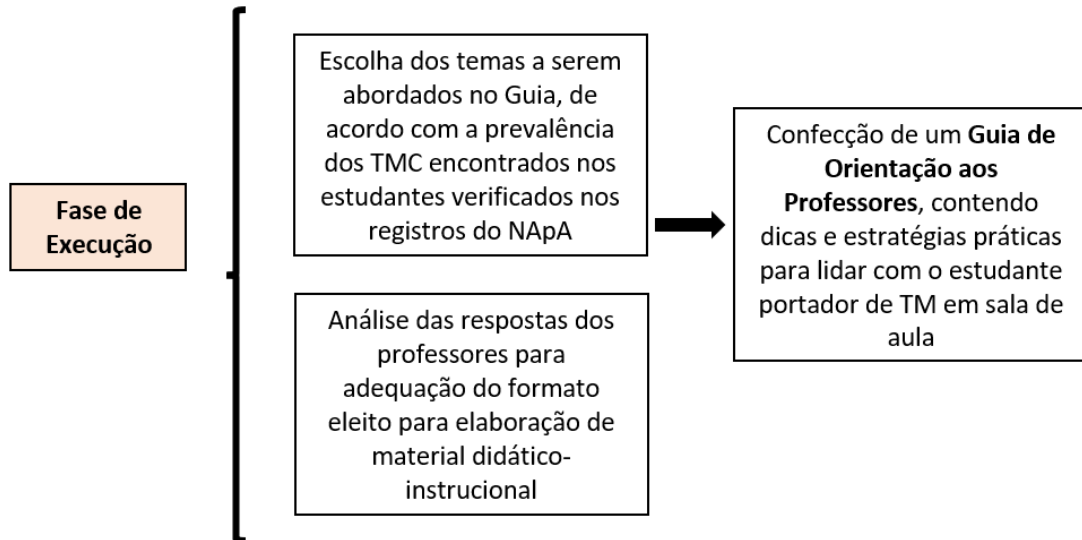
Adicionalmente, sua elaboração foi fundamentada em dados coletados junto aos próprios professores, por meio de um questionário aplicado na fase inicial da pesquisa. As respostas abertas foram submetidas à análise qualitativa segundo a metodologia de análise de conteúdo de Laurence Bardin (Santos, 2012), permitindo a categorização de percepções, necessidades e experiências reais dos docentes.

Sequencialmente, a segunda parte foi constituída pelos dados já categorizados, os quais foram detalhadamente observados para inferir conclusões e interpretar significados que ajudaram a moldar o Guia de Orientação, alinhando as estratégias pedagógicas às necessidades identificadas. Através da análise qualitativa dos dados encontrados, foi possível reconhecer padrões e temas recorrentes que revelaram o nível de conhecimento atual dos professores, bem como suas preocupações e necessidades em relação ao manejo de estudantes com TMC.

Esta análise, somada à identificação dos TM mais comumente encontrados nos estudantes de medicina do UNICEPLAC, foi fundamental para orientar os conteúdos e estratégias que foram incluídos no Guia de Orientação, para garantir que ele seja relevante e baseado nas experiências e percepções reais dos docentes (Figura 11).

A partir dessa escuta ativa, o conteúdo do Guia foi estruturado de forma prática, clara e humanizada, buscando ampliar a sensibilidade dos professores diante de sinais recorrentes de sofrimento psíquico entre seus alunos e orientar sobre condutas adequadas e fluxos institucionais de apoio.

Figura 11: Fase de execução da pesquisa

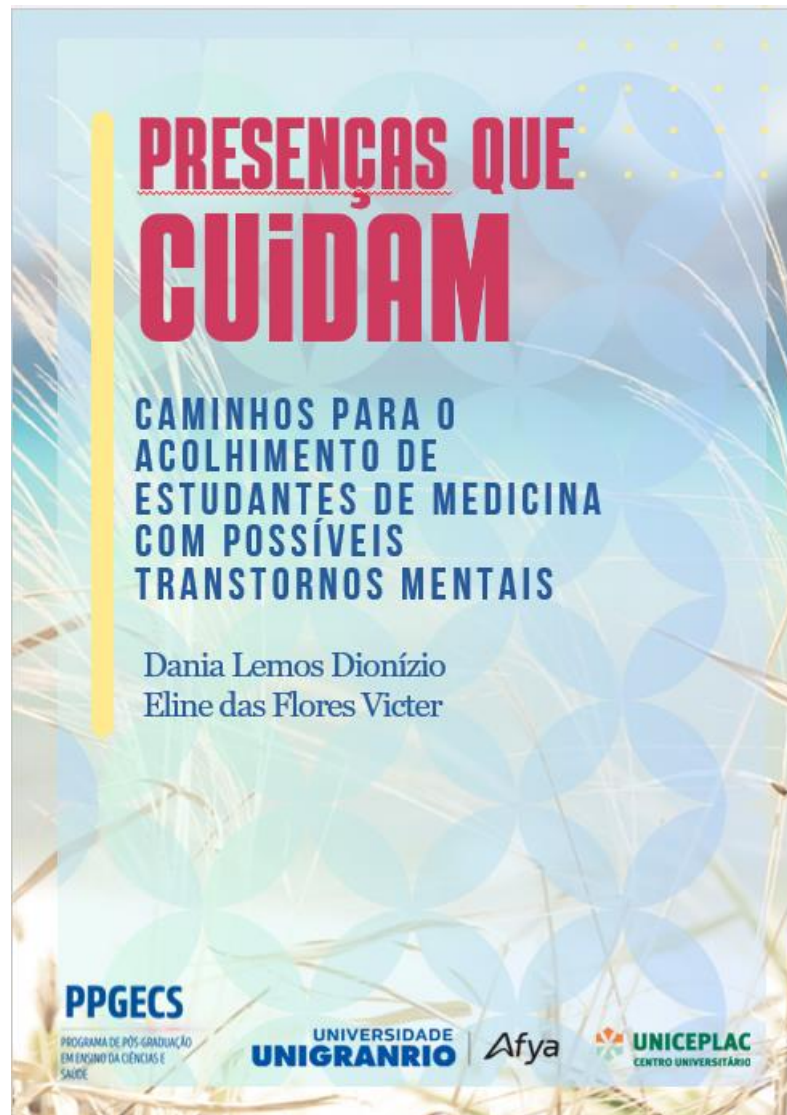


Fonte: Elaboração própria.

5.2 - Estrutura e conteúdo do material

O Guia foi disponibilizado em versão digital/PDF (a Figura 12 ilustra a capa do Guia validado), de acordo com as preferências expressas pelos professores.

Figura 12: Capa do produto educacional



Fonte: Elaborado pelos autores.

O Guia de Orientação é composto por 14 capítulos organizados de forma progressiva e funcional (a Figura 13 ilustra o Sumário do Guia), abordando desde sinais inespecíficos de sofrimento até condutas específicas para diferentes tipos de transtornos mentais comuns. Entre os temas tratados, destacam-se:

- Transtorno de Ansiedade Generalizada e suas variantes;
- Transtorno Depressivo Maior;
- Transtorno Misto Ansioso-Depressivo;
- Estresse Crônico (Burnout);
- Transtornos Mentais Comuns (TMC);
- Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Figura 13: Sumário do Guia

Sumário	Introdução	12
	Sinais, Sintomas e Comportamentos	13
	Transtornos de Ansiedade	15
	Transtornos do Pânico	22
	Transtorno Depressivo Maior	29
	Transtorno Misto Ansioso-Depressivo	33
	Transtornos do Estresse	37
	Transtornos mentais comuns	41
	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade	42
	Limites ético-pedagógicos na abordagem docente	46
	Crie um ambiente acolhedor e inclusivo	50
	O <i>Mindfulness</i>	53
	O autocuidado docente	57
	Apoio institucional	60
	Referências	64

Fonte: Elaborado pelos autores.

O material inicia com um relato-problema inspirado na realidade universitária, seguido de um índice remissivo com sinais observáveis e estados emocionais correlatos (como tremores, sudorese, taquicardia), que ajudam o professor a relacionar manifestações comportamentais a possíveis quadros clínicos.

Outros capítulos abordam o limite ético-pedagógico da atuação docente, estratégias para promoção de ambientes acadêmicos saudáveis, cuidados com a saúde mental do próprio professor e o detalhamento do fluxo de encaminhamento institucional ao NApA.

6. APLICAÇÃO E VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

6.1 - Processo de validação e participação docente:

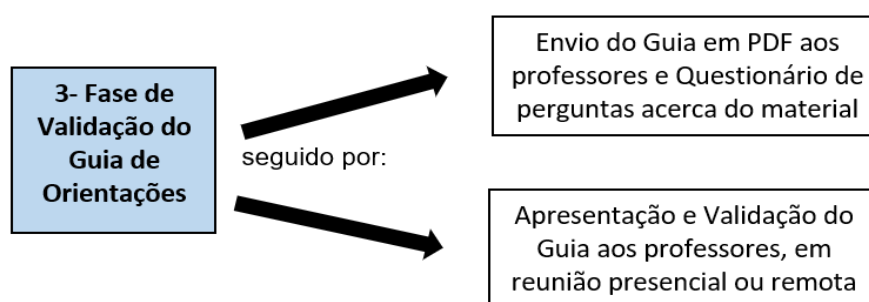
A validação do Guia ocorreu junto aos professores do curso de medicina do UNICEPLAC, que receberam convites por e-mail institucional (o convite foi enviado 4 vezes no período) e por meio do grupo de *WhatsApp* da Coordenação. No total, 34 docentes participaram da leitura crítica do material e responderam ao questionário de avaliação.

Essa etapa se deu em duas fases:

- Leitura prévia e resposta ao questionário *online* (apêndice B), com questões fechadas e abertas sobre a clareza, aplicabilidade e sugestões de melhoria;
- Reunião virtual síncrona, na qual foi feita a apresentação formal do Guia, contextualização do tema e espaço para comentários e dúvidas, através de um roteiro semi-estruturado (apêndice C). Apesar de todos os professores terem sido convidados, apenas quatro participaram da reunião ao vivo, o que pode ser atribuído às cargas horárias intensas e plantões noturnos. Ainda assim, os relatos dessa reunião coincidiram com as respostas escritas no questionário, reforçando a confiabilidade do retorno obtido.

A apresentação do material foi conduzida em 20 minutos e abordou os dados institucionais mais recentes sobre a saúde mental discente, os objetivos pedagógicos do Guia e sua estrutura prática. Na sequência, os professores presentes destacaram a importância do material, sua clareza e sugeriram melhorias visuais e funcionais, como a criação de versões interativas ou de consulta rápida (Figura 14). O encontro teve uma duração total de 60 minutos.

Figura 14: representa a fase de validação da pesquisa, com a devolutiva feita aos docentes



Fonte: Elaboração própria.

6.2 - Resultados e Discussão da validação - análise qualitativa:

A análise das respostas ao questionário revelou aceitação significativa do Guia como recurso pedagógico sensível, útil e aplicável. As respostas demonstraram não apenas aprovação da proposta, mas também reflexões críticas sobre sua aplicabilidade, potencial transformador e possibilidades de aprimoramento. A seguir, os dados quantitativos e qualitativos são examinados com base em análise de conteúdo e fundamentação teórica.

Destacam-se os seguintes dados:

- **91% dos professores** consideraram o conteúdo “*totalmente claro*”;
- **79%** avaliaram a estrutura como “*muito fácil de acompanhar*”;
- **100%** disseram que o Guia reflete, total ou parcialmente, à realidade dos alunos que acompanham;
- **100%** indicariam o material a outros professores.

Em relação à aplicabilidade prática, 91% disseram que o material oferece orientações úteis de forma eficaz, e 59% relataram já ter vivenciado situações reais em que o Guia teria feito diferença com relação à conduta tomada pelo docente.

Além dos resultados demonstrados anteriormente, as respostas abertas revelaram uma diversidade de experiências docentes frente ao sofrimento psíquico discente, que puderam ser organizadas em 6 categorias centrais de vivências recorrentes. Já os comentários finais sobre o Guia trouxeram percepções valiosas quanto à sua relevância, aplicabilidade e sugestões construtivas para aprimoramento. Esses aspectos serão explorados a seguir, por meio de uma análise qualitativa detalhada das falas dos professores, a fim de compreender com mais profundidade os impactos e o potencial do Produto Educacional no cotidiano docente.

6.2.1 - Análise detalhada das respostas ao questionário:

A análise de todas as respostas dos professores revelou ampla aceitação do Guia como recurso pedagógico prático e humanizador.

Questão 1 – Clareza do conteúdo

Pergunta: O conteúdo do Guia foi claro e de fácil compreensão?

Resultados:

- Totalmente claro: 31 respostas
- Claro na maior parte: 3 respostas

- Confuso e de difícil entendimento: 0

Análise qualitativa: A predominância da resposta “totalmente claro” (91%) evidencia que a linguagem adotada no Guia foi acessível, sem perder a seriedade do tema. Os comentários adicionais indicam que o equilíbrio entre acolhimento e rigor técnico foi bem recebido, como também apontado por Santos *et al.* (2024), que defendem a clareza como elemento fundamental na elaboração de materiais voltados à formação docente. Os 9% que indicaram “Claro na maior parte” apontam a necessidade de pequenos ajustes ou reformulações pontuais, sem comprometer o entendimento geral. Nenhum docente considerou o Guia confuso, o que evidencia a clareza textual e uma boa organização pedagógica do material.

Questão 2 – Organização e estrutura

Pergunta: A estrutura e organização dos capítulos facilitaram a leitura?

Resultados:

- Muito fácil de acompanhar: 27
- Moderadamente fácil: 7
- Exigiu releituras: 0
- Confusa: 0

Análise qualitativa: A estrutura foi considerada funcional pela maioria dos respondentes (79%), que a consideraram “Muito fácil de acompanhar”, demonstrando que a disposição sequencial e a divisão temática contribuíram para a fluidez da leitura. Como observado por Sales (2025), a organização lógica de capítulos favorece o uso autônomo e prático do material, especialmente por docentes com agendas sobrecarregadas. Os 21% restantes indicaram uma leitura “Moderadamente fácil”, o que sugere atenção a detalhes como formatação, distribuição das imagens e leveza visual - aspectos que foram mencionados nas respostas abertas (da questão 9) e serão discutidos mais adiante.

Questão 3 – Representatividade dos temas abordados

Pergunta: Os temas e transtornos abordados refletem a realidade dos estudantes que você acompanha?

Resultados:

- Totalmente: 18
- Na sua maioria: 16

- Pouco: 0
- Não refletem: 0

Análise qualitativa: O dado mostra que 100% dos professores reconheceu o alinhamento temático entre o Guia e suas experiências docentes. Isso confirma a relevância dos transtornos abordados (ansiedade, depressão, TMC, TDAH, etc.) como parte do cotidiano da docência universitária. Esse resultado também está alinhado ao aumento significativo da prevalência de transtornos mentais entre universitários, como apontado por Oliveira *et al.* (2022). Cerca da metade dos professores afirmou que os transtornos estão totalmente representados, enquanto a outra parte reconheceu a pertinência parcial, justificada pelo fato de nem todos terem vivenciado situações com todos os transtornos apresentados. Isso reforça a adequação temática do material ao cotidiano institucional.

Questão 4 – Ausência de temas relevantes

Pergunta: Você sentiu falta de algum transtorno mental ou tópico relevante?

Resultados:

- Sim: 5
- Não: 29

Tópicos sugeridos: TEA (Transtorno do Espectro Autista – nível 1); Esquizofrenia; Transtorno de Imagem Corporal; Ideação suicida e condutas de risco.

Análise qualitativa: A maioria (85%) não sentiu falta de temas, mas alguns sugeriram outros temas emergentes que já fazem parte da realidade acadêmica, mas que não foram contemplados nesta versão do Guia. Esse olhar ampliado revela a compreensão de que o sofrimento psíquico dos estudantes não é homogêneo e exige respostas igualmente diversas. Conforme aponta Amarante (2022), é fundamental contextualizar a saúde mental em sua diversidade e detalhes, evitando simplificações excessivas que desconsiderem suas múltiplas determinações no contexto universitário.

Questão 5 – Aplicabilidade prática das orientações

Pergunta: O Guia oferece orientações úteis e práticas para lidar com alunos em sofrimento psíquico?

Resultados:

- Sim, de forma eficaz: 31
- Parcialmente útil: 3
- Pouco aplicável ou não: 0

Análise qualitativa: A percepção de aplicabilidade foi amplamente positiva. A resposta “sim” de 91% dos docentes valida a proposta do Guia como instrumento de apoio real à prática docente. Essa recepção demonstra que o material contribui para preencher lacunas práticas, ao oferecer orientações viáveis diante da complexidade dos casos. Leal (2018) afirma que materiais educativos eficazes devem combinar empatia, objetividade e operacionalidade - características reconhecidas pelos professores neste Guia.

Questão 6 – Situações vividas com alunos e aplicação prática do Guia (pergunta de resposta aberta)

Pergunta: Você já vivenciou alguma situação com um estudante no Campus que uma dica ou orientação do Guia poderia ter feito diferença? Sinta-se à vontade para relatar

Resultados:

- Responderam “SIM”: 20 professores (59%)
- Responderam “NÃO”: 14 professores (41%)

Vivências Docentes: Quando o Guia teria feito diferença (Questão 6)

A sexta pergunta do questionário convidou os professores a relatarem se já haviam vivenciado alguma situação com estudantes em que as orientações contidas no Guia poderiam ter auxiliado na condução do caso. Das 34 respostas, 20 docentes (59%) responderam afirmativamente, trazendo relatos concretos, enquanto 14 (41%) responderam “não”, sem descrever experiências específicas.

A análise qualitativa das respostas a essa pergunta revelou 6 categorias principais de situações vividas (Quadro 4), refletindo diferentes formas de sofrimento psíquico observadas pelos professores e o impacto potencial do Guia em cada uma delas:

Quadro 4 – Categorias das situações vivenciadas pelos professores com relação ao sofrimento psíquico de seus estudantes

Categoria	Exemplos de relatos	Interpretação/Potencial do Guia
Crises de ansiedade e sofrimento emocional agudo	<i>“Já presenciei alunos chorando no OSCE”; “Estudantes tendo ataques de ansiedade e precisando de atendimento dos brigadistas.”</i>	Evidencia a recorrência de situações de tensão emocional intensa, principalmente em avaliações práticas. O Guia é reconhecido como um suporte que poderia orientar o acolhimento adequado nessas situações.
Encaminhamento ao NApA	<i>“Faltava segurança no encaminhamento do aluno. Entender melhor esse fluxo nos deixa mais seguros”; “Conversei com a coordenação para que pudesse ser encaminhado ao NApA.”</i>	Muitos docentes relataram dúvidas sobre o momento e a forma adequada de realizar encaminhamentos, indicando que o Guia tem valor ao esclarecer esse processo.
TDAH e dificuldades de aprendizagem	<i>“Um aluno com TDAH tinha dificuldades em estudar. As dicas do Guia seriam úteis para aconselhá-lo.”</i>	A dificuldade de oferecer apoio pedagógico a alunos com transtornos de atenção é percebida como um desafio comum.
Situações subjetivas e sem diagnóstico claro	<i>“Um estudante que apresentava sintomas que não preenchiam totalmente os critérios para ansiedade ou depressão. Percebi que era um TMC após ler o Guia.”</i>	Demonstra que o Guia ampliou a capacidade do professor de reconhecer manifestações menos evidentes ou ainda não diagnosticadas.
Recusa ou evitação de metodologias ativas	<i>“Estudantes com dificuldade ou recusa em participar de metodologias ativas como o PBL.”</i>	Sinaliza que comportamentos de evitação podem estar associados a sofrimento psíquico e que o Guia ajuda o docente a lidar com esse cenário.
Problemas pessoais impactando o desempenho	<i>“Uma aluna ansiosa, em processo de separação. Eu poderia ter usado uma escuta mais individualizada.”</i>	Reforça a importância da escuta empática e da criação de um ambiente seguro, mesmo diante de questões que ultrapassam o espaço acadêmico.

Fonte: dados da pesquisa.

As falas demonstram que muitos professores já enfrentaram situações desafiadoras em que não se sentiram preparados ou seguros.

Exemplos de falas de acordo com a categoria:

Categoria 1 – Crises de ansiedade e sofrimento emocional agudo

“Estudantes tendo ataques de ansiedade e precisando de atendimento dos brigadistas.”

Os relatos sobre crises de ansiedade aguda, especialmente em momentos de avaliação, revelam a intensidade do sofrimento psíquico vivenciado por muitos estudantes. Situações como essas frequentemente expõem a limitação dos docentes

em agir com segurança e preparo diante de emergências emocionais, o que gera sentimentos de impotência e sobrecarga.

Como discutem Oliveira *et al.* (2022), a ansiedade no ambiente acadêmico é um fenômeno crescente e multifatorial, demandando ações institucionais que vão além da mera notificação dos casos. Os professores que recebem suporte e formação adequada são mais capazes de agir de forma empática e protetiva, funcionando como pontos de acolhimento inicial e possíveis articuladores do encaminhamento à rede de cuidado.

Assim sendo, o Guia de Orientações contribui significativamente ao oferecer estratégias práticas para o reconhecimento e a resposta inicial à episódios de sofrimento agudo, tornando-se um instrumento pedagógico e emocional útil. A proposta se alinha à necessidade de promover ambientes universitários mais atentos à saúde mental, conforme propõem também Simões *et al.* (2022).

Categoria 2 – Insegurança no encaminhamento ao NApA

“Faltava segurança no encaminhamento. Entender melhor esse fluxo nos deixa mais seguros.”

A insegurança quanto ao encaminhamento de estudantes em sofrimento psíquico ao NApA evidencia um ponto crítico da prática docente: a falta de clareza institucional sobre os protocolos de apoio. Muitos professores relatam não saber como agir, a quem recorrer ou quais os limites de sua atuação, o que pode atrasar ou até inviabilizar a busca por ajuda especializada.

Ribeiro *et al.* (2017) defendem que fluxos institucionais bem definidos atuam como mecanismos de proteção - tanto para os alunos quanto para os docentes - ao reduzir incertezas e permitir respostas mais rápidas e seguras. O Guia de Orientações, ao explicitar o passo a passo do encaminhamento ao NApA, atua como mediador entre a demanda emocional do estudante e os recursos institucionais disponíveis, conferindo mais segurança e respaldo ao professor.

Além disso, ao reforçar o papel do professor como elo entre o estudante e a rede de apoio, o material favorece o fortalecimento da cultura institucional de cuidado, aspecto essencial para a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo, como apontam também Santos *et al.* (2024) e Del Prette e Del Prette (2021).

Categoria 3 – TDAH e dificuldades de aprendizagem

“As dicas do Guia seriam úteis para aconselhá-lo.”

Essa fala remete à insegurança dos docentes diante de estudantes que demonstram dificuldades persistentes de concentração, organização e gestão do tempo — sintomas frequentemente associados ao TDAH, mas que também podem ter outras origens. A ausência de formação específica sobre saúde mental leva muitos professores a se sentirem despreparados para atuar nesses casos, temendo ultrapassar os limites de sua função pedagógica.

Segundo Santos Gondim (2021), a falta de capacitação docente para lidar com demandas psicossociais compromete o processo educativo e intensifica o sofrimento de ambas as partes. O Guia, ao fornecer orientações objetivas e contextualizadas, ajuda a diminuir essa lacuna formativa e fortalece o papel do professor como mediador sensível e ético, conforme defendido por Del Prette e Del Prette (2021) na perspectiva das habilidades sociais educativas.

Categoria 4 – Sintomas subjetivos e não diagnosticados

“Percebi que era um TMC após ler o Guia.”

Relatos como esse ilustram o quanto o sofrimento estudantil pode se apresentar de forma subjetiva, muitas vezes sem sinais clínicos evidentes. Sintomas como apatia, tristeza, isolamento ou alterações de humor eram frequentemente percebidos como “vagos” ou “inexplicáveis” pelos docentes. A leitura do Guia permitiu suspeitar que tais manifestações fossem possíveis TMC, favorecendo o reconhecimento precoce e o encaminhamento adequado.

De acordo com Amarante (2022), é fundamental considerar a diversidade e a fluidez dos sinais de sofrimento psíquico, evitando abordagens simplistas ou estigmatizantes. O reconhecimento desses sinais subjetivos não requer um diagnóstico formal, mas sensibilidade e escuta qualificada - habilidades que, como observa Santos Gondim (2021), precisam ser desenvolvidas no cotidiano da docência universitária. Nesse sentido, o Guia atua como ferramenta formativa e de sensibilização, ampliando a capacidade interpretativa dos professores e promovendo ações mais acolhedoras.

Categoria 5 – Resistência à metodologias ativas

“Estudantes com dificuldade ou recusa em participar de metodologias ativas como o PBL.”

A resistência de alguns estudantes à participação em metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), foi apontada por professores como um desafio recorrente. Embora esse comportamento possa ser interpretado, à primeira vista, como desinteresse ou falta de compromisso, ele pode refletir manifestações silenciosas de sofrimento psíquico, como ansiedade / fobia social, medo de exposição ou baixa autoestima acadêmica.

Essa leitura é coerente com Santos *et al.* (2024), que ressaltam que alterações comportamentais - especialmente as que envolvem retraimento ou evitação - são indicativos relevantes de sofrimento emocional, exigindo atenção docente sensível. O não envolvimento em atividades colaborativas, que exigem protagonismo e exposição, pode ser, portanto, um pedido indireto de ajuda.

Além disso, como apontado por Del Prette e Del Prette (2021), habilidades sociais de comunicação, escuta e enfrentamento são essenciais para o desempenho acadêmico e profissional, mas nem todos os estudantes chegam ao ensino superior com essas competências desenvolvidas. Nesses casos, o papel do professor não é apenas o de facilitador de conteúdo, mas também de mediador do clima emocional da sala de aula, reconhecendo limites e oferecendo suporte.

Nesse contexto, o Guia de Orientações atua como uma ferramenta importante ao sensibilizar o professor para essas nuances e oferecer estratégias de acolhimento e mediação pedagógica, reduzindo o risco de interpretações equivocadas e promovendo um ambiente mais inclusivo e responsivo às vulnerabilidades dos estudantes.

Categoria 6 – Questões pessoais impactando o desempenho

“Uma aluna em processo de separação. Eu poderia ter escutado mais.”

Esse tipo de relato mostra que o sofrimento dos alunos muitas vezes extrapola o ambiente acadêmico, exigindo escuta qualificada e empatia. A perspectiva defendida por Santos Gondim (2021), que propõe o professor como uma presença sensível, atenta e disponível, reforça a importância de um olhar mais acolhedor nas relações pedagógicas e se alinha diretamente à vivência expressa neste depoimento.

Como foi colocado: *“O Guia traz muitos exemplos práticos”*; *“Eu percebo agora várias situações em que ele teria me ajudado.”* Outros professores destacaram: *“Não é incomum adultos jovens com queixas ansiosas por fobia social”*; *“Agora sei como agir com mais clareza.”*

Esses depoimentos reforçam o valor preventivo e formativo do material, contribuindo para a formação continuada do professor como agente de acolhimento.

Questão 7 – Compreensão das instruções de encaminhamento ao NApA

Pergunta: As instruções para encaminhamento ao NApA são compreensíveis e aplicáveis?

Resultados:

- Sim: 33
- Não entendi bem: 1
- Não são aplicáveis: 0

A quase totalidade dos docentes considerou as orientações claras e aplicáveis, o que reforça o bom funcionamento do fluxograma descrito no material. A única resposta negativa pode representar um caso isolado ou limitação na experiência prévia com o NApA, mas não compromete a validade geral.

Questão 8 – Recomendação do material a outros docentes

Pergunta: Você indicaria esse material a outros professores?

Resultados:

- Sim: 34 (100%)

O consenso absoluto reforça a aceitação e utilidade do material, fortalecendo seu potencial de expansão para outras instituições de ensino.

Questão 9 – Comentários abertos: sugestões, críticas ou elogios

Pergunta: Por favor, registre aqui quaisquer sugestões, observações ou críticas construtivas...

Foi a última pergunta do formulário convidou os docentes a registrarem comentários livres sobre o Guia, abrangendo elogios, sugestões, críticas construtivas ou observações. As 34 respostas foram analisadas e agrupadas em 4 grandes categorias, a seguir: (Quadro 5).

Categoria 1- Reconhecimento do valor e relevância do material: *“Esse Guia é um farol de acolhimento”*; *“Excelente trabalho, de grande relevância para o meio acadêmico”*; *“Guia extremamente interessante e claro”* ; *“Não tenho críticas . Apenas elogio ao trabalho muito bem feito , de fácil compreensão e muito pertinente, que certamente*

vai mudar minha maneira de interagir com essa nova realidade em sala de aula”; “Fiquei encantado com o guia, será um sucesso entre os professores. Agradeço muito pelo trabalho realizado, sei que vai me ajudar muito no dia a dia”; “Parabéns pela excelência do material!”; “Um material muito completo e necessário.”

As manifestações de apreço reforçam que o material foi recebido não apenas como um instrumento técnico, mas como uma ferramenta de transformação do olhar docente frente às dificuldades emocionais dos estudantes. A metáfora do “farol” invocada por um dos professores sintetiza a percepção do Guia como um recurso de orientação diante de contextos muitas vezes nebulosos e desafiadores.

A resposta positiva sugere que o material atingiu sua legitimidade simbólica e prática, nos termos de Simões *et al.* (2022), ao alinhar-se às experiências concretas vividas pelos docentes e oferecer linguagem e conteúdo adequados à realidade institucional. Em outras palavras, não é apenas um manual de instruções, mas um material que fala com e sobre os professores, reconhecendo suas angústias e lacunas formativas, como destaca Soares e Rossetto (2022) ao discutir o papel do pertencimento institucional no engajamento docente com ações formativas.

Além disso, o acolhimento explícito demonstrado nas falas dos professores confirma que o Guia também opera como espaço de reconhecimento afetivo e validação das práticas docentes, o que está em consonância com a proposta de Del Prette e Del Prette (2021) de que as competências socioemocionais docentes envolvem, além da empatia e escuta, a autoconfiança para agir diante de situações emocionalmente carregadas.

Categoria 2- Clareza e leveza da linguagem: *“Muito didático, leitura rápida e fluida”; “Parabéns pela elaboração das instruções. Servem de reflexão sobre o tema e aborda situações passíveis de vivenciarmos. É um tema delicado e ainda cheio de preconceito”; “Excelente o guia e muito explicativo”; “Não tenho sugestões. Achei muito claro”; “Esse guia tem uma excelente abordagem do tema. Leitura leve e direta. Gostei do tema e do conteúdo”; “O Guia é de fácil compreensão, completo em informações e de fácil aplicabilidade”; “O Guia é prático, claro e bem objetivo.”*

O valor atribuído à clareza e acessibilidade do texto aparece como elemento central da aceitação do material. As falas indicam que o Guia equilibra objetividade técnica com uma abordagem empática, acessível e não reduzida à diagnósticos — qualidade fundamental quando se trata de saúde mental em contextos educativos.

Santos *et al.* (2024) defendem que, em contextos de formação docente continuada, a linguagem dos materiais instrucionais precisa ser cuidadosa não apenas quanto à precisão, mas também quanto à capacidade de engajar e acolher, especialmente quando os temas envolvem sofrimento humano. Nesse sentido, o Guia respeita a “dignidade narrativa” (Amarante, 2022) dos sujeitos em sofrimento, ao evitar termos estigmatizantes e ao se valer de exemplos e sugestões ancoradas na realidade institucional, favorecendo a identificação por parte dos leitores.

Esse tipo de linguagem não apenas favorece a aprendizagem, como também fortalece o vínculo entre o professor e o material, criando condições para que ele se sinta mais seguro ao acolher estudantes com possíveis transtornos mentais — um processo que requer mais do que apenas informação: exige sensibilidade, como afirmam Del Prette e Del Prette (2021) ao discorrerem sobre as habilidades sociais docentes no manejo de situações emocionalmente delicadas.

Categoria 3- Sugestões para aprimoramento gráfico e de *layout*: *“Talvez uma versão interativa, com toques que levem direto ao conteúdo, seria ideal para o dia a dia”*; *“A inclusão de um infográfico ou algoritmo simplificado ajudaria muito nos momentos de dúvida”*; *“Imaginando tratar-se de versão ainda não finalizada, recomendo apenas a formatação do texto”*; *“Talvez uma versão resumida com menos páginas para facilitar”*; *“Sugiro alinhar todo o texto de forma justificada. Ademais, as imagens estão excelentes, bem correlacionadas ao conteúdo de cada tema.”*

Diferente das categorias anteriores, aqui os comentários não expressam críticas ao conteúdo em si, mas sim ao formato e à usabilidade cotidiana do material. As sugestões apontam para uma preocupação prática com o tempo disponível, a rapidez de acesso e o tipo de suporte necessário em situações de urgência ou dúvida. Isso revela que o Guia já é visto como um instrumento de uso frequente, e não como uma leitura pontual ou teórica.

Essa valorização do formato funcional se conecta ao entendimento de que as tecnologias digitais podem não apenas modernizar o ensino, mas servir como um suporte sensível à formação docente — atuando em consonância com as demandas imediatas e contextuais dos professores, que lidam com múltiplas tarefas e grande demanda emocional (Azevedo, 2022). O desejo por uma versão interativa, por infográficos ou versões de bolso reforça que os docentes querem utilizar o Guia como ferramenta ativa e imediata, e não apenas como leitura complementar.

Além disso, o uso de recursos visuais como fluxogramas e algoritmos, que auxiliam na tomada de decisão, está em sintonia com os princípios da andragogia - abordagem pedagógica voltada ao ensino de adultos. Segundo Knowles (1973), os adultos aprendem melhor quando o conteúdo é prático, aplicável imediatamente ao seu cotidiano e promove autonomia na resolução de problemas. No mesmo sentido, Bitencourt (2024) ressalta que a aprendizagem de adultos se fortalece com materiais objetivos, aplicáveis e adequados às dinâmicas cotidianas do ambiente educacional. Essa perspectiva é especialmente relevante para professores universitários, que atuam sob forte pressão emocional e precisam de materiais objetivos, claros e facilmente utilizáveis em situações reais de sala de aula.

Categoria 4- Propostas de expansão temática: *“Incluir mais sobre TEA (nível 1)”*; *“Aumentar transtorno de imagem corporal”*; *“Falar sobre ideação suicida e comportamentos de risco”*

As sugestões apresentadas por alguns docentes revelam um desejo claro de aprofundamento e de maior abrangência temática, o que demonstra não apenas o interesse pelo tema, mas um genuíno comprometimento com a formação contínua e a preparação para lidar com a complexidade da realidade estudantil. Tal postura se alinha à concepção de professor como agente reflexivo e corresponsável pelo cuidado institucional, conforme propõem Del Prette e Del Prette (2021), ao defenderem que a formação docente deve incluir habilidades socioemocionais e competências para interações sensíveis em contextos de sofrimento psíquico.

É importante salientar que os temas sugeridos, embora não contemplados nesta primeira versão do Guia, não foram negligenciados nem desconsiderados. Ao contrário, são reconhecidos como relevantes - especialmente por sua emergência nas vivências relatadas pelos próprios professores - e poderão ser incorporados em versões futuras do material ou em outros produtos educacionais derivados desta pesquisa.

Além disso, a proposta de versões alternativas, como um “cartão de bolso” ou infográficos, remete ao conceito de adaptação contextualizada de ferramentas pedagógicas, conforme discutido por Escobar (2016), que ressalta a importância de materiais flexíveis, que atendam às demandas reais e cotidianas do corpo docente em instituições de ensino superior. A criação de formatos mais enxutos e funcionais favorece o uso prático, contribui com a autonomia docente e amplia o alcance do

conteúdo - aspectos que conversam diretamente com as abordagens andragógicas defendidas por Knowles (2021).

Quadro 5 – Categorias dos comentários dos professores com relação ao Guia

Categoria	Falas representativas	Síntese interpretativa
Reconhecimento do valor e da relevância do material	<i>“Esse Guia é um farol de acolhimento”; “Vai mudar minha maneira de interagir com essa nova realidade”; “Material de inestimável valor”; “Excelente trabalho, de grande relevância para o meio acadêmico.”</i>	Expressam forte adesão ao propósito do Guia. A linguagem acolhedora e a abordagem humanizada foram altamente valorizadas.
Qualidade da linguagem e clareza	<i>“Muito didático, leitura rápida e fluida”; “Extremamente interessante e claro”; “Parabéns pela elaboração das instruções — aborda situações que vivenciamos.”</i>	O tom leve, sem perder o rigor técnico, facilitou o engajamento com o conteúdo.
Sugestões para aprimoramento gráfico e funcional	<i>“Seria interessante que o PDF fosse interativo”; “Versão mais limpa, com menos informação visual por página”; “Texto justificado e imagens distribuídas com mais leveza.”</i>	A maioria das sugestões se refere à formatação, navegação e organização visual, e não ao conteúdo conceitual.
Expansão temática e formatos complementares	<i>“Incluir mais sobre TEA e transtorno de imagem corporal”; “Versão resumida, tipo cartão de bolso”; “Infográfico ou algoritmo interativo para rápida consulta.”</i>	Professores demonstram interesse em versões auxiliares e materiais complementares para consulta rápida e atualização constante.

Fonte: dados da pesquisa.

Essas falas apontam caminhos para futuras reformulações, sem invalidar a estrutura principal do Guia, que já foi considerado completo, sensível e funcional. As análises das respostas às questões abertas de número 6 e 9 reforçam a conexão entre a prática cotidiana dos professores e a aplicabilidade real do Produto Educacional. O Guia não é apenas um instrumento de leitura, mas um recurso de apoio prático e formativo, capaz de ressignificar a atuação docente frente ao sofrimento psíquico dos estudantes.

A profundidade das experiências relatadas, aliada às sugestões objetivas de melhoria, demonstra que o material é reconhecido como necessário, útil e passível de evolução contínua. A dimensão humana, evidenciada pelo cuidado expressado nas falas, pelo reconhecimento institucional e pela preocupação com a saúde mental discente, permeia as falas dos docentes, que já se veem beneficiados - mesmo em estágio preliminar de uso do material.

A validação do Guia demonstrou seu impacto positivo em três dimensões: na instrumentalização prática - os docentes sentem-se mais seguros após o contato com o material ; na sensibilização afetiva - há o reconhecimento do sofrimento discente e do papel ativo do professor no acolhimento e na mobilização institucional - o Guia é visto como ponto de partida para ações mais amplas de cuidado.

Constata-se, portanto, que o Produto Educacional funciona como apoio didático e afetivo, despertando empatia e oferecendo caminhos práticos diante de uma realidade emocionalmente exigente.

6.3 - Considerações sobre a aplicação do Guia

O Guia *Presenças que cuidam: Caminhos para o Acolhimento de Estudantes de Medicina com Possíveis Transtornos Mentais* foi concebido como uma resposta concreta a um problema atual, relevante e ainda pouco enfrentado pelas instituições: o sofrimento psíquico dos estudantes universitários, particularmente em cursos altamente exigentes como a medicina. Seu principal objetivo é oferecer aos professores universitários um recurso didático-pedagógico que os auxilie a identificar sinais de sofrimento psíquico, agir com empatia e segurança, e encaminhar adequadamente os alunos aos serviços institucionais de apoio, sem extrapolar seus limites ético-pedagógicos.

A construção do Guia foi baseada em dados empíricos — oriundos de um levantamento com os docentes do curso de medicina do UNICEPLAC — e embasada em extensa revisão teórica sobre saúde mental no ensino superior, formação docente e políticas institucionais de acolhimento. Os conteúdos abordados no material foram selecionados com base na prevalência dos transtornos mentais registrados entre os estudantes da instituição, conforme dados do NApA, garantindo aderência à realidade local e maior aplicabilidade prática pelos professores. A literatura consultada (Carlesso *et al.*, 2020; Grether *et al.*, 2019; Artal *et al.*, 2022; Constantino, 2022) apontou de forma convergente para o crescimento dos TMC entre estudantes, a escassez de preparação docente e a necessidade de ações formativas e institucionais mais humanizadas e sensíveis à saúde emocional dos alunos.

Os resultados da validação do Guia, obtidos a partir de um questionário aplicado a 34 docentes após a leitura do material, bem como de uma reunião virtual síncrona, reforçaram sua utilidade prática, clareza textual, pertinência temática e potencial transformador. Além do reconhecimento textual e temático, os dados

quantitativos obtidos durante a validação reforçaram a pertinência do Guia como instrumento pedagógico. A maioria expressiva dos docentes avaliou positivamente a clareza e a organização do material, reconhecendo sua aderência à realidade discente e seu potencial de aplicação prática no cotidiano universitário. As respostas também evidenciaram um grau elevado de confiança no conteúdo, com muitos professores relatando que já vivenciaram situações em que o Guia teria sido útil, caso estivesse disponível anteriormente.

Esses resultados evidenciam que o material cumpre sua proposta de oferecer orientações úteis, com linguagem acessível e fundamentação técnica sólida. Conforme destacado por Santos *et al.* (2024) e Leal (2018), recursos educativos eficazes são aqueles que combinam clareza, empatia e aplicabilidade — características reconhecidas pelos próprios docentes neste Guia.

Os relatos abertos também contribuíram significativamente para demonstrar os efeitos práticos do Guia na sensibilização dos professores. Experiências com estudantes em crise, alunos com sintomas subjetivos e comportamentos de evitação foram mencionadas com frequência, mostrando que a realidade institucional já impõe aos docentes o enfrentamento dessas situações — mesmo que, até então, sem suporte ou diretrizes formais. Como apontam Santos (2022), o professor universitário pode e deve ser uma presença sensível e atenta, desde que seja adequadamente formado e amparado institucionalmente.

Do ponto de vista teórico, a proposta deste Produto Educacional dialoga com as lacunas formativas evidenciadas por Constantino (2022), que identificou a ausência do tema saúde mental na matriz curricular de cursos de formação docente. Também se articula às propostas de Santos Gondim (2021), que reforçam a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais no professor como estratégia para acolher e encaminhar alunos em sofrimento.

Além disso, o Guia está em consonância com as diretrizes políticas emergentes, como as propostas do Projeto de Lei nº 6.071/2023, que prevê a implementação da Política de Saúde Mental nas Instituições de Ensino Superior. A expectativa é que, à medida que essas políticas avancem, materiais como o Guia possam ser incorporados oficialmente às ações de cuidado institucional.

Em síntese, o Guia se mostrou um instrumento promissor em três dimensões complementares: - Instrumentalização prática: os professores passaram a se sentir mais preparados e confiantes para lidar com situações delicadas no cotidiano

acadêmico; - Sensibilização afetiva: houve reconhecimento do sofrimento dos estudantes e da importância do papel docente no acolhimento e - Mobilização institucional: o material foi percebido como um ponto de partida para práticas mais amplas e políticas duradouras de cuidado com a saúde mental.

Além de atender às necessidades imediatas do corpo docente do curso de medicina, o Guia foi estruturado com potencial de utilização por professores de outras graduações, tendo em vista a universalidade das dificuldades enfrentadas no cotidiano acadêmico diante do adoecimento mental discente. Assim, o material também se configura como um recurso de apoio à educação continuada, com aplicabilidade inter e transdisciplinar, podendo ser incorporado às ações de formação docente de diversas áreas do ensino superior. A linguagem acessível, a apresentação visual clara e a organização funcional dos capítulos favorecem sua adoção em diferentes contextos institucionais e perfis de curso.

A concepção do Guia dialoga diretamente com os referenciais teóricos que fundamentam esta dissertação, especialmente no que refere à formação docente sensível às subjetividades discentes e à construção de ambientes acadêmicos mais inclusivos. Trata-se de um produto educacional inédito no contexto da instituição pesquisada, com grau de inovação considerado alto, uma vez que articula conhecimentos consolidados na literatura à escuta ativa dos docentes, promovendo uma abordagem contextualizada e responsiva. Seu foco está ajustado com a linha de pesquisa de Abordagens Conceituais, o que reforça o valor científico e social da proposta.

O material estará disponível no EduCAPS e na página oficial do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, ampliando seu alcance e impacto, contribuindo para o fortalecimento de políticas institucionais voltadas à promoção da saúde mental no ensino superior.

Constata-se, portanto, que o Produto Educacional não apenas oferece orientações, mas estimula a reflexão crítica, fortalece vínculos pedagógicos e colabora com a construção de uma universidade mais humana e corresponsável — onde o saber e o cuidar caminham juntos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve origem na constatação de um cenário preocupante: o aumento expressivo de transtornos mentais entre estudantes universitários, especialmente no curso de medicina, e a ausência de formação docente voltada ao acolhimento e manejo dessas situações. A pergunta que orientou o estudo — *como apoiar o professor universitário no reconhecimento e encaminhamento adequado de estudantes com possíveis transtornos mentais?* — conduziu ao desenvolvimento de um Produto Educacional que se propôs a transformar essa lacuna em oportunidade formativa e institucional.

O percurso metodológico, de natureza aplicada e abordagem qualitativa, revelou que muitos professores se sentem despreparados para lidar com o sofrimento psíquico discente, não por falta de sensibilidade, mas pela carência de referenciais teórico-práticos e de apoio institucional. A escuta dos docentes, aliada à análise documental do NApA, permitiu compreender suas dúvidas, dificuldades e estratégias de acolhimento. Esses achados subsidiaram a construção do Guia “Presenças que Cuidam”, estruturado para oferecer orientações claras, exemplos práticos e fluxos institucionais de encaminhamento, articulando conhecimento técnico em uma linguagem acessível.

A validação do Guia confirmou sua clareza, pertinência e aplicabilidade, mas também trouxe reflexões que transcendem o produto em si. A pesquisa evidenciou que o acolhimento no ensino superior precisa ser compreendido como um processo compartilhado entre professores, gestores e serviços de apoio psicológico, e não como uma responsabilidade individual. Nesse sentido, o Guia funciona não apenas como um recurso informativo, mas como um instrumento formativo que estimula o diálogo, a empatia e a corresponsabilidade institucional no cuidado com a saúde mental discente.

Ao longo do processo, foi possível observar que o trabalho contribui diretamente para o ensino em medicina, ao estimular uma cultura pedagógica mais humanizada e atenta aos fatores emocionais que impactam a aprendizagem. O Guia pode ser incorporado em programas de formação continuada docente, tanto na medicina quanto em outros cursos, funcionando como eixo de sensibilização e suporte para a prática pedagógica. Sua utilização em oficinas, encontros pedagógicos e

disciplinas de formação docente representa um caminho viável para consolidar a temática da saúde mental como componente essencial da formação universitária.

A pesquisa também se insere na linha de Abordagens Conceituais, ao propor uma reflexão crítica sobre o papel do professor como agente mediador entre o conhecimento e o cuidado. O produto dialoga com as bases teóricas que orientam o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS), ao traduzir conceitos científicos em ferramentas aplicáveis, unindo rigor acadêmico e relevância social. Sua originalidade reside no caráter interdisciplinar e no processo de construção colaborativa, fundamentado na escuta qualificada dos docentes e na integração entre teoria, prática e realidade institucional — elementos que conferem ao produto elevado potencial de inovação e impacto formativo.

Reconhece-se, contudo, que o alcance do Guia foi limitado ao contexto de um curso específico e a um número restrito de participantes. Futuras investigações poderão ampliá-lo para outros cursos e instituições, testar versões interativas ou impressas, e avaliar o impacto longitudinal de sua adoção em políticas de bem-estar e saúde mental. Também seria pertinente explorar sua integração com plataformas educacionais institucionais para promover maior acesso e atualização contínua.

Como pesquisadora e docente, compreendo que este trabalho representa mais do que um produto final: ele expressa um compromisso ético com a educação que cuida, escuta e transforma. Ao propor caminhos concretos para o acolhimento discente, reafirma-se que a formação em saúde — e, de modo mais amplo, a formação universitária — precisa reconhecer o estudante como sujeito integral, cujas dimensões cognitivas, emocionais e sociais se entrelaçam no processo de aprender e ensinar. Essa compreensão reforça a necessidade de práticas pedagógicas que conciliem rigor técnico, empatia e compromisso ético, fortalecendo a construção de um ambiente acadêmico que valorize o cuidado como parte essencial da formação profissional.

8. REFERÊNCIAS

- Aguiar, G. A. de *et al.* Saúde mental dos professores em contextos de precarização: perspectivas sobre a educação contemporânea. *Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades*, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/386049022>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- Alreybah, E. M. I. (2022). Prevalence and associated factors of panic disorder among medical students in Abha University, Abha, Saudi Arabia, 2020: A cross-sectional study. *International Journal of Health Sciences*, 6(S4), 11544–11563. <https://doi.org/10.53730/ijhs.v6nS4.11233>
- Alves, E. L. G. *et al.* Saúde mental dos professores: desafios e estratégias para o bem-estar docente. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 6, 2025. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/390325657>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- Amarante, Paulo. Saúde mental: seminário critica excesso de medicação e discute alternativas. Informe ENSP, 2022. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/53529>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- Antunes, I. B.. *Promoção da saúde mental no ensino superior através de práticas artísticas: a perspectiva dos jovens*. Dissertação (Mestrado em Temas de Psicologia – área de Reabilitação Psicossocial e Saúde Mental) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2024. Disponível em: https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.show_file?pi_doc_id=446151. Acesso em: 25 ago. 2025.
- Artal, Ingrid Ing Bley, *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns em estudantes universitários = Prevalence of common mental disorders in university students. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro Universitário de Várzea Grande, Universidade de Várzea Grande, Várzea Grande, 2022. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1443>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- Azevedo, D. S. S.; Correia-Neto, J. S.; Boll, C. I. As tecnologias digitais no contexto da formação continuada do docente universitário. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 6, e10011628714, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i6.28714>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1.ed. Rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2016.
- Bitencourt, Vanessa C. de. *A Andragogia de Knowles: fundamentos perenes e desafios atuais na educação de adultos no Brasil frente à Meta 9 do Plano Nacional de Educação*. *Revista Observatório de la Economía Latinoamericana*, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 839-852, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/377479841_A_andragogia_de_knowles_fundamentos_perenes_e_desafios_atuais_na_educacao_de_adultos_no_Brasil_frente_a_meta_9_do_plano_nacional_d_e_educacao. Acesso em: 1 set. 2025.
- Brasil. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 6071, de 2023. Institui a Política de Saúde Mental nas Instituições de Ensino Superior. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2384824&filename=Avulso+PL+6071%2F2023. Acesso em: 28 abr. 2025.
- Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2014. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/junho-2014-pdf/15874-rces003-14>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29 abr. 2024.

Brasil. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 29 abr. 2024.

Brasil. Ministério da Educação. Programa Incluir: acessibilidade na educação superior. 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=816-incluir-propostas-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 5 jun. 2024.

Camargo, BV; Justo, AM. *IRaMuTeQ: um software gratuito para análise de dados textuais*. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 2, pág. 513–518, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 26 mar. 2025.

Cardoso ACC, et al. Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de Medicina durante a pandemia de Covid-19. *Rev Bras Educ Med*. 2022;46(1):e006. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.1-20210242>.

Carlesso, JPP. Os desafios da vida acadêmica e o sofrimento psíquico dos estudantes universitários. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 9, n. 2, e82922092, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i2.20921>. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-8488-1906>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Carvalho, C. J. de; Silveira, M. de F. de A. (Sobre)vivências, saúde mental e enfrentamento à pandemia de universitários em vulnerabilidade socioeconômica. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 14, e288101421955, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i14.21955>. Acesso em: 8 set. 2025.

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – UNICEPLAC. Apoio Discente - NAPA. Disponível em: <https://www.uniceplac.edu.br/apoio-discente-napha/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Coleção Inclusão - Livro 6 - Acessibilidade e Inclusão no ensino superior. PublicaCiar, Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Constantino, M. A. M. de O. A saúde mental dos estudantes e a formação de professores: um estudo de caso a partir do curso de Pedagogia da UFRJ. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/dissertacoes2022/dMaria%20Aline%20Moreira%20de%20Oliveira%20Constantino.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Cunha, E. C. M.; Souza, A. B. R.; Novaes, V. R. Sofrimento psíquico de discentes no ensino superior: uma revisão sistemática de literatura. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 3, n. 5, e351460, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i5.1460>. Acesso em: 25 ago. 2025.

Custódio, C. G.; Cabo, J. S. do; Fasanella, N. A.; Almeida, F. A. de; Pavan, M. V. Fatores protetores e de risco à saúde mental de estudantes de Medicina na perspectiva deles. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 49, n. 3, e113, 2025. DOI: 10.1590/1981-5271v49.3-2024.0295. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/394553679_Fatores_protetores_e_de_risco_a_saude_mental_de_estudantes_de_Medicina_na_perspectiva_deles. Acesso em: 7 set. 2025.

Da Silva Azevedo, D. S.; Correia-Neto, J. S.; Boll, C. I. As tecnologias digitais no contexto da formação continuada do docente universitário. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 6, e10011628714, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i6.28714>. Acesso em: 8 set. 2025.

Del Prette, A.; Del Prette, Z. A. P. *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis: Vozes, 2017. Disponível em:

https://proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/ebook_vol_vi_-_habilidades_sociais_compressed_1.pdf . Acesso em: 25 ago. 2025.

Escobar, B. T. de; Spinillo, C. G. Infografia e educação: proposta de processo de design para infográficos na educação a distância. *Infográfico e Educação*, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311456393_INFOGRAFIA_E_EDUCACAO_PROPOSTA_D_E_PROCESSO_DE_DESIGN_PARA_INFOGRAFICOS_NA_EDUCACAO_A_DISTANCIA. Acesso em: 8 set. 2025.

Faculdade Aridesa. Núcleo de Apoio Psicopedagógico - NAP. Disponível em: <https://faculdadaridesa.edu.br/nap/>. Acesso em: 22 maio 2024.

Farinha, M.G.; Centurion, N.B.; Braga, T.B.M.; Stefanini, J.R. Rodas de conversa com universitários: prevenção e promoção de saúde. *Revista Nufen: Fenomenologia e Interdisciplinaridade*, v. 11, n. 2, p. 19–38, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000200003. Acesso em: 3 jul. 2025.

Fragelli, Thaís Branquinho Oliveira; Fragelli, Ricardo Ramos. Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rápida *review* de estudos longitudinais. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, e029593, p. 1-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.29593>.

Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

Gomes, L. M. L. da S. *et al.* Saúde mental na universidade: ações e intervenções voltadas para os estudantes. *Educação em Revista*, v. 39, e40310, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469840310>. Acesso em: 8 set. 2025.

GPS Brasília. *Medicina UNICEPLAC: excelência acadêmica e inovação no ensino-aprendizagem*. Disponível em: <https://gpsbrasil.com.br/medicina-uniceplac-excelencia-academica-e-inovacao-no-ensino-aprendizagem/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Grether, EO *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina da Universidade Regional de Blumenau (SC) = Prevalence of common mental disorders in medical students from Universidade Regional de Blumenau – SC. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 1 Supl. 1, p. 276-285, 2019.

Justo, A. R.; Andretta, I. *Competências socioemocionais de professores: avaliação de habilidades sociais educativas e regulação emocional*. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 50, p. 104–113, 2020. DOI: 10.5935/2175-3520.20200011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicoeduca/a/...> . Acesso em: 7 set. 2025.

Knowles, Malcolm. *The Modern Practice of Adult Education: From Pedagogy to Andragogy*. [S.l.]: [s.n.], [data de publicação do PDF]. Disponível em: <https://colllearning.info/wp-content/uploads/2019/03/The-Modern-Practice-of-Adult-Education.pdf> . Acesso em: 1 set. 2025.

Leal, LTA. Saúde mental dos professores de uma universidade: um estudo com docentes dos cursos da área da saúde do ensino superior. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2860/1/Luiza%20Tamara%20de%20Almeida%20Leal.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Leão, A. R. c. *et al.* *Sofrimento psíquico na universidade e o campo da Saúde Mental Coletiva: uma revisão integrativa de 46 anos*. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 497–506, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Z36yHBD564GkfjV4x9BdfR> . Acesso em: 25 ago. 2025.

Lima, F. G. de; Vecchi, L. M.; Paloski, L. H. Saúde mental de docentes universitários: uma revisão sistemática da literatura. *Linhas Críticas*, v. 30, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/50850>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Marinho, J.R.; Guazina, F.M.N.; Zappe, J.G. *Experiências de ser estudante universitário em tempos de pandemia: mudanças, adaptações e perspectivas compartilhadas*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 49, e267797, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9292819.pdf>. Acesso em: 7 set. 2025.

Marques, F. B.; Moreira, B. C.; Maculan, B. C. Coocorrência de palavras-chave em dados abertos da CAPES: teses e dissertações em Ciência da Informação. *MOCI – Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/download/37157/29001>. Acesso em: 7 set. 2025.

Ministério da Saúde. OMS divulga relatório mundial de saúde mental: transformar a saúde mental para todos. [Internet]. [citado em 30 de novembro 2023]. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/oms-divulga-informe-mundial-de-saude-mental-transformar-a-saude-mental-para-todos/>.

Nwachukwu, CE *et al.* Problemas comuns de saúde mental e fatores associados entre estudantes de medicina da Universidade de Ibadan, Nigéria. *Journal of Mental Health*. DOI: 10.1080/09638237.2021.1875404. Publicado online: 01 fev. 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1080/0963823>. Acesso em: 12 out. 2024.

Oliveira, JKP *et al.* Saúde mental dos universitários e docentes no ensino remoto durante a pandemia COVID-19. *Revista Sociedade em Debate*, v. 4, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.sociedadeemdebate.com.br/index.php/sd/article/download/52/34>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Organização Pan-americana de Saúde. Uma Nova Agenda para a Saúde Mental nas Américas: Relatório da Comissão de Alto Nível da Organização Pan-Americana da Saúde sobre Saúde Mental e COVID-19. 2023. ISBN 978-92-75-12722-3. Disponível em: <http://doi.org/10.37774/9789275127223>. Acesso em: 30 de nov. 2023.

Pinto, MCC de Almeida; Fonseca, FJ. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 152–168, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/BcTvMyY4JMR4tZzzhZLtNDJ>. Acesso em: 25 ago. 2025.

Quek, TT-C. *et al.* (2019). The Global Prevalence of Anxiety Among Medical Students: A Meta-Analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(15), 2735. <https://doi.org/10.3390/ijerph16152735>.

Resende, G. C.; Pimentel, L. L. L.; Quintero, a. g. p. *Escuta e acolhimento em saúde mental: a experiência de universitários em atendimento no Pode Falar*. *Saberes: revista interdisciplinar de filosofia e educação*, caicó, RN, v. 25, n. 01, jan. 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/38253>. Acesso em: 7 set. 2025.

Ribeiro, L; Peixoto, C; Bastos, A. Integração ao ensino superior e saúde mental: um estudo em uma universidade pública. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, v. 22, n. 3, p. 675-695, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/dfcGTywRV3srdNG7NVTvG4K/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Rocha, NO *et al.* Transtornos da saúde mental e comprometimento da qualidade de vida entre os estudantes de medicina no Brasil. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 9, p. 93756-93769, set. 2021.

Sahão, Fernanda Torres; Kienen, Nádia. Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 25, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021224238>

Sales, R. V.; Oliveira, E. M. de; Coelho, H. R. Saúde mental no ensino superior: um guia prático para professores universitários. *Cuadernos De Educación Y Desarrollo*, v. 17, n. 2, e7576, 2025. Disponível em: <https://cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7576>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Santos, FM. Análise de conteúdo: A visão de Laurence Bardin. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, n. 1, p. 383-387, mai. 2012. DOI: 10.14244/19827199291. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/download/291/156/1411> . Acesso em: 7 set. 2025.

Santos, IM *et al.* Capacitação em saúde mental para professores de cursos técnicos de instituições de ensino superior: promovendo um ambiente escolar acolhedor e propício ao aprendizado. *Revista Científica Excellence*, v. 28, n. 1, 2024. Disponível em: https://excellenceeduc.com/revista_cientifica_excellence_v_28_dezembro_2024_artigo_09.pdf. Acesso em: 3 jul. 2025.

Santos, NC *et al.* Trabalho e saúde mental: produzindo reflexões com docentes de magistério superior em enfermagem. *Revista Pró-UniversSUS*, v. 14, n. 3 (Especial), p. 154–160, 2023. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/download/4039/2210/22650>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Santos, M. M.; Gondim, L. S. S. *Contribuições da relação professor-aluno no cuidado à saúde mental do estudante: revisão da literatura (2015–2020)*. *Cadernos de Psicologia da Educação (Online)*, v. 30, n. 31, p. [---], 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542021000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 8 set. 2025.

Seo, C. *et al.* (2021). Risk factors for suicidal ideation and suicide attempt among medical students: A metaanalysis. *PLoS ONE*, 16(12), e0261785. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0261785>

Shebl, EM *et al.* (2023). Attention-deficit hyperactivity disorder in Egyptian medical students and how it relates to their academic performance. *Journal of Family and Community Medicine*, 30(4), 287-294. https://doi.org/10.4103/jfcm.jfcm_59_23

Simões, M *et al.* Saúde mental na universidade: ações e intervenções institucionais. *Educação em Revista*, v. 38, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/wpFT8qpYkFN3JgWS5XD9qJD/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Soalheiro, NI; Mota, Sagnori, F. Medicalização da vida: doença, transtornos e saúde mental. *Revista Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 65–85, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/49807> . Acesso em: 3 jul. 2025.

Soares, N. M.; Rossetto, E. Saúde mental e docência no ensino superior: uma pesquisa bibliográfica. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 9, n. 23, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/8138>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Tourinho, LOS. *et al.* Principais fatores desencadeantes de distúrbios mentais em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação, Saúde e Bem estar*, [v. 1, n. 2, Edição Especial - II Congresso Internacional de Saúde do Sul da Bahia, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29327/2335218.1.2-11>.

UNICEPLAC. *Quem Somos*. Disponível em: <https://www.uniceplac.edu.br/quem-somos/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

UNICEPLAC. *Curso de Medicina*. Disponível em: <https://www.uniceplac.edu.br/curso/medicina/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

UNICEPLAC. *Últimas semanas para se inscrever no Vestibular de Medicina UNICEPLAC 2025.1*. Disponível em: <https://www.uniceplac.edu.br/noticia/ultimas-semanas-para-se-inscrever-no-vestibular-de-medicina-uniceplac-2025-1/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

UNICEPLAC. Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Acessibilidade – NApA. Gama: Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, [2025]. Disponível em: <https://www.uniceplac.edu.br/apoio-discente-napa/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

9 - ANEXOS E APÊNDICES

9.1- ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - anexo 1

Prezado professor(a),

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa de pós-graduação intitulado “Guia de Orientação aos Professores para abordagem de estudantes portadores de transtornos mentais comuns”, de responsabilidade da pesquisadora, a professora do curso de medicina da UNICEPLAC, Dania Lemos Dionízio.

Essa pesquisa tem como objetivo principal: 1- Contribuir para a orientação e sensibilização de professores de medicina ao lidar com alunos portadores de transtornos mentais comuns, visando a promoção de um aprendizado eficiente e inclusivo durante o curso. Como objetivos específicos: 2- Promover um ambiente tranquilo em sala de aula com participação efetiva do aluno. 3- Avaliar o nível atual de conhecimento e preparação dos professores universitários para lidar com questões de saúde mental em sala de aula; 4- Assegurar que o aluno portador de transtorno mental comum obtenha melhora de seu desempenho acadêmico e qualidade de vida; 5- Conscientização sobre saúde mental e redução do estigma associado aos transtornos psiquiátricos no ambiente universitário.

Para realizar esta pesquisa, você responderá a um questionário que será aplicado na plataforma de administração de pesquisa *online* do *Google forms* e será composto por perguntas de múltipla escolha e por 1 questão aberta. A privacidade dos participantes será garantida, assegurando o anonimato das respostas. O questionário incluirá perguntas sobre idade, gênero, tempo de experiência docente e familiaridade com transtornos mentais. A análise quantitativa desses dados proporcionará um perfil detalhado dos participantes, permitindo correlacionar variáveis demográficas com níveis de conhecimento e preparação para lidar com questões de saúde mental. Os dados obtidos através desse questionário serão analisados por leitura e análise qualitativa das respostas. Na sequência, será confeccionado um Guia de Orientações aos Professores com dicas e estratégias para lidar com alunos portadores de transtornos mentais comuns – ansiedade, depressão, estresse, TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade). Este Guia será disponibilizado em formato impresso, digital (PDF), ou ambos, com base nas preferências dos professores e na análise de custo-benefício, para garantir sua máxima acessibilidade e utilidade. A autora fará uma reunião virtual para apresentação deste Guia aos professores participantes.

O(a) Senhor(a) não terá despesa e nem será remunerado pela participação na pesquisa. Você tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar-se em qualquer momento da pesquisa, sem penalização alguma. Ressalta-se que esta pesquisa não oferece nenhum dano moral, uma vez que será realizada de forma totalmente *online*, com garantia de sigilo dos dados coletados e, em nenhuma hipótese, os dados pessoais (nome e e-mail) serão divulgados.

Um dos principais benefícios dessa pesquisa é fornecer aos professores um recurso prático e baseado em evidências científicas para melhor apoiar estudantes com transtornos mentais, contribuindo para um ambiente acadêmico mais inclusivo e adaptativo. Ao capacitar os docentes com conhecimento e estratégias para lidar de forma efetiva com questões de saúde mental, espera-se melhorar o bem-estar e o desempenho acadêmico dos estudantes afetados.

Os riscos que a confecção desse Guia pode oferecer são: possibilidade de simplificação excessiva dos transtornos e estratégias de manejo, levando a mal-entendidos; os professores podem se tornar excessivamente dependentes do Guia, evitando buscar apoio profissional adequado para casos mais complexos; expectativa irrealista de que o Guia solucione todos os desafios relacionados à saúde mental na sala de aula, causando frustração ante a ausência de melhorias imediatas. A redução desses riscos requer o desenvolvimento cuidadoso deste material, baseando-se em revisões de literatura especializada e em consultas com profissionais de saúde mental, além de ser considerado como um recurso complementar ao suporte profissional.

Caso deseje, você terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, antes, durante e depois da sua participação. Basta fazer contato pelo e-mail abaixo. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins deste estudo, pois muitos professores universitários não possuem formação ou recebem instruções específicas sobre como lidar com alunos portadores de transtornos mentais comuns em sala de aula. O produto desta pesquisa pode ajudar a preencher essa carência. Ademais, os transtornos psiquiátricos podem afetar significativamente o desempenho acadêmico e o bem-estar dos estudantes. Orientar os professores sobre como apoiar esses alunos pode melhorar os resultados educacionais e a qualidade de vida dos estudantes.

Esclarecemos que no decorrer e após a pesquisa o senhor terá acesso às informações sobre a metodologia da pesquisa e os resultados publicados. A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número. Os pesquisadores se comprometem e estão sujeitos ao disposto na resolução CNS 466/2012.

Caso concorde sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, assinale "Sim" no campo abaixo e responda o questionário até o final. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNICEPLAC

SIGA Área Especial Nº 2- Setor Leste-Gama-DF – Sala 208 Bloco E – CEP: 72460-000 Telefone: (61) 3035-1811 – E-mail: cep@uniceplac.edu.br

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF – CEP: 70723-040
Telefone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

Nestes termos, agradeço sua colaboração.

Profª Dania Lemos Dionízio
dania.dionizio@uniceplac.edu.br

Universidade do Planalto Central – UNICEPLAC

9.1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – UNICEPLAC - anexo 2

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO
PLANALTO CENTRAL
APPARECIDO DOS SANTOS -
UNICEPLAC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O papel do professor frente ao adoecimento mental dos alunos de medicina: desenvolvimento de uma Cartilha de Orientação aos Professores

Pesquisador: DANIA LEMOS DIONIZIO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 80085624.1.0000.5058

Instituição Proponente: UNIAO EDUCACIONAL DO PLANALTO CENTRAL LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.017.769

Apresentação do Projeto:

Introdução:

Nos últimos anos, a saúde mental de estudantes universitários tem emergido como um tema de crescente interesse e preocupação dentro do ambiente acadêmico. A transição para a vida universitária, marcada por desafios, expectativas e pressões diversas, pode exacerbar vulnerabilidades preexistentes ou contribuir para o desenvolvimento de transtornos mentais, tais como estados de ansiedade, de irritabilidade e estresse, de fadiga ou insônia, e até mesmo dificuldade de memória e concentração ou sintomas depressivos, além de queixas somáticas. Esse grupo de sintomas se enquadra nos Transtornos Mentais Comuns (TCM). A identificação precoce e o manejo adequado desses transtornos tornam-se, portanto, essenciais para promover um ambiente acadêmico mais saudável e produtivo. Nesse contexto, surge a hipótese central deste trabalho: a confecção e implementação de uma Cartilha de Orientação aos Professores Universitários pode promover estratégias eficazes para auxiliar na identificação e abordagem dos estudantes afetados TMC, contribuindo, para a diminuição do estigma associado à saúde mental, para a promoção de estratégias e tratamento do sofrimento psíquico. I

Hipótese: Uma Cartilha Didático-formativa como possível ferramenta sensibilizadora e

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E 2o andar - Sala 208
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.445-020
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br

PLANALTO CENTRAL
APPARECIDO DOS SANTOS -
UNICEPLAC



Continuação do Parecer: 7.017.769

Termo de Ciência do Local de Realização da Pesquisa assinado pelo Diretor ou Responsável Legal.

Questionário a ser aplicado.

Orçamento e Financiamento.

Cronograma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não há óbices éticos

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2327170.pdf	14/08/2024 01:48:07		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoBrochuraDoPesquisador.pdf	14/08/2024 01:47:08	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Brochura Pesquisa	BrochuraPesquisaDaniaVersaoModificadaDetalhada.pdf	14/08/2024 01:44:08	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Outros	TermoDeCompromissoDeUtilizacaoDeDados2.pdf	14/08/2024 01:39:49	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecidoModificado.pdf	03/05/2024 23:58:33	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Outros	CurriculodoSistemaLattesDaniaLemosDionizio.pdf	02/05/2024 12:43:58	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Outros	CurriculodoSistemaLattesStellaAzevedoSilvaLima.pdf	02/05/2024 12:42:02	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Cronograma	CronogramaPesquisa.pdf	23/04/2024 22:48:18	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Orçamento	OrcamentoPesquisa.pdf	20/04/2024 20:50:07	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	TermoResponsabilidadeProfessorPesquisador.pdf	20/04/2024 20:48:26	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termoanuenciaassinado.pdf	20/04/2024 20:46:20	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E 2o andar - Sala 208

Bairro: Setor Leste

CEP: 72.445-020

UF: DF

Município: REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA

Telefone: (61)3035-1811

E-mail: cep@uniceplac.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO
PLANALTO CENTRAL
APPARECIDO DOS SANTOS -
UNICEPLAC



Continuação do Parecer: 7.017.769

Folha de Rosto	folharostoplatamabrazil.pdf	20/04/2024 20:13:43	DANIA LEMOS DIONIZIO	Aceito
----------------	-----------------------------	------------------------	-------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

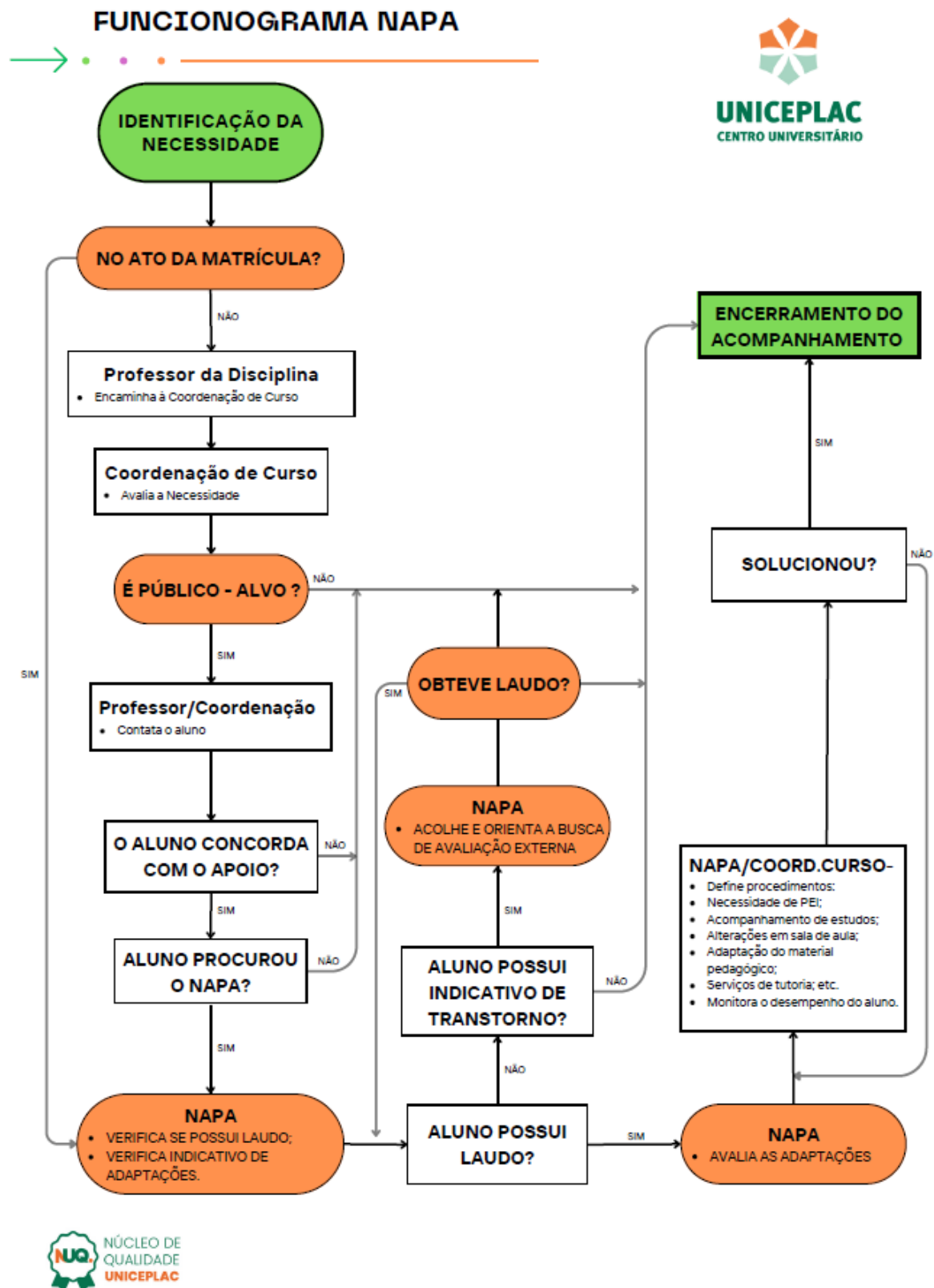
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA, 20 de Agosto de 2024

Assinado por:
Giovanni Monteiro Ribeiro
(Coordenador(a))

9.1 – FUNCIONOGRAMA DO NApA, UNICEPLAC, 2025 - anexo 3



9.2 - APÊNDICES (apêndice A)

Questionário 1

Nome:

Gênero com o qual se identifica: M F

Outro

Qual é a sua formação superior?

E-mail institucional:

1- Você ministra aula(s) para qual(ais) período(s) do curso de medicina UNICEPLAC:

1° 2° 3° 4° 5° 6° 7° 8° 9° 10° 11° 12°

2- Tempo de docência em ensino superior:

até 5 anos 5 a 10 anos 10 a 15 anos 15 a 20 anos mais de 20 anos

3- Você sabe que existe um NApA (Núcleo de Apoio Discente e Acessibilidade) no UNICEPLAC e qual o tipo de atividade de lá? (pode marcar mais de 1 alternativa)

não

sim, mas não sei como ele funciona

sim, e trabalham com estudantes PCD (portadores de deficiência): a

sim, e trabalham com estudantes diagnosticados com problemas psiquiátricos: b

sim, e trabalham com estudantes “problemáticos”: c

sim: a + b + c

4- Qual dos sintomas abaixo você julga fazer parte de um quadro de ansiedade? (pode marcar mais de 1):

impaciência sonolência palpitações agitação sudorese esquecimento irritabilidade

5- Qual dos sintomas abaixo você julga fazer parte de um quadro de depressão? (pode marcar mais de 1):

impaciência sonolência palpitações agitação sudorese esquecimento irritabilidade

6- Qual dos sintomas abaixo você julga fazer parte de um quadro de estresse? (pode marcar mais de 1):

impaciência sonolência palpitações agitação sudorese esquecimento irritabilidade

7- Você já recebeu algum tipo de orientação (oriunda do NApA ou da própria Instituição) sobre como lidar com alunos portadores desses transtornos?

não

sim, por meio de material escrito (folheto, folder, por e-mail)

sim, por meio de encontros, seminários, mesas de discussão, palestras

8- Você já se deparou com uma situação inusitada e/ou difícil na sala de aula causada por algum problema que parecia ser de saúde mental do aluno?

não

sim, 1 vez

sim, 2 a 5 vezes

sim, mais de 6 vezes

9- Qual foi a sua reação imediata?

indiferente, continuou agindo como se nada tivesse acontecido e prosseguiu com sua aula.

solicitou que outro aluno acompanhasse o colega para um lugar mais tranquilo e continuou com sua aula.

solicitou que outro aluno acompanhasse o colega para um lugar tranquilo e, posteriormente, procurou o aluno para conversar e saber melhor o que poderia estar acontecendo com ele.

interrompeu sua aula e, em outro ambiente, conversou com o aluno, mostrando-se interessado em ouvi-lo.

indiferente no momento, concluiu sua aula e, em um segundo momento, procurou a coordenação do curso e solicitou orientação sobre o que deveria ser feito.

indiferente no momento, concluiu sua aula e, em um segundo momento, procurou o aluno e o encaminhou ao NApA.

() Outro:

10- Você já encaminhou algum aluno para o NApA?

- () não
() sim, 1 vez
() sim, 2 a 5 vezes
() sim, mais de 6 vezes

11- Com o intuito de receber informações, orientações e dicas sobre os sinais e sintomas dos transtornos mentais comuns e como lidar com os alunos adoecidos mentalmente, você optaria por qual metodologia didática?

(escolha apenas 1 alternativa)

- () um manual didático impresso
() um manual didático no formato digital
() realização de oficinas
() conferências sobre o tema
() rodas de conversa

12- Qual é sua percepção sobre: “A realidade do professor universitário mediante o crescente aumento na prevalência dos transtornos mentais comuns (Ansiedade, Depressão, Estresse, TDAH) nos acadêmicos de Medicina” e como isso afeta a sua realidade / o seu trabalho?

9.2 - APÊNDICES (apêndice B)

Questionário 2

E-mail institucional:

Qual é a sua formação superior?

1- O conteúdo do Guia foi claro e de fácil compreensão?

- Totalmente claro
- Claro na maior parte
- Confuso e de difícil entendimento

2- A estrutura e organização dos capítulos facilitaram a leitura?

- Muito fácil de acompanhar
- Moderadamente fácil
- Exigiu releituras
- Confusa

3- Os temas e transtornos abordados refletem a realidade dos estudantes que você acompanha?

- Totalmente
- Parcialmente
- Pouco
- Não refletem

4- Você sentiu falta de algum transtorno mental ou tópico relevante?

- Sim
- Não

Se sim, qual? (*campo opcional*): _____

5- O Guia oferece orientações úteis e práticas para lidar com alunos em sofrimento psíquico?

- Sim, de forma eficaz
- Parcialmente útil
- Pouco aplicável
- Não oferece suporte prático

6- Você já vivenciou alguma situação com um estudante no Campus que uma dica ou orientação do Guia poderia ter feito diferença na sua condução do caso? Responda SIM ou NÃO e relate a história /argumente:

7- As instruções para encaminhamento ao NApA são compreensíveis e aplicáveis?

- Sim
- Não entendi bem
- Não são aplicáveis à minha realidade

8- Você indicaria esse material a outros professores?

- Sim
- Talvez
- Não

8- Por favor, registre aqui quaisquer **sugestões, observações ou críticas construtivas** sobre o conteúdo, linguagem, formato ou aplicabilidade do Guia:

Resposta aberta (campo de texto)

9.2 - APÊNDICES (apêndice C)

Roteiro Semiestruturado para a Fase de Validação do Produto Educacional

1- Objetivo do encontro:

Avaliar de forma qualitativa a percepção dos professores sobre o conteúdo, aplicabilidade e formato do Guia de Orientação para a abordagem de estudantes com possíveis Transtornos Mentais no Ensino Superior, considerando suas experiências, impressões e sugestões para aperfeiçoamento do material.

2- Acolhimento e contextualização (5 min)

- Agradecimento pela presença e participação na pesquisa.
- Relembrete: o Guia foi enviado com antecedência e já foi avaliado por meio de questionário online.
- Explanação do objetivo do encontro e da importância da escuta dos professores para os ajustes finais do material.
- Confirmação de autorização para gravação do encontro.

2- Percepções iniciais sobre o Guia (10 a 15 min)

- Como foi a experiência de leitura do Guia?
- Algum conteúdo chamou mais atenção? Por quê?
- Há trechos que foram particularmente úteis, confusos ou dispensáveis?
- O material parece acessível, claro e aplicável à realidade da docência?
- Vocês consideram que o Guia acolhe as principais preocupações dos docentes frente ao adoecimento mental dos estudantes?

4- Aplicabilidade prática e possíveis usos (10 a 15 min)

- Em quais situações o Guia poderia ser utilizado no cotidiano docente?
- Você já vivenciou alguma situação com um estudante no Campus que uma dica ou orientação do Guia poderia ter feito diferença na sua condução do caso? Responda SIM ou NÃO e relate a história /argumente:
- O conteúdo favorece a tomada de decisão e o encaminhamento adequado ao NApA?
- Há sugestões para facilitar a incorporação desse material nas práticas pedagógicas (ex: resumo impresso, página interativa)?

5- Necessidades não contempladas ou sugestões de aprimoramento (10 min)

- Há algo que vocês sentem falta no Guia? Algum tema ou orientação que deveria ser incluída?
- Como o Guia poderia ser mais útil ou mais próximo da realidade de vocês como professores?
- O que poderia ser retirado, modificado ou aprofundado?

6- Formato de distribuição e divulgação (5 min)

- Qual formato seria mais prático para o uso docente: PDF, impresso, digital interativo, vídeo explicativo, outro?
- Como vocês sugerem que o Guia seja apresentado aos novos docentes ou incluído em processos institucionais de formação continuada?

7- Considerações finais (5 min)

- Espaço aberto para comentários livres.
- Reforço do agradecimento pela contribuição.
- Informar que os registros (fala + questionários) serão analisados para compor os **Resultados da Avaliação do Produto Educacional**.